

**Universidade de São Paulo  
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”**

**Envolvimento de jovens em processos grupais de educação  
ambiental: um estudo de caso**

**Ana Paula Coati**

Dissertação apresentada para obtenção do título de  
Mestre em Ecologia de Agroecossistemas

**Piracicaba  
2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Ana Paula Coati  
Psicóloga**

**Envolvimento de jovens em processos grupais de educação ambiental: um  
estudo de caso**

Orientador:  
Prof. Dr. MARCOS SORRENTINO

Dissertação apresentada para obtenção do título de  
Mestre em Ecologia de Agroecossistemas

**Piracicaba  
2006**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - ESALQ/USP**

Coati, Ana Paula

Envolvimento de jovens em processos grupais de educação ambiental: um estudo de caso / Ana Paula Coati. - - Piracicaba, 2006.  
133 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 2006.

1. Cidadania 2. Educação ambiental 3. Estudo de caso 4. Formação do indivíduo  
5. Jovens 6. Meio ambiente I. Título

CDD 333.707

**“Permitida a cópia total ou parcial deste documento, desde que citada a fonte – O autor”**

Dedico este trabalho aos meus pais Pedro Waldecir Coati e Maria Helena Sanches Coati (in memoriam), que me ensinaram e apoiaram em todo o meu desenvolvimento e crescimento.

À minha irmã Milena Regina Coati e ao Leonardo Gorayb pelo apoio e companheirismo, nos momentos difíceis.

Ao Marcos Sorrentino, um mestre sem igual, educador paciente, transparente, que compartilha todo o seu saber com grande amor pelo que faz e pela vida.

E finalmente, ao Leandro Francisco do Carmo pelo companheirismo, pela ajuda, apoio e amor nos momentos difíceis e nos momentos felizes.

## AGRADECIMENTO

Agradeço imensamente à minha Mãe Maria Helena Sanches Coati (*in memoriam*), todo o seu apoio, companheirismo, amparo, sua ajuda, cooperação e participação. Sempre presente, ficou um espaço sem fim onde ela estava. À minha grande e fiel amiga, minha mais profunda gratidão. Ao meu pai - Pedro Waldecir Coati, o zelo, o carinho, seu exemplo de vida e apoio em todos os momentos.

Ao Marcos Sorrentino, mestre e amigo. Receptivo, sempre aberto ao diálogo, aos questionamentos e reflexões. Por apontar novos e possíveis caminhos, dentro e fora do ambientalismo. Convidou-me para participar da Oca e simplesmente acreditou em mim e me proporcionou uma oportunidade que foi das mais honradas que já recebi. O meu carinho, a minha admiração e o meu mais profundo agradecimento pela oportunidade e pelas mudanças que provocou em mim e na minha vida.

À Simone, amiga e grande parceira de trabalhos e grupos de estudo, também me ensinou novos caminhos. Deixo aqui minha gratidão e agradeço à sua família, Gabriel, Fábio e Pedro.

Aos meus avós, Vó Teresa, Vô Emílio e Vó Helena (*in memoriam*) e Vô Sebastião o apoio e compreensão. A toda a minha família.

À minha irmã Milena, que me ensina que é possível amar apesar de todas as diferenças, ou seja, ela me ensina a entender e a viver a diversidade de olhares e cores. Agradeço por compartilhar esta vida e esta família comigo. Ao meu cunhado Leonardo Gorayb, a colaboração em todos os momentos bons e difíceis.

Às grandes amigas: Valéria Maradei Freixedas, Lilian Vendrametto, Flávia Maria Rossi, Fabiana Mauro e Cláudia Coelho Santos, as contribuições enriquecedoras, os questionamentos instigantes e a dedicação nos momentos delicados.

A tantos amigos e amigas queridos que contribuíram para este trabalho de alguma forma: Cláudia, Gica, Sandra, Dani Passos, D. Ângela, Cris, Jataí, Vânia, Vivian, Marcelo, Henriqueta, povo da DEA (Diretoria de Educação Ambiental, MMA – Brasília – DF), Bia, Vinícius, Leila, Mateus, Júlia, Joyce, Pupunha, Sandro, Marissol, Cibele (Severínia), Fernanda, tia Marlene, Doquinha, Maria Cláudia Mendes Sorreano, Alessandra Ban-ban, ao grupo da capoeira (...), aos colaboradores da Oca (Laboratório de Educação e Política Ambiental – ESALQ/USP). A todos dessa grande família, meus profundos agradecimentos.

A Meire Franco e Frederico Nobre a grande ajuda e colaboração no desfecho deste trabalho.

Ao Leandro, pelo que temos conseguido caminhar juntos, em especial sua paciência e pela força.

À Professora Eda Tassara, a imensa contribuição teórica que fez. Também os momentos de descoberta desse mundo teórico, que não é fácil descobrir.

João Luiz Hoffel, a contribuição teórica e prática, suas leituras e experiências que nos guiam por esses caminhos a serem descobertos em uma dissertação.

Regina e Tsai, minha gratidão profunda pela disponibilidade, paciência e ajuda que me deram em todos os momentos que necessitei.

À Capes, a bolsa concedida.

Aos jovens, a grande colaboração e pelo que me ensinaram. E à toda comunidade e aos profissionais do Jardim Oriente.

E finalmente a todos que colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

## APRESENTAÇÃO

“A todos vocês (...) obrigado por estar aqui, quando posso dar um pedaço do meu pensamento e a minha pequena palavra, mas que representa meu mundo!”

Marcos Terena

O conteúdo a seguir é uma carta ao leitor.

Há alguns anos eu estava na faculdade de psicologia, ajudando um amigo a finalizar sua monografia de encerramento do curso de biologia, que era sobre educação ambiental. Essa ajuda me rendeu um grande *insight*. Eu comecei a chorar, pois reparei que estava debaixo do céu mais estrelado e ao lado de uma árvore com a copa mais frondosa que eu jamais havia visto. Então eu disse: É isso que eu quero fazer na minha vida!!!

Depois disso fui para Piracicaba - “lugar onde o peixe pára” - procurar o Prof. Dr. Marcos Sorrentino, que me recebeu com muito carinho, e penso eu, chegou a ver em meus olhos a vergonha e a insegurança que eu sentia.

Assim, fui trabalhar na Oca – Laboratório de Educação e Política Ambiental da ESALQ/USP, onde participei de vários projetos sobre educação ambiental, o que me deu experiência e me fez ter cada vez mais amor pelo que faço e, com isso, este projeto de pesquisa. No ano de 2003 ingressei no mestrado e nesta carta conto alguns trechos da minha história. É claro que ela é muito maior que isso, porque por ela passaram inúmeras pessoas, que de tão iluminadas, iluminaram o meu caminho. Todo esse processo foi muito enriquecedor e gerou em mim questionamentos, reflexões, crescimento e desenvolvimento de valores e visão de mundo.

Apresento em seguida a minha pesquisa, que foi realizada com um grupo de jovens, dos quais falarei mais adiante.

O que tenho a dizer sobre essa dissertação resumo com mais esta citação:

“Se eu pudesse mostrar apenas por um instante que fosse, aquilo que eu vejo, acho que valeriam a pena todos os esforços de uma vida inteira”.

Teilhard de Chardin

## SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
LISTA DE SIGLAS	10
1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Justificativa	13
1.2 Hipótese	14
1.3 Objetivo	15
1.3.1 Objetivo Geral	15
1.3.2 Objetivos Específicos	15
2 DESENVOLVIMENTO	16
2.1 Grupos	16
2.1.1 Grupos de jovens	21
2.2 Intervenção Educacional	24
2.3 Potência de Ação	29
2.4 Educação Ambiental	33
2.5 Material e Método	39
2.5.1 Cenário da Pesquisa	40
2.5.2 O Surgimento do Grupo de Jovens “Água é Vida”	43
2.5.3 Os Sujeitos da Intervenção	44
2.5.4 Técnicas Trabalhadas	47
2.5.4.1 A Intervenção Educacional – Encontros do Grupo	47
2.5.4.2 Agenda 21 do Grupo de Jovens	48
2.5.4.3 Aplicação de Questionário no Bairro	49
2.5.4.4 Participações na Semana do Pisca	50
2.5.4.5 Arborização Urbana – Jardim Oriente	51
2.5.4.6 Conhecendo a Produção de um Mapa	52
2.5.4.7 1ª Feira Ambiental do Jardim Oriente	52
2.5.4.8 Oficina de Pin-Hole	54
2.5.4.9 Passeio pela Bacia do Pisca	54
2.5.4.10 Saídas de Campo para Diagnóstico e Planejamento Ambiental	55
2.5.4.11 Atividade – Por onde vai o barco?	55
2.5.5 Entrevistas Semi-Estruturadas	58
2.6 Resultados e Discussão	60
2.6.1 Atividades de intervenção educacional	60
2.6.2 Análise de Processos Grupais de Acordo com as Atas.	60
2.6.3 Encontros do Grupo ‘Água é Vida’	66
2.6.3.1 Agenda 21 do Grupo de Jovens	67
2.6.3.2 Aplicação de Questionário no Bairro	67
2.6.3.3 Participação em Eventos do Projeto Pisca	68
2.6.3.4 Arborização Urbana – Jardim Oriente	70
2.6.3.5 Conhecendo a Produção de um Mapa	70
2.6.3.6 Feira Ambiental	71
2.6.3.7 Oficina de Pin-Hole	72
2.6.3.8 Passeio pela Bacia do Pisca	73
2.6.3.9 Saídas de Campo para Diagnóstico e Planejamento Ambiental	74



2.6.3.10 Atividade – Por onde vai o barco? _____	75
2.6.4 Os Encontros _____	78
2.6.5 Entrevistas Semi-Estruturadas _____	79
2.6.6 Análise de Processos Grupais de Acordo com as Entrevistas _____	86
2.6.7 Por onde andam os jovens desta pesquisa intervenção? _____	92
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	96
REFERÊNCIAS _____	100
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA _____	107
ANEXOS _____	108

## RESUMO

### **Envolvimento de Jovens em Processos Grupais de Educação Ambiental: um estudo de caso**

Este trabalho teve como objetivo contribuir na ampliação dos conhecimentos sobre processos educacionais que visam o incremento na "potência de ação" individual e coletiva, a partir de uma educação ambiental emancipatória. Partimos do pressuposto de que o desenvolvimento de ações educativas relacionadas à questão ambiental - fundadas nos princípios de participação, reflexão e respeito ao meio em que se vive e convive - contribuem para a potência de ação relacionada a mudanças de atitudes em grupos de jovens. Para tanto, realizamos uma pesquisa intervenção junto ao Projeto "Diagnóstico Ambiental da Cobertura Vegetal e Focos de Degradação do Ribeirão Piracicamirim aliado à Educação Ambiental através de Elaboração de Agenda 21 no Loteamento Jardim Oriente", realizado na Bacia do Ribeirão Piracicamirim (Piracicaba, SP). A pesquisa apresentada nesta dissertação foi realizada através de uma intervenção educacional, envolvendo um grupo de jovens no processo de diagnóstico, planejamento, intervenção e avaliação de ações voltadas à melhoria da qualidade de vida no bairro Jardim Oriente e no entorno do Ribeirão Piracicamirim. Esta análise nos permitiu constatar com clareza, que o grupo social é condição de conscientização do indivíduo e das mediações institucionais, no desenvolvimento de uma cultura de relações sociais. Outro ponto de fundamental importância para o processo grupal e para a superação de contradições existentes foi a necessidade do grupo analisar-se enquanto tal. Assim sendo, a busca neste processo da pesquisa, ocorreu na análise do grupo, criando espaço de discussão, ação, avaliação, auto-avaliação e recriação dos desejos dos jovens dentro do próprio grupo. Além disso, o espaço constituído através da práxis pelo grupo, possibilitou o desenvolvimento de ações educativas relacionadas à questão ambiental contribuindo para a potência de ação e mudança de atitude no grupo de jovens em foco.

Palavras-chave: educação ambiental, meio ambiente, grupo de jovens, processos grupais, periferia e meio ambiente.

## **ABSTRACT**

### **Youth involvement in Group Processes of Environmental Education: a case review**

This research aims to contribute to the expansion in knowledge of the educational processes directed at the growth of the individual and collective action potential using emancipator environmental education. We presumed that the development of educational actions related to the environmental issue - based on the principles of participation, reflection and respect towards the environment in which one lives – contributes to the action potential related to attitude shifting in youth groups. Therefore, an intervention research was conducted with the “Environmental Diagnosis of the Vegetal Covertures and Degradation Focuses of the Piracicamirim River associated with Environmental Education through the Elaboration of Agenda 21 at the Jardim Oriente district” project, executed in the Piracicamirim River watershed (Piracicaba, SP). The research presented in this dissertation was conducted by educational intervention involving the youth population in the process of diagnosis, planning, intervention and assessment of the actions targeting improvement in the quality of life of Jardim Oriente and in the environment surrounding the Piracicamirim River. This analysis allowed the clear deduction that the social group is conditioned by the alertness of the individuals and the institutional mediations, on the development of a culture of social relations. Another main point for the group process and for the overcoming of the existing contradictions was the necessity of the group to analyse itself. Thereby, the quest in this process of the research occurred on the group analysis, creating room for discussion, action, evaluation, self-evaluation and recreation of the youngster’s wishes within the group itself. Moreover, the space established through the group’s praxis, allowed the development of educational practices related to the environmental issue, contributing to the action potential and attitude shifting in the focused youth group.

Key words: environmental education, environment, youth group, suburb.

## LISTA DE SIGLAS

DEPRN - Departamento de Proteção dos Recursos Naturais

EA - Educação Ambiental

EMDHAP - Empresa Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Piracicaba

FEHIDRO - Fundo Estadual de Recursos Hídricos

LERF - Laboratório de Ecologia e Reflorestamento Florestal

OCA – Laboratório de Educação e Política Ambiental

PROJETO FEHIDRO - Projeto de “Diagnóstico Ambiental da Cobertura Vegetal e Focos de Degradação do Ribeirão Piracicamirim aliado à Educação Ambiental através de Elaboração de Agenda 21 no Loteamento Jardim Oriente”

S – Sujeito

SEMA - Secretaria Especial do Meio Ambiente

## 1 INTRODUÇÃO

*“Toda energia consciente é como o amor, à base da esperança.  
Só o homem pode ajudar o homem a decifrar o mundo.”*

*Teilhard de Chardin*

Este trabalho teve como cerne a busca pela ampliação de conhecimentos sobre processos educacionais que visam o desenvolvimento da "potência de ação" <sup>1</sup> - individual e coletiva, a partir da educação ambiental. Para tanto, realizou-se uma pesquisa intervenção educacional no “Projeto de Diagnóstico Ambiental da Cobertura Vegetal e Focos de Degradação do Ribeirão Piracicamirim, aliado à Educação Ambiental através de Elaboração de Agenda 21, no Loteamento Jardim Oriente” (Anexo 1). Esse projeto foi financiado pelo Fundo Estadual de Recursos Hídricos – FEHIDRO, implantado em julho de 2002 e finalizado em janeiro de 2004; sendo apelidado de Projeto FEHIDRO.

O projeto citado teve como meta identificar focos de degradação e mapear os remanescentes florestais situados às margens dos cursos d’água que integram a bacia hidrográfica do Ribeirão Piracicamirim e, através de um grupo de jovens, elaborar uma Agenda 21 local <sup>2</sup>, com a participação dos moradores do Loteamento Jardim Oriente. O projeto em foco e a pesquisa relacionavam-se com o “Projeto Pisca - Conservação e Educação na Sub-bacia do Ribeirão Piracicamirim - Piracicaba (SP)”<sup>3</sup>. Este objetivava propiciar a busca por soluções de problemas socioambientais através de processos educacionais que possibilitassem aos jovens expor e compartilhar vivências, idéias, sonhos, desejos e ações em “prol” da melhoria da qualidade de vida. Formou-se, então,

---

<sup>1</sup> Sendo inicialmente compreendida como a "capacidade de ser afetado pelo outro, num processo de possibilidades infinitas de criação e de entrelaçamento nos bons e maus encontros" (SAWAIA, 2001, p.125).

<sup>2</sup> A Agenda 21 é um documento que contém compromissos para provocar mudança no padrão de desenvolvimento local. Resgata-se o termo ‘agenda’ no sentido de intenções que podem ser elaboradas para territórios diversos. Não há fórmula pré-determinada para a construção de agendas. A Agenda 21 Local é um processo participativo, entre a comunidade, multissetorial, para alcançar seus objetivos, através da preparação e implementação de um plano de ação estratégica de longo prazo, dirigido às questões prioritárias para o desenvolvimento sustentável local” (AGENDA 21 LOCAL - MMA, 1998, p.31).

<sup>3</sup> “O Projeto Pisca é um grupo de extensão do Departamento de Ciências Florestais da ESALQ/USP com caráter interdisciplinar, que visa propiciar sinergia entre pessoas e instituições, em busca de tornar a sub-bacia do ribeirão Piracicamirim um modelo de sustentabilidade sócio ambiental, integrando meio rural e urbano” (FOLDER PROJETO PISCA, 2004).

um grupo que se auto-denominou Projeto 'Água é Vida', com o qual a presente pesquisa foi desenvolvida. Dentro do mesmo projeto foi desenvolvido outro trabalho a partir da análise da técnica da fotografia vinculadas à EA: "Educação e Fotografia: Contribuições à Percepção de Problemas Ambientais"<sup>4</sup> (MORAES, 2004).

Esta pesquisa foi realizada através da intervenção educacional, envolvendo jovens no processo de diagnóstico, planejamento, intervenção e avaliação de ações voltadas à melhoria da qualidade de vida do Jardim Oriente e do ambiente do entorno do ribeirão Piracicamirim.

A trajetória desta dissertação teve início por volta do sétimo encontro do grupo 'Água é Vida', quando fui convidada a substituir uma de suas coordenadoras. Logo após veio a sugestão por parte do Prof. Marcos Sorrentino, de desenvolver uma pesquisa de mestrado com esse grupo de jovens.

E, assim, começamos a participar do grupo, observando seu funcionamento, compartilhando os acontecimentos, e diversos questionamentos, inclusive sobre o próprio projeto: "Será que esta forma de se trabalhar a educação ambiental muda alguma coisa na vida das pessoas?" "De que exatamente vem imbuída esta educação ambiental com a qual estamos trabalhando?" "Se não ajuda as pessoas, o que temos que fazer? O que é preciso mudar?"

Esses questionamentos resultaram na pesquisa aqui apresentada. As técnicas utilizadas nos encontros tiveram o intuito de ser formuladas e adaptadas ao grupo e à proposta de mudança de atitudes e de vida dos jovens, para que fossem emancipatórias<sup>5</sup>, auto-avaliativas e participativas. Para isso, intervimos no meio, nos saberes construídos e constituídos das pessoas, buscando alternativas para o desenvolvimento de novas atitudes em relação à própria vida e, conseqüentemente, à vida no planeta.

---

<sup>4</sup> Dissertação de Mestrado defendida por Flávia Moraes no Programa de Pós-Graduação de Ciências Florestais, com opção em Conservação de Ecossistemas Florestais da ESALQ/USP, no ano de 2004, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Sorrentino.

<sup>5</sup> Tornar-se independente, libertar-se (AURÉLIO, 1977, p.174).; Movimento de libertação consciente e de superação permanente das formas de alienação material e simbólica, coletiva e individual, existentes em cada fase historicamente definida. É criar estados de liberdade diante das condições que nos colocamos no processo histórico e propiciar alternativas para irmos além de tais condições (LOUREIRO, 2004. p. 31-32)

## 1.1 Justificativa

A relevância desta pesquisa baseia-se na necessidade da busca por um novo modo de ver e pensar o mundo e de agir frente aos tempos que vivemos, em nossa sociedade.

Segundo Santos:

“A promessa da dominação da natureza, e do seu uso para o benefício comum da humanidade, conduziu a uma exploração excessiva e despreocupada dos recursos naturais, à catástrofe ecológica, à ameaça nuclear, à destruição da camada de ozônio, e à emergência da biotecnologia, da engenharia genética e da conseqüente conversão do corpo humano em mercadoria última. A promessa de uma paz perpétua, baseada no comércio, na racionalização científica dos processos de decisão e das instituições, levou ao desenvolvimento tecnológico da guerra e ao aumento sem precedentes do seu poder destrutivo. A promessa de uma sociedade mais justa e livre assente na criação da riqueza tornada possível pela conversão da ciência em força produtiva, conduziu à espoliação do chamado Terceiro Mundo e a um abismo cada vez maior entre o Norte e o Sul” (SANTOS, 2001, p.56).

Resultado disso é o aumento da sensação de insegurança em nossa capacidade de agir e de planejar o futuro. Com a distorção e manipulação de informações, não temos mais parâmetros para avaliar o que podemos fazer e como fazer para mudar esta situação.

“A ciência e a tecnologia aumentaram a nossa capacidade de ação de uma forma sem precedentes, e, com isso, fizeram expandir a dimensão espaço-temporal dos nossos atos. Enquanto anteriormente os nossos atos partilhavam a mesma dimensão espaço-temporal das suas conseqüências, hoje em dia a intervenção tecnológica pode prolongar as conseqüências, no tempo e no espaço, muito para além da dimensão do próprio ato através de nexos de causalidade cada vez mais complexos e opacos” (SANTOS, 2001, p. 58).

Assim, a busca por uma ciência mais humana, mais próxima de todo e qualquer ser humano, vem propiciar uma profunda reflexão rica e diversa. Dessa forma, prioriza-se a análise de suas potencialidades, ou seja, o entendimento dos seus próprios atos, mesmo quando estão ligados a uma teia complexa de novas tecnologias de que pode fazer uso nos tempos atuais.

Segundo Santos (2001), quando o indivíduo reflete sobre aquilo que está fazendo e começa a tomar a vida em suas mãos, está iniciando a construção do conhecimento e de um processo que pode se traduzir na relação emancipação –

potência de ação – emancipação. Mas, para que isso aconteça, é necessário ter alguns princípios, sendo imprescindível: o conhecimento técnico; a reflexão na ação; a reflexão sobre a ação *a posteriori* e a chamada práxis.

O processo de trabalho com os jovens, utilizados nesta pesquisa, se embasou nessas questões para o desenvolvimento das atividades de intervenção. Ressaltamos aqui que o desenvolvimento de um processo grupal com jovens é tão necessário quanto privilegiado, pelo simples fato de:

“Do reconhecimento dos pares ao reconhecimento de sua cidadania, os jovens são particularmente sensíveis à ação coletiva e afirmativa. Os desejos de inserção, visibilidade e participação incluem a ação na esfera pública como espaço de afirmação do jovem e ao mesmo tempo rito importante de passagem para a vida adulta. A potência de ação e de participação da juventude encontra nesta geração um contexto de recepção atravessado pelas novas configurações da ação política e também de seus novos limites. A ação política está, muitas vezes, mediada por uma cultura individualista e padronizada da maneira de ser que restringe a participação do jovem ao espetáculo de subjetividades pré-moldadas, expostas a uma falsa arena pública, como, por exemplo, no fenômeno dos *realities shows* (KHEL, 1996) ou nos apelos a uma subjetividade *fashion* (SAWAIA, 2002), remetendo o sujeito para dentro de si e para fora da política, acentuando o rumo de uma sociedade narcísica onde o vínculo social se enfraquece” (CARVALHO, 2004a, p. 55).

Portanto, na luta contra a hierarquização e alienação imposta às camadas da sociedade mais baixas, como no caso da periferia, os encontros do grupo pretenderam contribuir para a emancipação dos seus jovens integrantes, como uma forma de envolvimento e empoderamento através de processos coletivos, tendo o desejo e o ideal de uma luta ecológica como uma forma de lidar e contactar as esferas políticas, partindo para um reconhecimento de si mesmo, do outro e dos espaços em que vivemos.

De acordo com Carvalho (2004a, p.53):

“Investido da crítica ecológica contra-cultural à sociedade instituída, o sujeito ecológico, como tipo ideal, remete a um *modo instituinte de ser*, posicionado à margem (alternativo) e animado pela pretensão libertária de deslocar as fronteiras entre militância e estilo de vida, intimidade e esfera pública, opções individuais e transformação coletiva, tornando-se parte de um novo horizonte para a ação política ambiental”.

## 1.2 Hipótese



O desenvolvimento de ações educativas relacionadas à questão ambiental - fundadas nos princípios de participação, reflexão e respeito ao meio em que se vive e convive - contribuem para a potência de ação relacionada a mudanças de atitudes em grupos de jovens.

### **1.3 Objetivo**

#### **1.3.1 Objetivo Geral**

Estimular e analisar processos grupais que potencializem ações individuais e coletivas, para uma educação ambiental emancipatória e de respeito ao ser humano e ao meio ambiente em que se vive.

#### **1.3.2 Objetivos Específicos**

- Identificar os impactos de um projeto de educação ambiental na apreensão de repertórios que resultem na mudança de atitudes e comportamentos de cada indivíduo e do seu grupo, na construção de sociedades sustentáveis;
- Analisar qual é a contribuição da metodologia de intervenção educacional proposta para a potencialização de ações e mudanças de atitude em um grupo de jovens do bairro Jardim Oriente (Piracicaba/SP);
- Contribuir para o fortalecimento individual e coletivo e para o desenvolvimento das potencialidades do grupo de jovens avaliado e da sua comunidade, visando a efetivação de ações que busquem a construção de sociedades sustentáveis.

## 2 DESENVOLVIMENTO

“... a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real.”  
*Roland Barthes*

### 2.1 Grupos

“O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’ e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isso mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediador da comunicação.”  
*Paulo Freire*

Nas definições do Dicionário Aurélio (1977), podemos encontrar algumas noções presentes no senso comum. Quando pensamos na palavra grupo, nos remetemos a **coletivo**: que abrange ou compreende muitas coisas ou pessoas; **tribo**: grupo étnico ligado pela língua, costumes, tradições e instituições, e que vive em comunidades, sob um ou mais chefes; **turma**: grupo, bando, grupo de indivíduos reunidos em torno de um interesse comum, grupinho de amigos; **grupo**: reunião ou conjunto de pessoas, coisas ou objetos que se abrangem no mesmo lance de olhos ou formam um todo, pequena associação de pessoas reunidas para um fim comum.

Seja pelas definições descritas acima, ou por meio de outros termos para referenciá-los, todos nos remetem ao sentido mais amplo da discussão pretendida e iniciada neste capítulo, ao se falar em grupos.

De acordo com Velásquez (2002, p.45) a formação de grupos e seus “aspectos de associação estão intimamente ligados a um desejo de ação coletiva, seja ela voltada a uma ação continuada específica, caracterizada pela duração clara no tempo e no espaço, seja ela uma ação pontual”.

Para o desenvolvimento de ações com grupos de periferia, Freire (1996, p.26) afirma:

“Mudar é difícil, mas é possível, vamos programar nossa ação político-pedagógica, é assim que o saber vem sendo comprovado em princípio de ação e abrindo caminho à constituição na prática, de outros saberes indispensáveis. Não se trata obviamente de impor à população sofrida que se rebele, que se mobilize, que se organize

para defender-se. Trata-se, na verdade de, simultaneamente com o trabalho específico de cada campo, desafiar os grupos populares para que se percebam, em termos críticos caracterizando sua situação concreta”.

Isso significaria propiciar a grupos locais a construção de um diálogo que os conectem com a sua realidade, que discutam e reflitam a respeito de temas do seu cotidiano como forma de colaborar para um debate que influencie nas políticas públicas, para que estas respondam às demandas dos projetos a ela direcionados. Entretanto, alternar a reflexão entre o mundo exterior e o mundo subjetivo é indispensável, visto as construções simbólicas que se dão nessa relação.

“Em cada caso, entretanto, há uma tradução desse discurso que, por sua vez, devolverá ao mundo social sua imagem, filtrada pela singularidade das experiências vividas. Assim, cada família constrói seus mitos a partir do que ouve sobre si, do discurso externo internalizado, mas devolve um discurso sobre si que contém também sua própria elaboração, objetivando sua experiência subjetiva” (KEHL, 2004, p. 119).

Contudo, para as gerações jovens, existem as formações e informações próprias para a saída da infância, que servem de ancoragem para novas formas de se auto-identificar e para a criação de linguagens necessárias à renovação da vida social (KEHL, 2004, p.120).

Portanto, a partir da reflexão feita até aqui em relação ao processo de desenvolvimento de um grupo, entende-se que:

“São encontros repletos de sentidos, partilham-se vivências, idéias, histórias de vida, olhares, alimento. O coletivo passa a dar suporte à construção de um conhecimento que vai além do que a reflexão individual possibilitaria naquele momento. Há uma dinâmica própria que ora aproxima ora distancia os encontros. No seu dinamismo, no entanto, há algo que permanece e que une, permitindo que estas pessoas se reconheçam como um grupo que, de alguma forma, dá suporte para o seu fazer cotidiano. Talvez possamos pensá-lo a partir das reflexões de Maffesoli, (1998: 90) quando nos diz sobre a “força de um agrupamento que se torna ‘outra coisa’ que possui uma qualidade que lhe é própria” (AVANZI et al., 2001, p.9).

Essa vivência em grupo, portanto, nos permite novas formas de pensamentos, de reflexão, que viabiliza uma visão de mundo mais ampliada, ou seja, nos habilita a perceber as várias possibilidades de lidar com um problema ou desenvolver uma solução. Dessa maneira, os sujeitos procuram se emancipar, conhecer a si mesmos e ao outro, e conhecer outros espaços de ação.

De acordo com Santos (2001, p.186), “podemos afirmar hoje que o objeto é a continuação do sujeito por outros meios. Por isso, todo o conhecimento emancipatório é auto-conhecimento. Ele não descobre, cria”. Esse mesmo autor faz uma colocação sobre o princípio da responsabilidade:

“Preocupação ou cuidado que nos coloca no centro de tudo o que acontece e nos torna responsáveis pelo outro, seja ele um ser humano, um grupo social, a natureza, etc.; esse outro inscreve-se simultaneamente na nossa contemporaneidade e no futuro cuja possibilidade de existência temos de garantir no presente. É uma responsabilidade pelo futuro. A responsabilidade fundamental está em criar a possibilidade de haver responsabilidade”.

Assim, o conhecimento-emancipação privilegia o próximo como forma de conceber e compreender o real, se aproximando do novo, do desconhecido. E para isso “as estradas e os canais a construir não devem ser concebidos apenas como meios que facilitem os transportes; a sua construção deve ser planeada de forma a torná-lo tão agradável quanto possível para os viajantes” (SANTOS, 2001, p.115).

Sobre o conceito de grupo, Martín-Baró considera-o um espaço onde indivíduos fazem trocas simbólicas e se organizam numa estrutura social:

“Neste sentido, o grupo ‘surge como produto de referência mútua, necessidades de seus membros e/ou de suas ações’. Esta totalidade supõe vínculos e relações de interdependência entre seus membros. Neste conceito, o grupo deve ‘constituir um meio de trabalhar necessidades e interesses em uma dada situação e circunstância específica’. Com isso, estar-se-ia garantindo o ‘caráter concreto e histórico de cada grupo’ e reafirmando que o grupo ‘é uma estrutura que responde às necessidades e exigências dos seres humanos’, pois, ‘independentemente’ de suas formas concretas, o agrupar-se é condição essencial para satisfazer as necessidades do homem. No entanto, além de satisfazer as necessidades de seus membros, deve também garantir a concretização dos ‘interesses coletivos’. Isto significa que necessidades individuais e coletivas devem estar conjugadas” (REBOREDO, 1995, p. 21).

Portanto, fazer parte de um grupo possibilita aos seus indivíduos se tornarem sujeitos históricos à medida que superam a condição de isolamento e alienação de si mesmo e do outro, se organizando em ações coletivas que materializem o projeto individual-histórico. Na luta para realizar esses projetos, o indivíduo estabelece relações onde são “tecidos novos valores e novos projetos políticos” (REBOREDO, 1995, p. 38).

É, então, através da práxis a maneira pela qual o sujeito conhece a realidade, a possibilidade de resgatar a subjetividade e conseqüentemente o projeto individual. “Nesse sentido, a práxis é pensada na dimensão epistemológica do materialismo

histórico, ou seja, ‘o homem conhece a realidade ao transformá-la’” (REBOREDO, 1995, p. 33).

“Para compreender melhor a idéia de ser a identidade constituída pelos grupos de que fazemos parte, faz-se necessário refletirmos como um grupo existe objetivamente: através das relações que estabelecem seus membros entre si e com o meio onde vivem, isto é, pela sua prática, pelo seu agir (num sentido amplo, podemos dizer pelo seu trabalho); agir, trabalhar, fazer, pensar, sentir, etc., já não mais substantivo, mas verbo (...)” (CIAMPA, 1987, p.64)

Assim, constatamos que nos formamos pela prática de nossos atos na busca da nossa própria identidade, é algo que precisa ser reconhecido. Para isso, faz-se necessário recorrermos à outra área de conhecimento – a Psicologia Social, uma área de pesquisa e conhecimento que surgiu no início do século XX, teve o impulso de sair dos consultórios e ir para os bairros populares. Essa escolha significa redirecionar as pesquisas, descobrir novas técnicas de atuação e reescrevê-la a partir do observado e vivido. Nesse sentido, se estabeleceu uma nova maneira de fazer psicologia, que se reconstrói a cada momento, aproveitando elementos do passado e do presente para constituir-se numa práxis e numa nova ciência psicológica; verdadeiramente Psicologia Social.

Lane (1991, p. 89), desta forma, propõe o uso de alguns níveis de critérios que serão usados somente como auxílio de reflexão para análise de processos grupais: 1) a emergência da consciência histórica; 2) todo grupo ou agrupamento existe sempre dentro de instituições, que vão desde a família, a fábrica, a universidade até o próprio Estado; 3) a história de vida de cada membro do grupo também tem importância fundamental no desenrolar do processo grupal; e 4) tomando-se dois níveis para essa análise, o da vivência subjetiva e o das determinações concretas do processo grupal.

Existem, entretanto, diversas outras teorias sobre processos grupais, que nos permitiriam realizar distintas análises, remarcadas pela autora:

“...quando Lewin conceitua liderança a partir de situações experimentais, apenas descreve o aparente sem captar as relações de poder que existam mesmo sob liderança ‘democrática’, e que o leva a concluir, paradoxalmente, que há necessidade de uma liderança democrática forte para um grupo chegar a ser autônomo, ou seja, efetivamente democrático” (LANE, 1984, p.92).

Já a proposta de Pichon-Rivière, citado por Lane, diz que diante das observações de grupos operativos suscitou uma série de questões relativas à análise

dialética das formas de interação entre os membros do grupo. A principal foi a constatação de relações de dominação que geram alto nível de ansiedade a ponto de os grupos se desfazerem na primeira oportunidade.

“Do ponto de vista teórico, apesar de a proposta ser de uma abordagem materialista dialética, o autor propõe um ‘esquema conceitual’, teórico, ao invés de categorias que remetam a fatos concretos, no que se aproxima do modelo lewiniano, onde a teoria leva aos fatos (ao empírico) e estes reformulam a teoria” (LANE, 1984, p.92).

Desta forma, a proposta do trabalho em desenvolver e analisar processos grupais para que os grupos atinjam a conscientização pela práxis é um processo terapêutico tradicional de auto-conhecimento, sem que necessariamente “seja um processo de conscientização social onde determinações históricas de classe e as especificidades da história individual se aclaram e se traduzem em atividades transformadoras” (LANE, 1984, p.94).

Para esse desenrolar teórico, os autores Wygotski e Leontiev, citado por Lane:

“Concebem o ser humano como manifestação de uma totalidade histórico-social, vêem a linguagem como fundamental para o desenvolvimento da consciência de si e social de indivíduo, a qual se processa através da linguagem, do pensamento e das ações que o homem realiza ao se relacionar com outros homens” (1984, p.33).

A linguagem é considerada uma arma de poder que só é dominada pelo confronto que o indivíduo possa fazer entre diferentes significados possíveis e a realidade que o cerca – aliás, este é o princípio defendido por Paulo Freire – condição para um pensamento crítico, para o desenvolvimento da consciência social e, conseqüentemente, para a criatividade que transforma as relações entre os homens.

Para Lane (1984, p.78), “o grupo não é mais considerado como dicotômico em relação ao indivíduo, mas sim como condição necessária para conhecer as determinações sociais que agem sobre o indivíduo”, bem como a ação de um sujeito histórico, “partindo do pressuposto de que toda ação transformadora da sociedade só pode ocorrer quando indivíduos se agrupam”.

Contudo, inúmeros questionamentos nos vieram à mente na realização desta pesquisa - conceito de líder, liderança, divisões dentro dos grupos, omissões, boicotes, passividade, comunicação, dominação, fases em grupo, subgrupo, pares, diferenças de

grupos, dificuldades de relacionamento, relação das organizações dos grupos, a política e outros. Acreditamos que essas são algumas pistas relevantes, e que são vividas somente no exercício do dia-a-dia e por todo o grupo na sua longa caminhada histórica, enquanto sujeitos dessa história.

### **2.1.1 Grupos de jovens**

De acordo com o dicionário Aurélio (1973, p.281), a palavra jovem é simplesmente, o “que está na juventude; juvenil. Pessoa jovem”.

Para os ‘jovens’, a identidade se processa diferentemente em cada ciclo de vida, mas este não pode ser dividido em etapas globalmente concebidas para o desenvolvimento humano. Desta forma, a juventude é uma fase da vida “delimitada cultural e socialmente, caracterizada em nossa sociedade como momento de transformações biológicas visíveis e de transição entre a dependência infantil e a independência da idade adulta” (BRANCO, 1999, p.52).

Essas representações sociais ou culturais colocam a juventude sob determinados olhares que vão intervir na sua educação, que por sua vez, orientarão sua forma de se representar nas suas relações sociais.

“Os jovens caracterizam-se principalmente pela busca de outros referenciais para a construção de sua identidade fora da família, como parte de seu processo de individuação, perante o mundo familiar e social. Necessitam falar de si no plural, recriando “famílias” (como construção de “nós”) fora de seu âmbito familiar de origem, através de vários grupos de pares, seja em torno de música (rock, rap), de outras atividades culturais, esportivas ou de outras formas de expressão dos jovens no espaço público” (KEKL, 2004, p. 123).

Nos movimentos sociais é possível se observar a luta no interior das sociedades de classe na conquista por identidades coletivas, e essa luta abre espaço para a construção de novas subjetividades.

Algumas abordagens de Psicologia mostram-nos que o sujeito tem grande parte de suas motivações para a ação baseadas em experiências, afetos e emoções que não acabam no plano da racionalidade e da consciência.

Os jovens, apesar de às vezes parecerem contraditórios, na verdade procuram obedecer às regras de cada um dos respectivos espaços sociais a que pertencem, ou

freqüentam, como afirma Carvalho (2004) no seu livro “Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico”.

Diante disso, podemos pensar numa prática educativa ambiental junto a outras práticas sociais, que seja efetivamente ligada ao fazer histórico-social, produzindo saberes, valores, atitudes e sensibilidades e, é essencial na esfera pública e política, na qual se cumpre a ação no sentido proposto por Hannah Arendt<sup>6</sup>, “com suas possibilidades emancipadoras do existir humano. Essa ação é o campo próprio da educação enquanto prática social e política que pretende transformar a realidade” (CARVALHO, 2004b, p.188).

Portanto,

“O sujeito da ação política é aquele capaz de identificar problemas e participar dos destinos e decisões que afetam seu campo de existência individual e coletivo. A palavra política é entendida em seu sentido mais amplo, como o viver e interferir em um mundo coletivo. Para Arendt, a capacidade de ação política é a expressão mais acabada da condição humana. No entender dessa importante pensadora, os seres humanos definem-se por esse conviver entre seus pares, influenciando no destino do mundo que têm em comum. A capacidade de agir em meio à diversidade de idéias e posições é a base da convivência democrática, da participação, da liberdade e da possibilidade de fazer história e criar novas formas de ser e conviver.” (CARVALHO, 2004b, p.187)

A divergência entre comportamentos observados e atitudes que se pretende formar é um grande desafio da educação de modo geral e da EA em especial. Falando em termos pedagógicos, talvez a atitude internalizada pelo jovem, quando a ênfase está no ensino normativo de ações e procedimentos “ecologicamente corretos”, por exemplo, é a predisposição para seguir regras de acordo com o que se espera dele.

“Considerando toda a complexidade que envolve as situações de aprendizagem, é interessante ser cauteloso com uma EA que, ao enfatizar a indução ou mudança de comportamento, nem sempre alcança a formação de uma atitude ecológica, no sentido de uma identificação dos jovens com as causas ecológicas. Cabe reconhecer que gerar comportamentos individuais ordeiros, preocupados com a limpeza de uma área ou com a economia de recursos ambientais como a água ou a energia elétrica, pode ser socialmente desejável e útil, mas não significa necessariamente que tais comportamentos sejam integrados na formação de uma atitude ecológica e cidadã. Esta implicaria desenvolver capacidades e sensibilidades para identificar e compreender os problemas ambientais, para mobilizar-se, no intuito de fazer-lhes frente, e, sobretudo, para

---

<sup>6</sup> Hannah Arendt (1906 – 1975), filósofa alemã que fugiu do nazismo e radicou-se nos Estados Unidos, influenciou o pensamento social contemporâneo com suas reflexões sobre as origens do totalitarismo, sobre a condição humana e sobre o fenômeno da violência.



comprometer-se com a tomada de decisões, entendendo o ambiente como uma rede de relações entre sociedade e natureza.” (CARVALHO, 2004b, p.181)

O grande desafio da EA é se engajar na construção de uma cultura cidadã e na formação de atitudes ecológicas. Isso prevê a formação de um sentido de responsabilidade ética e social, em que a solidariedade e a justiça ambiental compõem um mesmo ideal de sociedade justa e ambientalmente orientada. Para a formação dessa atitude, uma cidadania ecológica pode gerar predisposições para ações e escolhas por parte das pessoas. “Nesse caso, mais do que apenas comportamentos isolados, estaremos em face de um processo de amadurecimento de valores e visões de mundo mais permanentes.” (CARVALHO, 2004b, p.182)

Sendo assim, o mais importante é não julgar qual a melhor EA, mas sim, explicitar os diferentes pressupostos que apóiam cada uma das orientações, ou seja, sabermos por qual motivo estamos fazendo aquela ação e que resultados podemos esperar disso, lembrando que nunca controlamos completamente o processo de aprendizagem, pelo fato de ele envolver uma relação aberta com o outro.

Nessa busca de processos que nos referenciem no desenvolvimento de atividades que nos conecte com esses processos de aprendizagem, as experiências em ‘Psicologia na Comunidade’<sup>7</sup>, que têm privilegiado também a aproximação de grupos de adolescentes, jovens e também de mulheres, para trocar conhecimentos sobre assuntos e problemas dos mais variados.

Segundo ANDERY (1984, p.214):

“É também nesses grupos que se pode levar um trabalho de conscientização das condições adversas do bairro, como falta de esgoto, de água potável, de luz, de creches ou escolas, de postos de saúde, etc. Além, de se analisar as condições de convivência e lazer onde são ensaiadas novas atividades lúdicas e educativas”.

Um trabalho como este, que utilizou como objeto de estudo uma área específica, sendo o primeiro trecho urbano do ribeirão Piracicamirim e seu público alvo, o grupo de

---

<sup>7</sup> “A palavra comunidade vem sendo usada para designar a instrumentalização de conhecimentos e técnicas psicológicas que possam contribuir para uma melhoria na qualidade de vida das pessoas e grupos distribuídos nas inúmeras aglomerações humanas que compõem a grande cidade. É um movimento de aproximação do cotidiano das pessoas principalmente nos bairros e instituições populares onde a grande parcela da população vive, organiza-se e cria seus canais de expressão” (ANDERY, 1984, p.203).

jovens, permitiu que analisássemos o “sujeito ecológico que é, sem dúvida, a constituição do *ambiental* como campo de relações sociais que, toma parte entre as tentativas de ressignificar os agenciamentos da experiência individual e coletiva” (CARVALHO, 2004a, p.71).

Desta forma, de acordo com Carvalho (2004b, p.187):

“Na perspectiva de uma aprendizagem significativa, a intencionalidade pedagógica está na construção de novos sentidos e nexos para a vida, em que atividades, experiências, modos de fazer e informações estejam a serviço de um processo de formação de atitudes e não sejam um fim em si mesmos. A consciência dos riscos e a informação objetiva são importantes, mas desde que sejam acionadas em um contexto de relações de aprendizagem no qual se favoreça, sobretudo, a capacidade de ação dos sujeitos no mundo e sua vinculação afetiva com os valores éticos e estéticos dessa visão de mundo.”

Portanto, em concordância com Carvalho (2004b, p.189), a meta da pesquisa foi conquistar uma felicidade que se adapte e conecte as várias relações de aprendizagem. É a satisfação que o indivíduo busca alcançar, em uma sociedade tirânica que o ameaça com a exclusão e o não-reconhecimento, se ele fugir às normas.

Os grupos de jovens que se organizam neste país são a resposta que encontramos nesta pesquisa sobre a dinâmica, os fenômenos, os problemas e os caminhos encontrados por eles em busca da plena libertação. Uma resposta que nasceu da análise da nossa realidade do dia-a-dia. Através da crítica, da criatividade, da reflexão, da busca incansável, “iremos pausadamente acumulando experiências e certezas na história que construímos a cada dia através dos grupos a que pertencemos” (PEREIRA, 1993, p.13).

## 2.2 Intervenção Educacional

“O pensamento é uma arte: o conhecimento que produzimos é uma tela que expressa nossas idéias; o ser do conhecimento, o cidadão do planeta Terra é um artesão que bricola, de forma singularizante, os saberes à sua volta”.

*J R Almeida*

Neste item discutiremos sobre a contribuição do desenvolvimento de processos educativos comprometidos com os sujeitos envolvidos, para a melhoria do meio ambiente e para a transformação social. Segundo Munhoz (1996, p.35),

“O que nosso mundo necessita não é um sistema educativo orientado para a manutenção do *status quo* e nem torres de marfim de aprendizagem especializada, e sim ambientes educativos flexíveis e funcionais onde as pessoas possam entrar em contato com conceitos e idéias relevantes para seu presente e para seu futuro”.

Dessa maneira, optamos utilizar nesta pesquisa uma intervenção educacional, que não segue um modelo pré-estabelecido como uma educação tradicional, e sim, a busca de uma forma de trabalho que possa ser criada pelos próprios aprendizes, combinadas com as propostas estabelecidas, como foi o caso desta pesquisa, que se aplicou às vivências de cada sujeito, de cada história vivida, de cada cultura envolvida.

Então:

“Falar em projeto social sugere, uma mudança de aspectos da realidade social, uma mudança do social, uma transformação social. Assim caracterizado, um projeto social seria um instrumento ou um meio para a transformação social, ou melhor, seria por hipótese, uma condição desta transformação. E, para haver uma intervenção, de fato, é preciso supor que o desenvolvimento histórico é uma luta estratégica, que há um espaço de atuação que pode ser aproveitado, que este espaço não é o do Estado, e é justamente dentro dele que determinamos segmentos vão buscar os objetivos de transformação da vida social, porque, por hipótese, a vida não se encontra adequada às suas expectativas” (TASSARA, 2002, p. 3).

Para tanto, nos processos de intervenção educacional, busca-se que cada participante vivencie o processo de forma distinta dos demais e o assimile de acordo com a sua personalidade e experiência de vida. Entendemos que formas de planejamentos não devem ser um produto acabado, mas sim um modelo diferenciado em permanente construção, realizado de maneira que as populações envolvidas sejam agentes da concretização da sua própria história, a partir dos interesses de cada grupo, bairro, comunidade, etc.

“Dessa forma, um projeto social pode ser considerado como expressão de uma possibilidade de poder que visa influir, direta ou indiretamente, sobre formas ou aspectos da organização humana no espaço total. E essa expressão pode se dar de várias formas: seja incorporando minorias; seja alterando as condições externas que definem o que é minoria e o que é maioria; seja, enfim, reformulando completamente esse ambiente, que pode ser o ambiente da cidade de São Paulo, de uma instituição, de um país, do mundo todo ou do planeta” (TASSARA, 2002, pg. 4).

Então,

“A política de projetos sociais visa fazer cumprir a declaração universal dos direitos do homem, que fundamenta a nossa constituição e que, no fundo, define como direito de cada homem ser “igual ao igual”, o que é muito difícil de definir. De qualquer forma, trata-se de um igual que tem que ter casa, saúde, emprego, etc. Assim, quando se inicia o desenvolvimento de um projeto social, antes de mais nada, é preciso definir quem é esse sujeito, que deverá vir a ser “igual ao igual” (TASSARA, 2002, p.7).

É importante que a nossa busca de pesquisadores e/ou de educadores ambientais, seja para um projeto de intervenção auto-sustentável, ou seja, que os sujeitos envolvidos passem a ter a possibilidade de auto-governar sua subsistência, buscando elementos para sobreviver em outras condições que não aquelas oferecidas pelo projeto, assim incluindo-se no “processo político através de uma inserção no esquema do poder que relaciona o Estado com a sociedade. Se o projeto alcança essa eficácia, ele, de fato, é um projeto social e se inclui no processo histórico” (TASSARA, 2002, pg. 13). Dessa forma, a busca está em ser um facilitador da participação pública nas discussões, reflexões e decisões, portanto, não somente seguir uma forma de atuação pré-estabelecida, pronta e acabada em si.

Por isso, quando se fala em projetos ambientais, segundo Tassara (2002, p. 15),

“existem ainda outros complicadores porque, nesse caso, não se trata de um problema de inclusão, e sim da construção de uma circunstância externa à cultura e à técnica que, às vezes, mobiliza aqueles sujeitos ou aquela comunidade. Então, torna-se necessário saber: qual é a cultura daquelas pessoas, como elas se expressam tecnicamente, como elas encaram ou se aplicam no trabalho, como elas se integram na organização do ambiente.”

Para isso, é necessário ter uma atuação que conduza ao conhecimento individual e coletivo, seja por uma proposta de desenvolvimento de projetos de alguma instituição ou vindo da própria comunidade ou grupo. O desafio é difundir para as distintas lideranças comunitárias e/ou grupos, que é possível buscar parcerias no processo de desenvolvimento sustentável, de forma que tenhamos acesso aos recursos públicos ou privados e aos processos de tomada de decisão, para o desenvolvimento local/ global de políticas públicas. É um processo de compartilhamento de poder, capacitando as comunidades locais a realizarem suas próprias análises, ganharem confiança e tomarem suas próprias decisões em parceria com o poder público e/ou privado, levando à sustentabilidade de programas desenvolvidos.

Assim sendo, é necessário que se iniciem ações de decisão e participação, respeitando os direitos de cada um e do coletivo, do local e do global, buscando maior autonomia. É a partir disso que nos inspiramos a buscar processos educacionais que promovam a percepção da ética nos seus envolvidos e que levem à emancipação tanto do indivíduo, quanto do grupo.

É importante que as comunidades e grupos locais cuidem de seu próprio meio ambiente, “pois constituem os melhores canais para expressar suas preocupações e tomarem atitudes relativas à criação de bases sólidas para sociedades sustentáveis” (ALMEIDA, 1993; p. 37). Os sujeitos podem se transformar e transformar o meio em que vivem, de acordo com suas necessidades e desejos para que dessa forma, a participação não seja apenas um instrumento de planejamento, mas:

“um instrumento de conhecimento da desejabilidade das aspirações: que mundo queremos construir ou tornar realidade? Esta é, enfim, uma condição para a participação protagonista dos indivíduos como sujeitos históricos, como sujeitos políticos. E é, nesse momento, quando o indivíduo se torna um sujeito político, um protagonista político, que ele vai poder expressar o seu poder. Às vezes essa consciência é árdua, mas é real, e é a partir dela que o sujeito passa a ser um protagonista político (...) no sentido de colocar a exigência de eficácia social e política no seu plano máximo, que é a transformação de cada sujeito em protagonista histórico. Significa a criação de um sujeito capaz de entender as possibilidades de transformação que o mundo oferece, capaz de entender o poder que ele tem de atuar nessas transformações, e capaz de se engajar numa busca coletiva de mudança de desejabilidade da vida social” (TASSARA, 2002, p.13).

Portanto, há a necessidade de se criar condições para que cada indivíduo possa desenvolver e compreender o senso de responsabilidade, de respeito pelo próximo e pelo futuro. Isso pode acontecer quando esses sentimentos são cultivados através do que é vivenciado na comunidade à qual pertence, podendo entender o que é importante em suas pequenas atitudes para o futuro do planeta e do universo.

Assim sendo, o resultado pretendido nesta pesquisa não pode ser pensado independente do seu efeito sobre a vida social, ao contrário, “busca-se justamente produzir um resultado que tenha um comprometimento com o modelo de vida social, ou então com aquilo que se deseja transformar” (TASSARA, 2002, p.12).

Segundo Costa (1986, p.369), nenhum sistema social pode ser transformado de uma vez, partindo do estado inicial e chegando a um estado desejado. “A transformação tem de ser gradual, e cada mudança real que ocorre no sistema pode modificar a definição do estado desejado.”

De acordo com o mesmo autor, essa estratégia procura criar condições para que um sistema seja planejado, interativo, conforme a participação dos grupos na coordenação, integração e continuidade dos processos estabelecidos naquele local.

Para tanto, de acordo com Rosa (2001, p.44), a intervenção educacional, promovida enquanto recurso metodológico de pesquisa é composta aqui pela realização de encontros e pelo apoio à formulação e implementação de projetos. “Metodologicamente a intervenção não pode ser considerada um “experimento” em seu sentido clássico, pois não havia intenção deste tipo de tratamento, nem condições de controle minucioso sobre o processo”. Porém, é possível identificar um procedimento “quase experimental” em que uma iniciativa envolvendo o processo de estudo o orienta por “hipóteses de trabalho” desenvolvidas e monitoradas pela pesquisadora.

Costa-Pinto (2003, p.30), parte do pressuposto de que a “educação ambiental está imbuída de um conteúdo político e de que a ação educativa situa-se numa ampla e complexa relação de conflitos histórica, social e culturalmente condicionados”. Idéias que compreendem que o processo educativo que se propõe a transformar a realidade é conflitivo, pois estará necessariamente lidando com a ruptura de algo como de uma vivência, de um processo de grupo, etc.

E assim,

“O sentido do processo nasce do acontecer dinâmico, dos problemas percebidos no cotidiano e da busca de soluções, pois a educação própria do processo da demanda deve buscar sempre a construção de um presente capaz de projetar um futuro melhor” (GUTIÉRREZ & PRADO, 1999, p.51)

Não se trata, portanto, de simplesmente dizer que todas as propostas são válidas a priori porque estão inseridas em um universo cultural. “A própria prática educativa, se o que se objetiva é a transformação social, vem desacomodar buscando provocar mudanças”, de acordo com Costa-Pinto (2003, p.33). Trata-se, no entanto, da busca de uma mudança que se construa a partir de diálogos e que conhecimentos gerados venham fazer sentido para os que se envolvam com o trabalho.

### 2.3 Potência de Ação

“A função do educador é assim, de despertar a beleza adormecida no educando, fazendo magias. Agir como um feiticeiro que não manipula a matéria mas manipula símbolos, o feiticeiro lida com palavras. Dessa forma, manipulando símbolos é que transforma mundos e desperta potências adormecidas em nós”.  
*Rubem Alves*

A pesquisa sobre potência de ação foi feita a partir de autores e estudiosos de Espinosa. O entendimento desses estudos e a análise desses autores foram desenvolvidos a partir dessas leituras e não bebidas diretamente na fonte do filósofo, pois seria necessário um aprofundamento muito além do tempo e espaço a que nos submetemos no processo de construção possível para uma dissertação.

Desvelar<sup>8</sup> no indivíduo a potência de ação é uma forma de procurar em cada ser, ou em cada grupo, quais são as suas capacidades individuais, os seus talentos, as suas potencialidades. Essas descobertas estimulam a sua ação e participação, ou seja, o desenvolvimento da sua cidadania.

O propósito dessa pesquisa é o fortalecimento do sujeito pelo estímulo da potência de ação, que pode se dar, por exemplo, quando uma comunidade é envolvida num processo de resgate e valorização da sua identidade e do sentido de pertença ao local onde seus membros moram, aliado a vivências de processos participativos, pretendendo motivar as pessoas a desenvolverem um sentido de apropriação, procurando efetivar novas iniciativas.

---

<sup>8</sup> Dar-(se) a conhecer; revelar-(se), segundo o Dicionário Aurélio, (1977).

“Desvelar significa retirar o véu, aquilo que oculta fatos, objetos e ações expressos em palavras, imagens, sentidos e interpretações que os comunicam. Ou seja, significa inter-relacionar (no pensamento) línguas, linguagens, pensamentos, lógicas e Lógica no perscrutar dos véus que obnubilam a atribuição de significados” (Tassara & Ardans, 2005, p.204).

Assim, de acordo com Reboredo (1995, p.40), quando é superada a serialidade e a alienação do sujeito, “obtem-se a unificação das liberdades e com ela a relação de reciprocidade. Nessa relação, cada indivíduo é para o outro como ele mesmo.” Não como ‘idênticos’ ou ‘coisas’ substituíveis, mas como “dimensão humana”. Em outras palavras, a interiorização do outro como sujeito.

Segundo Sorrentino (2000), para tanto, é necessário que:

"Tal compromisso passe pela identificação do indivíduo com os desafios colocados e com o projeto utópico coletivo; passa pelo sentimento de "pertencimento" e pela vontade da potência de agir. Somente uma ética que coloque a autonomia como horizonte de busca constante, enfrentando o necessário, pertinente e constante diálogo com a interdependência e, portanto, com as possíveis limitações à autonomia, é que pode nos manter na trilha desta emancipação."

A busca pela mudança de comportamentos, valores, conhecimentos e atitudes, é cultivada através de e para um ideal ecológico que leve à compreensão não apenas de uma nova sociedade, mas também de um novo sujeito, que se vê como parte dessa mudança na sociedade, e que abrange também, a percepção de uma revolução de corpo e alma, ou seja, uma reconstrução do mundo incluindo os estilos de vida pessoal e coletiva.

“Potência de ação refere-se a nossa capacidade de agir no mundo, de transformar a realidade em que vivemos na direção do que desejamos. Para tanto é necessário que tenhamos clareza a respeito da causa primeira de nossos desejos, ou seja, o saber e a ação são inseparáveis. Esse conceito vem sendo incorporado a Educação Ambiental por apontar caminhos que possibilitam a implementação de práticas educativas emancipatórias, que visam o fortalecimento dos sujeitos e dos coletivos. O termo nos reporta ao século XVII, mais precisamente à obra do filósofo holandês Baruch de Espinosa (1632-1677) e a sua busca pela liberdade, como demonstra Marilena Chauí (1995) ao afirmar que ‘libertar os seres humanos do peso de suas superstições e preconceitos (...), convidá-los ao exercício de sua própria capacidade de pensar e agir, eis as metas de Espinosa’ (SANTOS & COSTA-PINTO, 2005, p.297).

Complementando o conceito, potência de agir, é imprescindível a referência sobre o termo *conatus*<sup>9</sup>. Segundo Santos (2002, p.32), “o *conatus* pode dizer respeito ao corpo apenas, à mente apenas, ou à mente e corpo juntos, sendo tal distinção

---

<sup>9</sup> “Termo latino que significa esforço de, ou esforço para. A filosofia do século XVII, (um corpo permanece em movimento ou em repouso se nenhum outro corpo atuar sobre ele modificando seu estado), torna possível a idéia de que todos os seres do universo possuem a tendência natural e espontânea à auto-conservação e se esforçam para permanecer na existência” (CHAUÍ, 1995, p. 106).



importante porque a partir dela Espinosa diferencia de maneira explícita a vontade e o apetite”:

“Este esforço, enquanto se refere apenas à alma, chama-se **vontade**; mas quando se refere ao mesmo tempo à alma e ao corpo, chama-se **apetite**. O apetite não é senão a própria essência do homem, da natureza da qual se segue necessariamente o que serve para a sua conservação; e o homem é, assim, determinado a fazer essas coisas. Além disso, entre o **apetite** e o **desejo** não há nenhuma diferença, a não ser que o desejo se aplica geralmente aos homens quando têm consciência do seu apetite e, por conseguinte, pode ser assim definido: **o desejo é o apetite de que se tem consciência**. É, portanto, evidente, em virtude de todas estas coisas, que não nos esforçamos por fazer uma coisa que não queremos, não apetecemos nem desejamos qualquer coisa porque a consideramos boa; mas, ao contrário, julgamos que uma coisa é boa porque tendemos para ela, porque a queremos, a apetecemos, a desejamos’ “.

Em síntese:

“Nosso ser é definido pela intensidade maior ou menor da força para existir – no caso do corpo, da força maior ou menor para afetar outros corpos e ser afetado por eles; no caso da alma, da força maior ou menor para pensar. A variação da intensidade da potência para existir depende da qualidade de nossos apetites e desejos. A força do desejo aumenta ou diminui conforme a natureza do desejado, e a intensidade do desejo aumenta ou diminui conforme ele seja ou não conseguido, havendo ou não satisfação” (CHAUI, 1995, p. 64).

Portanto, compreende-se que na paixão<sup>10</sup> somos causa inadequada dos nossos apetites e desejos, ou seja, somos somente parte da causa do que sentimos, do que fazemos e do que desejamos, porque a causa mais forte é a imagem das coisas, de nós, dos outros; então, exteriorizar é mais forte do que interiorizar a causa do corpo e da mente. Conseqüentemente, temos a variação da intensidade da potência para existir, da qual depende, então, a qualidade dos nossos apetites e desejos.

No último livro da Ética, Espinosa escreve:

“Como o pensamento e as idéias das coisas se ordenam e se encadeiam na alma, exatamente da mesma maneira as afecções do corpo, ou seja, as imagens das coisas, se encadeiam e se ordenam no corpo”.

---

<sup>10</sup> “Afetos ou sentimentos causados em nós por coisas ou causas exteriores a nós e das quais somos os receptores passivos” (CHAUI, 1995, p.108).

De acordo com Chauí, o que a torna possível é um processo de liberação que se inicia no interior das paixões. Ao passo que as paixões tristes vão sendo afastadas e as alegres vão sendo aproximadas, e a alegria e o desejo dela nascidos irão, pouco a pouco, diminuir a passividade e nos preparar para a atividade.

“A filosofia de Espinosa é uma ética da alegria, da felicidade, do contentamento intelectual e da liberdade individual e política. Na abertura do Tratado da Correção do Intelecto, escreve: ‘Tendo eu visto que todas as coisas de que me arreceava ou temia não continham em si nada de bom nem de mau senão enquanto o ânimo se deixa abalar por elas, resolvi enfim, indagar se existia algo que fosse um bem verdadeiro e capaz de comunicar-se a todos e pelo qual unicamente, afastado tudo o mais, o ânimo fosse afetado; mais ainda, se existia algo que, uma vez encontrado, me desse para sempre a fruição de uma alegria contínua e suprema’ ” (CHAUÍ, 1995, p.52).

Continuando,

“A filosofia espinosana germina nessa busca e a ela se dedica até seu florescimento no Livro V da Ética, em cuja conclusão lemos: “Se o caminho que mostrei conduzir a este estado [de plenitude e contentamento] parece muito árduo, pode, todavia, ser encontrado. E com certeza há de ser árduo aquilo que muito raramente se encontra. Como seria possível, com efeito, se a salvação estivesse à mão e pudesse encontrar-se sem muito trabalho, que fosse negligenciada por quase todos? Mas tudo que é precioso é tão difícil quanto raro”. (CHAUÍ, 1995, p.53)

Essa preciosidade difícil e rara, é o que pode levar-nos ao encontro do início da vida ética, “no interior das paixões, pelo fortalecimento das mais fortes e enfraquecimento das mais fracas”, isto é, de todas as formas da tristeza e dos desejos nascidos da tristeza (ódio, medo, ambição, orgulho, humildade, modéstia, ciúme, avareza, vingança, remorso, arrependimento, inveja). Então, uma tristeza intensa é uma paixão fraca; uma alegria intensa, uma paixão forte, pois fraco e forte se referem à qualidade do *conatus* ou da potência de ser e agir, “enquanto a intensidade se refere ao grau dessa potência. Passar dos desejos tristes aos alegres é passar da fraqueza à força – virtude” (CHAUÍ, 1995, p.70).

É essencial que participantes de um processo educativo reflitam intensamente sobre o que desejam transformar e que tipo de transformação desejam realizar, não esquecendo “a necessidade de que o coletivo e cada integrante do grupo individualmente conheça a causa primeira dos seus desejos e não apenas realize a

identificação dos mesmos, pois é justamente este processo reflexivo que irá permitir e garantir a expressão da *práxis* emancipatória” (SANTOS, 2002, p.32).

Portanto, o que Espinosa diz é que, “o que nos move é a busca da felicidade e que esta está indissociavelmente ligada à capacidade que temos de expressar e realizar nossos desejos, daí a importância de conhecer a causa dos mesmos, pois ‘pensamos e agimos não contra os afetos [sentimentos], mas graças a eles’ (Chauí, 1995, p.71).

Espinosa argumenta ainda que somos capazes de: a) fomentar bons encontros - aqueles que aumentam nossa potência de ação, pois fortalecem nossa autonomia de ser e estar no mundo em liberdade, na medida em que propiciam a descoberta de capacidades, potencialidades e talentos individuais e coletivos, e b) evitar os maus encontros - aqueles que aumentam nossa potência de padecer/sofrer e diminuem nossa potência de ação na medida em que nos impelem para uma situação degenerativa de servidão. Para o autor, a idéia de algo bom é comandada pelo desejo de ser feliz, e o que alegra o homem é sua disposição de ser livre, de pensar e agir por si próprio (ESPINOSA, 1983). É importante colocar que, para o autor, ser livre não significa fazer o que se quer no momento que se quer, mas sim empreender coletivamente ações de maneira consciente e responsável, o que implica conhecer bem as regras que regem o que está à nossa volta.

Isso nos leva à reflexão do quanto é importante e necessário que se busque o envolvimento das populações em processos que as levem à emancipação, à reflexão dos porquês do mundo e da vida de cada ser humano, ou de coletivos, à auto-crítica, ou seja, à consciência dos nossos apetites e desejos, e por fim, ao movimento que realmente nos leve a toda essa realização.

## 2.4 Educação Ambiental

“Saiu o semeador a semear.  
Semeou o dia todo e a noite  
o apanhou ainda com as mãos  
cheias de sementes.  
Ele semeava tranquilo  
sem pensar na colheita  
porque muito tinha colhido  
do que outros semearam.”

Para falar de Educação Ambiental (EA), faremos uma pequena regressão no tempo, para uma breve identificação do próprio histórico da EA. “Em termos mundiais, a discussão desse tema intensificou-se na década de 1970. No Brasil, a Educação Ambiental ganhou alguma relevância a partir da década de 1980, quando começaram a ser produzidos alguns trabalhos, artigos e ensaios sobre o assunto” (GUIMARÃES, 2000, p.16).

Já no plano internacional, a EA começa a ser discutida como tema de políticas públicas na I Conferência Internacional sobre Meio Ambiente, que ocorreu em Estocolmo – Suécia, no ano de 1972. Depois em 1977, acontece a I Conferência sobre EA em Tbilisi (ex-URSS); vinte anos depois, a II Conferência de Tessalônica – Grécia. Esses encontros foram promovidos pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Todo esse processo veio estimular a realização de seminários e conferências, bem como a adoção de políticas e programas onde a EA passa a ser integrada nas ações dos governos, não só no Brasil como de outros países. A EA no Brasil aparece na legislação desde 1973, sendo atribuída à primeira Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA). Mas é nas décadas de 1980 e 1990 que a EA se torna mais conhecida, já sendo o resultado do avanço da sensibilização para assuntos ambientais.

Segundo Carvalho (2004b, p.52), as principais políticas públicas para EA no Brasil desde os anos 80 são as seguintes:

1984 Criação do Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA);

1988 Inclusão da EA como direito de todos os cidadãos e dever do Estado no capítulo de meio ambiente da Constituição;

1992 Criação dos Núcleos de EA pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e dos Centros de EA pelo Ministério da Educação (MEC);

1994 Criação do Programa Nacional de EA (PRONEA) pelo MEC e pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA);

- 1997 Elaboração dos Parâmetros Curriculares definidos pela Secretaria de Ensino Fundamental do MEC, em que “meio ambiente” é incluído como um dos temas transversais;
- 1999 Aprovação da Política Nacional de EA pela Lei 9.795;
- 2001 Implementação do Programa Parâmetros em Ação: meio ambiente na escola, pelo MEC;
- 2002 Regulamentação da Política Nacional de EA (Lei 9795) pelo Decreto 4.281;
- 2003 Criação do Órgão Gestor da Política Nacional de EA reunindo MEC e MMA.

Assim, percorre-se na essencialidade de se pensar na questão ecológica/ambiental, que é um dos grandes exemplos de indignação moral e ética, e que nos inspira a refletir de forma mais aprofundada para redefinir os direitos humanos, que hoje são essenciais no modo de pensar as relações políticas e sociais:

“qual a razão de protegemos os animais? Qual a base filosófica para defendermos os direitos relativos à natureza? (...) O cerne de um movimento como o ecológico está numa versão expandida da ética, que vai além do humano, rumo ao natural” (RIBEIRO, 2004, p.29).

Nesse contexto,

“A entrada da *natureza* ou *meio ambiente* no campo da política pode ser vista como uma ampliação da esfera pública, na medida em que os destinos da vida, conquistam um espaço crescente como objeto de discussão política na sociedade. Como propôs Serres (1991), haveria que introduzir a natureza no pacto civilizatório por meio de um ‘contrato natural’<sup>11</sup>. Contudo, se podemos falar de uma politização natural pelos movimentos sociais e lutas ecológicas emancipatórias, também se pode observar a tênue fronteira que aponta para uma biologização da política, ou seja, a afirmação de uma suposta *ordem natural*” (CARVALHO, 2004b, p.59).

Surge então a preocupação ambiental, como uma causa com grande potencial de identificação com os jovens, sendo uma forma nova de se engajar a movimentos

---

<sup>11</sup> “Volta a natureza! Isto significa: ao contrato exclusivamente social juntar o estabelecimento de um contrato natural de simbiose e de reciprocidade onde a nossa relação com as coisas deixaria domínio e posse pela escuta admirativa, pela reciprocidade e pela contemplação. [...] Contrato de simbiose: o simbiota admite o direito do hospedeiro, enquanto o parasita – nosso estado atual – condena à morte aquele que pilha e que habita, sem tomar consciência de que no final condena-se a desaparecer” (SERRES, 1991, p. 51, in CARVALHO, 2004a, p. 59).

sociais e políticos. Há uma forte ligação desses movimentos sociais, como o ambientalista, que é o caminho a que se propôs esta pesquisa, com o engajamento e envolvimento de grupo de jovens. Segundo Carvalho, (2004a, p.56),

“Uma consciência ambiental, ainda que difusa, parece estar se disseminando entre segmentos jovens, ao menos enquanto potencial motivação para a ação coletiva (CRESPO, 2001; AMSTALDEN e REIBEMBOIM, 1998, et al. CARVALHO 2004). A valorização da natureza e a preocupação com o futuro do planeta têm se mostrado particularmente atrativas para a formação de grupos jovens para a ação ambiental, como se pode ver pela forte presença jovem entre voluntários e ativistas de ONGs ambientalistas como Greenpeace, WWF, entre outras.”

Assim, pode-se notar que por essa razão, a relação dos jovens “com a política possui o tom apaixonado de quem está revendo e mudando a própria vida, numa construção ao mesmo tempo individual e coletiva” (CARVALHO, 2004a, p. 63).

Há também o fato que tanto seduz a juventude, como por exemplo, o envolvimento com movimentos que possam lhes trazer à tona toda a emoção e energia que carregam em si. Não sendo assim, uma regra e sim uma oportunidade a ser explorada e encorajada nos jovens.

Segundo Loureiro (2004, p. 31):

“A educação ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato político, baseado em valores para a transformação social. (...) uma práxis educativa que é sim cultural e informativa, mas fundamentalmente política, formativa e emancipadora, portanto, transformadora das relações sociais existentes”

A partir dessas reflexões pensamos em princípios que podem orientar as ações de uma EA mais emancipatória, que desperte no ser humano a beleza, o bem estar, a felicidade, a magia; que possa acordar novas formas de ver e viver em nosso planeta; de despertar potências adormecidas pelo dia-a-dia que massacra e massifica.

É necessário ater-se a estratégias de planejamento incremental e articulado que permitam rever freqüentemente objetivos e estratégias para um constante aprimoramento de metodologias na EA, por meio de aprendizados sistematizados e redirecionados de forma democrática e combinado entre todos os parceiros, sem abandonar as diretrizes e os princípios que balizam as ações em educação ambiental que devem estar refletidas em grupos, instituições, locais e globais.

“No que chamamos de educação ambiental emancipatória, poderíamos incluir outros sinônimos: Educação ambiental crítica; educação ambiental popular; educação ambiental transformadora. Neste sentido, falamos de fundamentos estruturantes da educação ambiental e da análise feita, as categorias conceituais *emancipação e transformação social*, para que fique explícito que não estamos falando de uma educação ambiental genérica, de um conjunto de conceitos que servem instintivamente para qualquer atividade que se auto-denomine como educação ambiental”(LOUREIRO, 2004, p. 33).

Para que uma EA seja emancipatória, é importante ter em mente sempre as bases teóricas e metodológicas que seguimos e em que nos pautamos, para isso, é essencial perfazer a construção destas bases com o grupo com que se trabalha, possibilitando assim, revisitar sempre o processo, ou seja, a práxis. De acordo com Gutiérrez (1988, p.107),

“A educação é práxis, ou do contrário não é educação. Sem práxis, nem o educador nem o educando constituem-se a si mesmos e, ao não integrarem o trabalho produtivo e a ação criadora, tampouco chegam a transformar a realidade. Portanto, uma ação transformadora e consciente, que supõe dois momentos inseparáveis, o da ação e o da reflexão, sendo o primeiro o ponto inicial, na medida em que a ação parte de uma certa consciência e conduz até uma nova forma de consciência, mais esclarecida, mais plena”.

Portanto, busca-se uma EA que seja crítica ao modelo estabelecido de sociedade em que vivemos, para a construção de um mundo mais justo e equilibrado tanto social quanto ambientalmente. É uma educação que visa a formação de cidadãos é necessário, para que haja engajamento aos seus princípios, além de uma concepção de cidadania planetária que valorize a ação política individual, ou seja, ações presentes nas pequenas batalhas cotidianas, com a possibilidade de repercussão no todo.

Para uma EA emancipatória, o processo deve ser continuamente reelaborado, ou seja, no pensar/ fazer e na práxis, quando se compreendem os limites e as possibilidades de superação. Para tanto, segundo Lukács (1967), em Guimarães (2000, p.71),

“(...) o conhecimento de si significa, ao mesmo tempo, o conhecimento correto de toda a sociedade; quando, conseqüentemente, através de um tal conhecimento, esta

classe é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto do conhecimento, a teoria se encontra desta maneira, em contato imediato e adequado como processo de revolução social, é somente então que a unidade entre teoria e prática, condição prévia da função revolucionária da teoria, torna-se possível.”

Nesse sentido, para se compreender a abrangência da EA é importante a definição e construção de idéias que norteiam esta pesquisa, pois é uma “utopia” a ser estabelecida. Ao participar e realizar esta pesquisa, inicia-se o trilhar de um educador ambiental que pode construir um ambiente educativo em diferentes espaços sociais, pois caminhando é que se faz e se descobre o caminho.



## 2.5 Material e Método

“Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a miséria da existência humana.”  
Bertold Brecht

Esta pesquisa foi desenvolvida com um grupo de jovens do Loteamento Jardim Oriente, localizado em Piracicaba - SP, e objetivou “captar a realidade dinâmica e complexa do objeto de estudo no seu contexto histórico” (SANTOS 2002, p. 55), optando-se, desta forma, pela pesquisa qualitativa. As técnicas utilizadas e desenvolvidas nesta pesquisa, portanto, foram: uma intervenção educacional através de encontros que aconteceram semanalmente com o grupo de jovens e entrevistas semi-estruturadas que foram realizadas seis meses após o término do projeto.

Segundo Minayo (1994, p.21, apud SANTOS, 2002), a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações humanas em um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas, trabalhando com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, que não podem ser reduzidos a uma mera operacionalização de variáveis.

Assim, buscou-se pesquisar “as representações (linguagem-pensamento), juntamente com as ações de [cada] indivíduo, este definido pelo conjunto de suas relações sociais, para se chegar ao conhecimento de seu nível de consciência/alienação num dado momento” (LANE, 1984, p.44).

Desta forma, Lane (1984, p.45) coloca que a ênfase metodológica está na análise que permitirá, a partir do empírico, do aparente, do estático, e recuperando o processo histórico específico, chegar-se ao essencial. E isso só é possível através de categorias que nos levam, gradativamente, a análises mais profundas, visando captar a totalidade.

Portanto, com a metodologia descrita a seguir, visou-se a realização de uma pesquisa engajada, adaptando-a à realidade, à cultura, e às especificidades de um grupo de jovens de um bairro de periferia. As dinâmicas utilizadas foram pesquisadas e adaptadas de várias áreas como a psicologia e a ecologia, entre outras, criando métodos de trabalho apropriados à EA, buscando adotar um critério de análise

qualitativa do processo vivenciado, tornando a própria pesquisa um exercício da *práxis*, como nos sugere Lane (1984, p 46):

“o pesquisar é também uma “práxis”: se parte do empírico, se analisa, se “teoriza”, se volta ao empírico e assim por diante, se aprofundando gradativamente para se captar o processo no qual o empírico se insere. Chegar ao concreto, ao essencial, à totalidade é uma produção coletiva onde as lacunas apontadas pelas “sínteses precárias” são tão fundamentais quanto os conhecimentos desenvolvidos”.

### 2.5.1 Cenário da Pesquisa

O Censo de 1980 indicava, em Piracicaba, a existência de 1.060 moradias em estado precário, em parte barracos e favelas, espalhadas pelo município. Já o Censo de 1991 evidenciava um aumento para 3.006 barracos, dos quais podemos ter uma descrição do contexto onde se inseriam, a partir de um relatório elaborado por alunos da ESALQ:

“Em geral estas ocupações se dão nas áreas públicas de loteamentos, que são áreas verdes, de preservação permanente ou institucional, nem sempre as mais adequadas para moradia. A Constituição Estadual, não permite que estas áreas tenham outra destinação e para resolver este problema, foi necessária a criação de um programa específico” (SECAMILLI et al, 2003, p.4).

No ano de 1989, na busca de soluções para melhorar o déficit habitacional e as condições de moradia no município, criou-se a EMDHAP – Empresa Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Piracicaba.

Segundo Secamilli et al. (2003, p.5) “a área escolhida para construção do núcleo habitacional era utilizada até o ano de 1995 pela família Moraes Sampaio no cultivo de cana de açúcar. Gleba com aproximadamente 170.000 metros quadrados, desapropriada em 1995”. Com isso, a área foi doada à EMDHAP para a construção de casas populares, destinadas a moradores de áreas de risco, como por exemplo, favelas em morros ou em áreas de preservação permanente. Assim, foi viabilizado o Loteamento Jardim Oriente, segundo o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município.

“O Jardim Oriente é um bairro localizado na região sul de Piracicaba e faz divisa com o Residencial Serra Verde, o Residencial Água Branca e o Parque Água Branca. A região sul era apontada, pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, como de crescimento favorável à implantação de empreendimentos habitacionais, devido a vários

fatores como tratamento de esgoto, próximo a ESALQ, tipo e declinação do solo, acesso, vários equipamentos sociais, etc” (SECAMILLI, et al, 2003, p.5).

A EMDHAP, em parceria com outras entidades não governamentais, ofereceu recursos e orientações técnicas para que cada família construísse sua própria casa, através do programa de auto-construção dirigida, com recursos a fundo perdido. A seleção das famílias que receberiam o benefício seguiu critérios de urgência detectados pela Defesa Civil e pela Secretaria de Desenvolvimento Social, que coordenou e realizou todo o processo de remoção e assentamento das famílias.

“Ocorreu o parcelamento do solo com 500 lotes de aproximadamente 150 metros quadrados, com áreas reservadas para equipamentos comunitários (escolas, posto de saúde, creche, etc) e também para sistemas de lazer (praças, parques, etc)” (SECAMILLI, et al, 2003, p.5).

Entretanto, o recorte do “Jornal Jardim Oriente” (Anexo 2), editado em 2000 pela própria comunidade, conta uma versão diferente da oficial, a respeito da história desse bairro, transcrita abaixo:

**“Vítimas da Opressão** – Assim surgiu o Bairro Jardim Oriente: abaixo de repressão policial, os moradores foram “convidados” a providenciar suas mudanças e dirigirem-se para o local onde a prefeitura havia construído novas casas através da EMDHAP - Empresa Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Piracicaba. Só se esqueceram de dizer que as casas ainda não estavam terminadas, algumas ainda sem telhado, outras já com rachaduras nas paredes, mas o pagamento seria adequado à situação financeira de cada morador.

Além da péssima qualidade do material utilizado na construção das casas causando rachaduras e risco de desabamento, ainda existem os alagamentos que são freqüentes.

Os preços das casas que seriam acessíveis tornaram-se impagáveis com os juros altos, e hoje grande parte dos moradores está sendo citada pela EMDHAP, que quer promover a reintegração de posse.

Ainda levamos em conta que a maioria dos moradores possuíam casas de alvenaria na área de onde foram retirados antes de serem condenados a residir no atual Jardim Oriente, casas melhor construídas, mais seguras, já pagas, o seu verdadeiro lar, levantados com o suor do seu trabalho e superando todas as dificuldades de conseguir recursos para a compra de material. Essas casas também foram covardemente derrubadas naquela manhã chuvosa. Isso é justo?”

Em um outro artigo do mesmo jornal, intitulado “Enquanto Isso..”, também fica evidente a precariedade a que foram expostos esses moradores.

*“Enquanto os moradores sofriam com a repressão e a justiça de serem deslocados à força para moradias ainda não terminadas que não lhes tiram o ‘rótulo’ de favelados, sem água, luz ou asfalto e sofrendo com os freqüentes alagamentos... Onde estavam os vereadores eleitos pelo povo popular e que tem por obrigação fiscalizar e defender a população das injustiças e violações dos diferentes humanos?”*

Já no Jornal “VOZ DO POVO”<sup>12</sup>, encontra-se o artigo “UNIÃO TRINA – Integração e desenvolvimento Água Branca, Oriente e Serra Verde”, contando o desenvolvimento do bairro algum tempo depois, evidenciando a organização política dos moradores.

*“No dia 9 de março aconteceu no bairro Serra Verde a reunião envolvendo lideranças representando o Jardim Oriente, Serra Verde e Água Branca. Muitas questões foram discutidas e chegou-se a conclusão de que um trabalho conjunto é perfeitamente possível. Muitas das reivindicações dos bairros são comuns e lutando juntos a possibilidade de se obter melhorias junto aos órgãos públicos aumenta. As reuniões estão ocorrendo todas as sextas-feiras, na Sorveteria Água Verde e o convite se estende a todos os interessados dos três bairros e demais bairros vizinhos.”*

Podemos tirar a conclusão de que, essa comunidade, através da união e reunião de seus moradores, constituindo-se por meio da eleição de uma Presidente do bairro e com a participação efetiva de seus membros, é que foi possível a obtenção de alguns equipamentos: a escola (uma escola modelo, que já teve vários prêmios pela sua atuação não somente com os seus alunos, mas também com a comunidade); o posto de saúde, que hoje tem sua sede própria, pois há algum tempo funcionava em uma casa doada por um ex-morador do bairro e hoje conta com profissionais de extrema competência, que participam do dia-a-dia do bairro e buscam a resolução dos problemas existentes ali; a creche, que é uma conquista muito importante, em especial para as mulheres que trabalham. No entanto, alguns ajustes ainda têm que ser feitos. A assistência social ainda recebe muitas reclamações da comunidade, pois a creche não possui vagas suficientes para atender à necessidade do bairro.

E, por fim, a conquista do Centro Comunitário, que lhe rendeu alguns problemas com a Prefeitura e com os próprios moradores. Um desses problemas foi o fato de moradores terem sido expulsos de suas casas por não haverem quitado as prestações com a EMDHAP. Não tendo para onde ir, instalaram-se na antiga sede do Centro

---

<sup>12</sup> Terceira edição do Jornal Jardim Oriente.

Comunitário, que nada mais era do que algumas paredes com teto, em vias de cair. Além de não ser um local próprio para moradia, não estava terminado.

O sistema de lazer, entretanto, é uma das lutas que até hoje não foi vencida, uma promessa da Prefeitura que não foi realizada. Há um terreno baldio bem no centro do loteamento, onde seria construída a praça, o que até o final do Projeto Fehidro não havia acontecido. Em 2004 surgiram mais alguns boatos de que a Prefeitura não poderia mais construir a praça naquele local, pois estaria com planejamentos de crescimento de áreas industriais próximas ao Jardim Oriente e, conseqüentemente, o bairro seria alvo de muito movimento de trânsito. Portanto, a Prefeitura comunicou aos moradores que aquele local se tornara perigoso, especialmente para crianças. No entanto, nenhum outro local foi destinado para a construção dessa praça.

Apesar do esforço dos moradores, percebe-se o descaso por parte das instituições públicas, o que contribui para a exclusão social. Segundo Santos (2001) “nunca tantos grupos estiveram tão ligados ao resto do mundo por via de isolamento, nunca tantos foram integrados por via do modo como são excluídos.”

Segundo Marilena Chauí,

“todo direito é um poder, isto é, nosso direito vai até onde possuímos poder para realizá-lo e força para garanti-lo. (...) Porém, se assim é, reis, nobres e tiranos também não terão por que se queixar e se lamentar se perderem o poder quando o povo o reconquistar, pois se o perderem é porque seu direito é mais fraco do que a potência do conatus do sujeito político coletivo” (CHAUÍ, 1995, p.77).

### **2.5.2 O Surgimento do Grupo de Jovens “Água é Vida”**

“Não basta criar um novo conhecimento, é preciso que alguém se reconheça nele. De nada valerá inventar alternativas de realização pessoal e coletiva se elas não são apropriáveis por aqueles a quem se destinam.”

Boaventura de Sousa Santos

Um dos maiores motivos do nascimento de grupos de jovens no bairro foi não terem acesso a nenhuma forma de lazer ali. Muitos jovens tinham que sair do bairro para poder se divertir, outros acabavam se envolvendo com atividades ilícitas, outros perambulando pelas ruas sem destino.

A opção de se trabalhar com esse grupo de jovens específico citado ocorreu pelo fato de, na época, fazer parte de um projeto do governo do Estado chamado ‘Jovem

Cidadão'. Assim, a partir da procura pelo assistente social do bairro, Antônio Carlos Danelon<sup>13</sup>, este sugeriu às coordenadoras do Projeto Fehidro que realizassem a nova iniciativa com esses jovens, já que o projeto 'Jovem Cidadão' havia sido finalizado pouco tempo antes do início desta pesquisa. E assim foi feito, visto que a proposta poderia ter grande êxito com o grupo, já que havia participado de um projeto social que visava a melhoria do bairro ao qual pertenciam. Com isso, o grupo passou a realizar os encontros, porém com um novo propósito de trabalho socioambiental. Os jovens quiseram dar um nome ao grupo, pois sentiam necessidade de ser reconhecidos pelo que estavam fazendo naquele período. Assim, através de votação interna foi criado o nome 'Água é Vida'.

### **2.5.3 Os Sujeitos da Intervenção**

Na intervenção educacional envolveram-se diretamente dez jovens, apesar de alguns terem passado pelo grupo e desistido. O fato de esses jovens estarem inseridos num bairro pequeno de periferia, acabava envolvendo outras pessoas e a comunidade como um todo, pois todos sabiam como e onde aconteciam os encontros, além do grupo estar sempre convidando mais pessoas a participarem. Foi, portanto, com esses dez jovens, em idades que variavam de 16 a 21 anos, moradores do Jardim Oriente, que houve maior relação de empatia e sobre os quais determinou-se o enfoque desta pesquisa.

Falar a respeito e analisar o outro é uma tarefa bastante complexa e que necessita de cuidados especiais, já que se tratam de observações subjetivas. Dessa forma, apresentamos abaixo algumas características dos integrantes do grupo, substituindo seus nomes pela forma genérica "sujeito 1, 2, 3...", de forma a preservar suas identidades.

Os comentários tecidos sobre cada jovem aqui descritos, enfocam como foram observados durante os encontros e as entrevistas, que foram realizadas seis meses após o término do projeto. O grupo era formado por:

---

<sup>13</sup> O assistente social, conhecido como Totó, era um grande colaborador do grupo, dentro do bairro.

**Sujeito 1 (S1)** – inicialmente um menino tímido, de poucas palavras, morador de outro bairro (Parque São Jorge), mas por ter seus melhores amigos residentes do Jardim Oriente, era integrante do grupo. Músico, tocava violão em um grupo da igreja que freqüentava, mas com o tempo descobriu que tinha facilidade de aprender vários instrumentos, e também se descobriu um líder nato (segundo ele mesmo). Com 20 anos, estudava no ensino médio e trabalhava como mecânico. Se mostrava muito interessado nas atividades.

**Sujeito 2 (S2)** - moça de 21 anos, mãe de dois filhos, que sempre achou que não tinha muitas oportunidades por ser mãe, mas mostrou-se uma pessoa com muita energia para fazer rapidamente tudo o que combinávamos. “Não tenho preguiça de trabalhar”, dizia ela. Parou de estudar e começou a trabalhar em um supermercado como supervisora da seção de frios.

**Sujeito 3 (S3)** - garoto calmo, educado, sempre imbuído de muito respeito; tímido, não gostava de falar muito. Mas ao final do projeto, já falava sem muita inibição, mostrando sempre que sabia o que queria e onde pretendia chegar. Queria estudar, trabalhar e crescer profissionalmente. Dizia que costumava usar na sua vida o que aprendeu no grupo. Tinha 21 anos, estudava e trabalhava no Posto de Saúde do Jardim Oriente.

**Sujeito 4 (S4)** - era também um menino tímido, mas com um jeito sapeca, olhar maroto, de fala bonita e com frases profundas, nem sempre sabendo muito bem da profundidade de que era capaz. Era músico, tocava violão e também compunha músicas. Tinha um grupo musical com o irmão (**S8**) e com **S1**. Ele tinha 21 anos, parou os estudos para trabalhar como vigia noturno de um bairro próximo ao Jardim Oriente.

**Sujeito 5 (S5)** – foi o líder do grupo desde o início; um menino responsável, politizado, engajado em movimentos sociais do próprio bairro e com intenção de participar de outros grupos fora de lá. Tinha apenas uma limitação: a financeira, a qual não o impediu de realizar seus sonhos e estudar por conta própria para tentar cursar uma faculdade de biologia. Entrou num curso de teatro e tem feito algumas peças pela

cidade de Piracicaba. Tinha 21 anos, havia terminado o colegial e trabalhava no Posto de Saúde do Jardim Oriente.

**Sujeito 6 (S6)** - muito companheiro de **S5** e com gostos parecidos. Também era engajado nos movimentos do bairro, mas precisou deixar algumas participações para trabalhar. Continuou estudando, voltou a tocar guitarra e estava namorando. Quase não tinha tempo para uma maior participação no grupo, por conta do trabalho e estudo. Tinha 18 anos, cursava o ensino médio e trabalhava em um supermercado como caixa.

**Sujeito 7 (S7)** – irmã de **S2**. Uma menina rebelde na forma de agir, na maneira de falar e escrever. Sentia-se injustiçada pela vida e expunha seus sentimentos através da estética e das atitudes impulsivas. Sua participação nos encontros era sempre limitada. Era muito calada, tímida, com semblante sempre embravecido. Gostava de músicas pop rock internacional e dizia que seu sonho era ser cantora. Ela tinha 16 anos, havia parado os estudos no ensino médio e não trabalhava.

**Sujeito 8 (S8)** - irmão de **S4** e muito amigo de **S1**. Desenhava e pintava muito bem e queria sempre fazer cursos de artes, o que nem sempre era possível, por dificuldades financeiras. Tocava viola, cantava e compunha músicas e como todo artista, estava à procura de um amor. Falava pouco, mas quando se tratava de arte se entregava, trazia letras de músicas ou desenhos que fazia sozinho em casa. Tinha 18 anos, estudava e trabalhava no bar de seu pai.

**Sujeito 9 (S9)** - uma menina muito inteligente, com uma bela caligrafia. Era inicialmente moradora de outro bairro, mas estava morando no Jardim Oriente porque havia se casado com um menino do bairro. Aos 17 anos engravidou, mas continuou participando do grupo. No final do projeto já era mãe. Muito dedicada à filha, parou de estudar no ensino médio e não sabia muito bem o que faria no futuro. Dedicava-se a cuidar da filha.



**Sujeito 10 (S10)** - bagunceiro, extrovertido, mexia com todos os integrantes do grupo e pedia perdão no final dos encontros. Era politizado e engajado aos acontecimentos do bairro, mas apenas na medida do possível, pois sempre arrumava bicos (exemplo: propaganda eleitoral, ajudante de pedreiro) para ajudar em casa. Gostava de dançar e fazer Rap e tinha momentos de extremo envolvimento, principalmente ao falar, quando se concentrava no que fazia. Tinha 18 anos e continuava freqüentando o ensino médio.

## **2.5.4 Técnicas Trabalhadas**

### **2.5.4.1 A Intervenção Educacional – Encontros do Grupo**

É importante observar que, desde o início, os jovens tinham consciência da pesquisa que, estava sendo feita por esta pesquisadora e sua companheira de trabalho. Do ponto de vista do estudo científico houve o cuidado de monitorar, subsidiar, avaliar, refletir, realimentar, reformular e reavaliar os projetos que eram discutidos e seu desenvolvimento.

Os encontros com o grupo de jovens foram realizados semanalmente para não haver a dispersão dos participantes e, também, para proporcionar um melhor acompanhamento das atividades planejadas. A intervenção educacional realizada com os dez jovens apresentados acima, realizou, ao final, por volta de vinte encontros. Nessas ocasiões, os jovens tiveram a oportunidade de conhecer outros grupos que desenvolviam projetos e/ou trabalhos no próprio bairro.

Foram feitas dezenove atas, em geral pela estagiária do Projeto Fehidro, Milene Navarro (a qual iniciou seu trabalho a partir do nono encontro), e estas eram disponibilizadas no encontro posterior para os jovens, geralmente através de leitura, seguida de discussão. Algumas delas podem ser consultadas no (Anexo 3).

Nesses encontros eram apresentadas e discutidas idéias e propostas de trabalho de forma participativa. Neles se desenvolviam dinâmicas, vivências, jogos, discussões, saídas de campo e participação em eventos. Eram reuniões de duas horas e meia, realizadas todas as quartas-feiras. No período entre elas, a equipe Flávia, Milene e eu nos reuníamos para avaliar o encontro anterior e fazer um planejamento prévio do próximo. O planejamento era apresentado ao grupo de jovens através de uma pauta, que era seguida ou não de acordo com as sugestões dos próprios integrantes.

Em alguns momentos havia tarefas destinadas a todo o grupo, mas quando necessário, uma parte dele se dividia para realizá-las para o próximo encontro. Os encontros seguiam o seguinte roteiro:

Nos encontrávamos uma vez por semana na Igreja de Santos Reis, por volta das 8:30h e arrumávamos o local para o lanche. Na seqüência, nos alimentávamos, em geral com biscoitos, pães, manteiga, queijo, suco, refrigerante e leite. Após o lanche fazíamos os informes, com relatos da ata do encontro anterior e dávamos novas informações. Esses informes eram feitos tanto pelos jovens como pela coordenação. Então, era feita uma atividade corporal, nos espreguiçando, fazendo um alongamento e finalizando com uma massagem em círculo ou com brincadeiras corporais, inventadas ou adaptadas de outras já conhecidas. Depois, passávamos para a atividade do dia, que podia ser a discussão de um tema solicitado pelos jovens ou alguma atividade que compunha o projeto, como discutir um tema ambiental local, sair a campo para fazer observações, entrevistas, etc. Foram desenvolvidas várias atividades, teatro, filmes e dinâmicas de grupo que auxiliavam as discussões e os próprios trabalhos de campo. E para finalizar o encontro, era feita uma avaliação individual; cada jovem e participante do encontro (visitantes, coordenação) relatava o que tinha achado do encontro, apresentando aspectos positivos e negativos, além do espaço aberto para novas idéias, pedidos de temas que gostariam de trabalhar. Finalizávamos o encontro às 12:00h.

No decorrer do trabalho foram realizadas, além dos encontros citados, algumas atividades extras como uma Feira Ambiental intitulada “1ª Feira Ambiental do Jardim Oriente” em que desenvolvemos o início da construção da Agenda XXI do Pedaco e uma parceria entre o Grupo e a Prefeitura Municipal de Piracicaba (PMP) para a arborização do bairro. No item seguinte estão detalhadas essas atividades.

#### **2.5.4.2 Agenda 21 do Grupo de Jovens**

Inicialmente faremos uma pequena regressão no histórico do projeto Fehidro. A proposta que estava no escopo do projeto aprovado continha a sugestão de desenvolver uma Agenda 21 Local. Essa atividade não foi realizada, pois o assistente social do bairro havia dito várias vezes que eles já estavam desenvolvendo a Agenda

21 do Jardim Oriente e que nós estaríamos sobrepondo um trabalho que já estava em andamento. Como não era esse o nosso objetivo, resolvemos realizar então uma Agenda 21 do Grupo de Jovens, para que dessa forma pudéssemos cumprir parte da proposta inicial do projeto.

Assim foi feito, com a meta de discutirmos o que era bom e o que era ruim no grupo e no bairro (na visão dos jovens). Segue no (Anexo 4) os resultados do “muro das lamentações”, da “árvore da esperança”<sup>14</sup> e os compromissos firmados nesse processo.

Essas mesmas atividades foram realizadas na Feira Ambiental (descrita a seguir), depois de termos acordado com o assistente social que a comunidade poderia relatar ao grupo ‘Água é Vida’ quais os problemas que viam no bairro e quais as esperanças que tinham.

Uma Agenda 21 serve para tornar “possível construir politicamente as bases de um plano de ação e de um planejamento participativo em nível global, nacional e local, capazes de permitir, de forma gradual e negociada, o nascimento de um novo paradigma de desenvolvimento” (AGENDA 21 LOCAL, 1998, p.9).

#### **2.5.4.3 Aplicação de Questionário no Bairro**

O grupo teve várias atuações no bairro, uma delas foi a aplicação de um questionário para saber qual a percepção que a comunidade tinha do ribeirão e qual a relação que era estabelecida com ele. As visitas aos moradores eram realizadas fora do horário dos nossos encontros, em geral no período vespertino.

Antes de o grupo sair para fazer os trabalhos, eram feitas algumas dinâmicas para ajudar no desenvolvimento do mesmo, como discutir as possíveis dúvidas, falar sobre a própria timidez, entre outras. Depois desse momento, fazíamos juntos a dinâmica de ‘trocar papéis’, em que uma vez A é entrevistado, outra vez A é entrevistador.

Essa foi uma tarefa difícil para os jovens no começo, porém, com o tempo, alguns se acostumaram e outros acabaram gostando.

---

<sup>14</sup> Muro das Lamentações e Árvore da Esperança são atividades desenvolvidas para listar os problemas e os sonhos das pessoas e fazem parte de uma metodologia proposta pelo Instituto Ecoar para Cidadania (MORAIS, 2004, p.112).

“Dentro desta perspectiva pedagógica, que parte da situação vivida pelos educandos como um problema que os desafia, é evidente que a definição do conteúdo programático da ação educativa não pode ser feita apenas pelo educador. Esta definição implica um trabalho conjunto de pesquisa e discussão no qual participam educador e educandos, mediatizados sempre pela realidade a ser conhecida e transformada” (BRANDÃO, 1999, p.19).

Esse pressuposto foi condição para o desenvolvimento deste projeto. Para formulação dos questionários, por exemplo, pensávamos juntos o que queríamos saber, o que necessitávamos para isso e a que resultados pretendíamos chegar.

Brandão (1999, p.20) expressa muito bem esse pensamento na seguinte frase: “O que temos de fazer é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação.”

Assim, a proposta foi a de todos sermos pesquisadores, descobrindo através de discussões e de tentativas as possíveis resoluções dos problemas existentes. Quando os jovens saíam para pesquisar, isso gerava novos resultados, nem sempre esperados, e lidar com as diferentes visões de mundo era a grande experiência.

Essa atividade foi proposta para iniciar um diagnóstico preliminar do bairro, com o intuito também de capacitar os jovens ao processo que foi desenvolvido sob esse tipo de metodologia, além de fazer parte da metodologia e dos objetivos propostos na dissertação da Ms. Flávia Rossi, a qual serviu de apoio para este projeto de pesquisa.

#### **2.5.4.4 Participações na Semana do Pisca<sup>15</sup>**

O grupo de jovens participou de duas ‘Semana do Pisca’; uma no ano de 2002 e outra em 2003.

Em 2002, houve o primeiro contato com o grupo, quando fui até o Jardim Oriente buscá-los para participarem do evento. Eles fizeram visita à exposição de painéis sobre

---

15 “A Semana do Pisca é um evento realizado anualmente na ESALQ visando chamar a atenção de sua comunidade e da comunidade da região para a sub-bacia do ribeirão Piracicamirim, que abrange parte dos municípios de Piracicaba, Rio das Pedras e Saltinho, em um total de 133 km<sup>2</sup>. Além disso, este evento promove um intercâmbio concreto entre academia e sociedade, levando a universidade para dentro da comunidade e trazendo a comunidade para dentro da universidade, com o objetivo de discutir seus problemas e realidades, e desta forma, cumprindo com o papel social da universidade” (FOLDER PROJETO PISCA, 2004).

projetos envolvidos no Projeto Pisca, sendo que um deles era sobre o próprio Projeto Fehidro, ao qual o grupo de jovens pertencia. O grupo também passeou pelo parque da ESALQ.

No ano de 2003, tiveram a oportunidade de conhecer a cachoeira do Campus da ESALQ, que fica no trecho final do ribeirão Piracicamirim. Além de outras atividades, como a oficina de pães chamada – ‘pãotência em ação’, ocorreu também visitas à exposição de painéis, participação em palestras, além de assistir a uma apresentação teatral que falava sobre a poluição do ribeirão.

A participação do grupo nesses eventos tinha como meta propiciar o contato dos jovens com outras propostas de trabalho em EA que aconteciam pela cidade. Outro motivo é que o Projeto Fehidro, que trabalhava com o primeiro trecho urbano do ribeirão, estava ligado ao projeto Pisca, que trabalhava com toda a extensão da bacia do Piracicamirim, como já comentado no Capítulo 1 - Introdução.

#### **2.5.4.5 Arborização Urbana – Jardim Oriente**

Essa atividade era incentivada nos encontros desde o início, pois o Projeto Fehidro tinha como objetivo a adequação ambiental do ribeirão Piracicamirim, próximo ao bairro em questão. Nos primeiros encontros com os jovens o tema foi discutido, mas não se chegou a nenhuma ação efetiva, pois havia outros assuntos mais urgentes ou com os quais o grupo tinha maior afinidade.

No entanto, o tema foi retomado com muito prazer pelos jovens, quando receberam a proposta vinda de um grupo chamado “Projeto Amiga Árvore”, da Prefeitura Municipal de Piracicaba. Imediatamente os jovens manifestaram interesse em trabalhar pela arborização do bairro.

Foram realizados alguns encontros, com dinâmicas de trocas de papéis visando representar algumas conversas e prováveis dúvidas que viriam da comunidade. Após essa preparação, o grupo, juntamente com os técnicos da PMP, saíram pelo bairro apresentando aos moradores a proposta de plantio de árvores em frente às casas ou nos quintais, explicando quais os benefícios de tal iniciativa com uma planilha que continha explicações e fotos das árvores para que as pessoas pudessem escolher as que mais lhes agradassem dentre uma lista de espécies nativas e frutíferas. Algumas

peças pediram e escolheram mais de um tipo de árvore, por vezes para plantar também nos seus quintais.

#### **2.5.4.6 Conhecendo a Produção de um Mapa**

Convidamos Vicente Buffo, engenheiro florestal do LERF a fazer uma apresentação do programa auto-cad<sup>16</sup>. O grupo, no início se sentiu bastante perdido, pois a maioria não tinha contato com computador, muitos nunca haviam manuseado um antes. Então, realizou-se uma aula básica sobre a utilização de um computador, mas acabou sendo tempo insuficiente. Porém, a idéia foi fazer uma primeira apresentação e quem tivesse interesse em conhecer mais sobre o assunto seria encaminhado para acompanhar a continuidade deste trabalho, mas não houve procura.

O objetivo desse dia era ensiná-los como se fazia um mapa de diagnóstico com as informações de levantamento de um dos instrumentos utilizados, como o auto-cad.

#### **2.5.4.7 1ª Feira Ambiental do Jardim Oriente**

Nessa feira, foram feitas algumas exposições, como do lixo retirado pelo grupo das margens do Ribeirão Piracicamirim; apresentação de murais, como por exemplo, do grupo “Água é Vida” com seu histórico; apresentação de clowns (palhaços que trabalham através de expressão corporal); várias oficinas: reciclagem de papel, a importância das frutas em nossa vida e pin hole – um trabalho de fotografia artesanal (detalhado na dissertação da Ms. Flávia Rossi). Houve ainda a apresentação sobre a situação do Piracicamirim e uma discussão com os participantes sobre a importância dos cuidados que devemos ter na relação com o ribeirão.

A I Feira Ambiental foi uma iniciativa dos jovens, pensada e realizada conjuntamente com o Projeto Pisca (no que tange à nossa parceria, neste caso, com recursos humanos).

A idéia nasceu numa saída de campo, quando um dos jovens comentou que desejava houvesse uma feira ambiental, mas não sabia como fazê-la. Então,

---

<sup>16</sup> O auto-cad é um programa de computador que contém instrumentos que possibilitam modificar ou sobrepor mapas de acordo com a necessidade de um trabalho, como nesse caso, de diagnóstico e planejamento da área do ribeirão Piracicarmirim. Essa atividade foi incluída para mostrar aos jovens como era feito esse trabalho pelos técnicos de diagnóstico ambiental.

imediatamente começamos a estimular que cada um expusesse suas idéias a respeito de uma feira ambiental. Foi um encontro muito rico, pois o grupo todo participou, o que permitiu gerar o evento.

Esse sonho já tinha sido comentado pelo jovem em questão numa avaliação em um dos nossos encontros; *“S6... queria poder fazer alguma coisa, chamar as pessoas para fazer uma conscientização com o bairro todo.”*

A partir daí começamos a fazer o planejamento, a elaborar juntos o convite, os cartazes, os painéis, a logística como um todo e os detalhes, levando as idéias que surgiam para o pessoal do Pisca, que participava dando suas contribuições. O convite, por exemplo, foi feito a partir de uma oficina de Fanzine<sup>17</sup>.

As fotos da Feira foram feitas pelo pessoal do Pisca e pelos participantes da Oficina de Pin-Hole, que foi desenvolvida por Flávia Rossi, especialista no assunto e uma das coordenadoras desse projeto. No anexo 5 estão algumas fotos da 1ª Feira Ambiental do Jardim Oriente.

Uma música foi composta por três dos jovens do grupo, ensaiada com o grupo todo e cantada no dia da Feira (Anexo 6). Em suma, as atividades apresentadas na feira foram: desenhos; recados ao bairro; oficinas de pin-hole, papel reciclado, dinâmicas de grupo, apresentação de slides com referência ao ribeirão Piracicamirim, entre outras.

A comunidade podia passar pelo terreno da praça do Jardim Oriente, onde estava sendo realizada a Feira, participar dos painéis que estavam expostos e conversar com os jovens do grupo, que explicavam o que era o Projeto Fehidro e o Grupo Água é Vida. Também podiam escrever mensagens ou fazer um desenho que expressasse os seus desejos e mostrasse como cada morador do bairro via a situação do Pisca e do próprio bairro como um todo. Podiam participar das oficinas e das apresentações de projetos referentes ao ribeirão. Assim foi a 1ª Feira Ambiental do Jardim Oriente. Foram feitos registros nas fotos dos painéis que estavam sendo apresentados à comunidade.

---

<sup>17</sup> Fanzine: abreviatura de “fanatic magazine”, ou “revista de fãs”. Geralmente são revistas sobre qualquer assunto, produzidas não oficialmente, de forma artesanal e para circulação restrita.

A Feira Ambiental foi o maior evento que o grupo teve a oportunidade de desenvolver, do início até os detalhes finais, ou seja, planejamento e organização, tanto de logística quanto de recursos humanos. Como ela aconteceu no dia 1º de maio de 2003, um feriado, houve a concorrência de outros eventos no próprio bairro e adjacências, o que resultou em pouca movimentação na Feira Ambiental, até porque esses outros eventos eram em locais distantes. A maioria do público que compareceu ao evento eram crianças.

Como uma das metas do projeto era a de que esses jovens realizassem as atividades que consideravam importantes, a feira se traduziu como uma meta alcançada, já que a idéia do projeto e a realização dele surgiram dos próprios jovens, com o apoio da coordenação do Projeto Fehidro, e da equipe do Projeto Pisca.

#### **2.5.4.8 Oficina de Pin-Hole**

O Pin-Hole é a arte de fotografar artesanalmente, através de caixas e latas de vários tamanhos e preparadas para fazer uma foto. Além da montagem dessa câmara artesanal, também é feita a revelação pela própria pessoa.

A Oficina de pin hole foi realizada na 1ª Feira Ambiental e também com o grupo 'Água é Vida', na ESALQ, tendo como base o laboratório de revelação de fotografias do Departamento de Economia, Administração e Sociologia – Pavilhão de Ciências Humanas.

A oficina da Feira Ambiental foi feita dentro do banheiro da casa da Assistência Social, que recebeu todo o preparo e cuidado para que todo o processo fosse feito corretamente, o que aconteceu.

Essa atividade foi desenvolvida pelo fato de ser parte da metodologia de trabalho da dissertação de Flávia Rossi e também por ser uma forma de trabalharmos a EA em nosso projeto com os jovens.

#### **2.5.4.9 Passeio pela Bacia do Pisca**

Para a realização desse passeio, contamos com o apoio do Projeto Pisca e do assistente social do bairro, o "Totó", que conseguiu um ônibus. Optamos pelo ônibus a partir de uma idéia que surgiu no planejamento da Feira Ambiental, e tínhamos a



intenção de mostrar a bacia do Pisca e suas condições atuais à comunidade do Jardim Oriente.

Durante a Feira, o grupo de jovens 'Água é Vida' passou uma lista para que as pessoas da comunidade preenchessem caso tivessem interesse em fazer o passeio pela bacia.

Essa visita à bacia foi uma forma de mostrar a situação do ribeirão e sensibilizar a comunidade que vive no seu entorno, no intuito de buscar maior respeito das pessoas ao meio ambiente.

#### **2.5.4.10 Saídas de Campo para Diagnóstico e Planejamento Ambiental**

As saídas de campo eram feitas para o reconhecimento da área estudada. Foram promovidas aulas para ensinar como se faz identificação de espécies da flora local, a coleta dessas plantas e na seqüência como se faz e para quê serve uma excicata. Outras saídas de campo foram feitas para participação em eventos como a Semana do Pisca, para aplicação de questionários desenvolvidos pelos próprios jovens, como foi o da arborização urbana. No início deste projeto, numa dessas saídas foi realizado o teste da água do ribeirão Pisca. Além de trabalhos de campo fazíamos nossos encontros na beira do ribeirão por questões de falta de espaço físico ou até mesmo para um piquenique.

Essas atividades foram desenvolvidas pelo fato de constituírem o objetivo maior do Projeto Fehidro, assim propiciando a vivência dos jovens no campo que desenvolviam várias tarefas, como aprender a diagnosticar as formas de terrenos, a qualidade da água, as espécies florísticas, entre outras de sensibilização e percepção do entorno.

#### **2.5.4.11 Atividade – Por onde vai o barco?**

Em um dos momentos dos encontros, foi proposta uma atividade chamada dinâmica do barco, que será descrita a seguir e que contribui para ilustrar o processo vivenciado pelo grupo.

Foi pedido para que o grupo relaxasse, se concentrasse, pensasse e escrevesse sobre: Pergunta 1. "Pra onde está indo o nosso barco?" Referindo-se ao caminho que o

grupo desejava tomar naquele momento, pois era necessário restabelecer diretrizes. Pergunta 2. “Para onde eu gostaria de ir?” No intuito de saber como cada um se sentia e para onde queria caminhar. E por fim, a pergunta 3. “O que eu gostaria de fazer dentro do barco?” Como cada um poderia e gostaria de se comprometer com o projeto em questão. Essa dinâmica foi baseada em uma atividade desenvolvida pelo Projeto Pisca.

Essa atividade teve como objetivo promover a reflexão e a análise do próprio grupo, de como cada jovem percebia o andamento do projeto e o que gostariam de fazer ou rever a partir dali.

Para uma melhor análise do processo do Projeto Fehidro, buscando verificar quais as contribuições desse processo grupal quanto a potencialização de ações individuais e coletivas, as atividades realizadas nos encontros foram divididas em quatro grupos: G1 – Comunicação; G2 – Fluxo de Interação; G3 – Liderança e Compartilhamento; e G4 – Ambiente e Cotidiano. Essas divisões e qualificações dadas foram feitas de forma empírica<sup>18</sup>.

Através dessa dinâmica de trabalho, foi possível estudar casos com os quais o grupo se identificava, como um tema em evidência naquele momento e assim desenvolver formas e processos de trabalhos relacionados à educação ambiental. As atividades eram livres e propostas pelo grupo, mas norteadas por alguns tópicos que permeavam todos os encontros. Esses tópicos estão demonstrados no Quadro 1. Como uma forma de aprofundamento do quadro foram formuladas duas perguntas reflexivas: P1 - Há mudança na minha percepção de mundo a partir da contribuição do outro? e P2 - O que o grupo de jovens, manifesta sobre um grupo social?

---

<sup>18</sup> Eda Tassara, agosto de 2005, comunicação pessoal.

Quadro 1 – Tópicos norteadores dos encontros divididos por grupos de análise de participação

Grupos de Análise		Tópicos				
G1 Comunicação	Significativa	Que desperta interatividade	Temas Sobre o que se fala mais?	Temas Como se inicia?	Comunicação aberta	Comunicação fechada
G2 Fluxo de Interação	Por iniciativa de quem?	Como segue?	O que inicia?	De que maneira?		
G3 Liderança e Compartilhamento	Líder – 1 ou mais?	Há democratização de lideranças?	Há iniciativas compartilhadas?			
G4 Ambiente e Cotidiano	O que é ambiente?	O que o grupo fala sobre o cotidiano deles?				

Segundo Tassara, (2003),

“Uma forma estratégica de pensar, uma metodologia comprometida com uma forma de buscar soluções, seria a conjugação da busca de soluções de problemas que possam interferir no ambiente de alguma forma, nas suas várias dimensões, buscando-se transformar na direção de padrões de desejabilidade que estão decodificados numa vontade.”

Portanto, este trabalho foi realizado e está embasado numa concepção de educação ambiental que se apóia na emancipação, no enraizamento, na transparência, na ética, na transversalidade, na sustentabilidade, na descentralização, na participação, no respeito à liberdade, no reconhecimento e respeito pela diversidade de olhares, cores, situações e culturas dos humanos no planeta Terra.

Pautamos nossas ações conforme afirma Brandão (2003, p.20): “por menor e mais limitado que seja qualquer trabalho de interação entre pessoas, por meio do saber e da atividade social que como sentido e significado ele deve orientar, tal arte do conhecimento não deve desejar nada menos do que se somar ao fluxo do Bem e da Paz, além do saber da ciência”, pois sem essa crença, fica muito difícil ser educador.

Nesse processo de construção da pesquisa sempre houve “a preocupação de pensar a dimensão social da pesquisa como um dos instrumentos de criação solidária

do conhecimento e de possíveis ações de teor político pedagógico” (Brandão, 2003, p.11).

As atividades de intervenção educacional realizadas constituíram os momentos de maior produção de materiais e que nos possibilitou, nesta pesquisa, discutir e posteriormente analisar os processos vividos pelo grupo.

De acordo com Gutiérrez, (1988, p. 108), toda práxis pedagógica demanda um método concreto, dialógico e comprometedor.

“Concreto porque deve partir da realidade e não pode ocorrer no vazio. Cada aqui e agora, cada situação concreta, cada ação vivida, tem que ser o ponto de partida e o sustentáculo do ‘momento reflexivo’ da práxis.”

### **2.5.5 Entrevistas Semi-Estruturadas**

Esta técnica foi selecionada pelo fato de proporcionar maior liberdade em cada diálogo realizado, pois a intenção era obter as respostas da forma mais natural possível, tendo em vista que cada indivíduo tem suas idéias, seu jeito de ver o mundo.

O roteiro foi composto de perguntas que eram modificadas, suprimidas e/ou adicionadas de acordo com o desenrolar de cada uma das entrevistas, possibilitando um desenvolvimento mais aprofundado e de formas diferenciadas, particulares de cada entrevista. As perguntas integravam grupos específicos, que foram divididos em: G1 – Comunicação; G 2 – Fluxo de Interação; G 3 – Liderança e Compartilhamento; G 4 – Ambiente e Cotidiano. Esses grupos e os tópicos que os norteiam são os mesmos utilizados para a análise dos encontros (Quadro 1).

Aqui também utilizamos as perguntas reflexivas P1 e P2, para um maior aprofundamento da análise.

Haguette, apud Jacob (2004, p.86), define a entrevista:

“Como um processo de interação social dentre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um *roteiro de entrevista* constando de uma lista de pontos *ou* tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida (grifos originais)”.

As entrevistas foram feitas com os dez jovens que integraram o grupo até o final do projeto, por volta de seis meses depois do seu término. Foi feito contato com cada integrante, a maioria por telefone, mas com alguns foi necessário uma visita até a casa para convidá-los e combinar local, data e hora para as entrevistas. Elas aconteceram, em sua maioria, na casa dos próprios jovens, individualmente. Algumas entrevistas foram realizadas na “Casa de Ismael” (casa do bairro utilizada para encontros, cursos, etc) e somente uma delas ocorreu na OCA - ESALQ/USP.

As entrevistas foram gravadas com permissão prévia de cada jovem, tendo em vista que alguns se soltavam mais quando era desligado o gravador. Dessa forma, alguns dados foram coletados por escrito após a finalização da entrevista, sendo também comunicado aos jovens. No Anexo 7 consta uma dessas transcrições na íntegra. No Anexo 8 encontram-se as questões utilizadas como roteiro de entrevista.

Essa metodologia foi usada para uma análise mais subjetiva dos resultados obtidos os encontros com o grupo de jovens, além de possibilitar uma visualização de como cada jovem passou a perceber, ou não, o ambiente em que vive.

## 2.6 Resultados e Discussão

Na qualidade não vale o maior, mas o melhor;  
 não o extenso, mas o intenso;  
 não o violento, mas o envolvente;  
 não a pressão, mas a impregnação.  
 Qualidade é um estilo cultural, mais que tecnológico;  
 artístico, mais que produtivo;  
 lúdico, mais que eficiente;  
 sábio, mais que científico...  
 (Pedro Demo, 2002)

### 2.6.1 Atividades de intervenção educacional

Neste capítulo apresentaremos a descrição e análise dos processos desenvolvidos e vivenciados por nós pesquisadoras e pelo grupo de jovens do Jardim Oriente, na busca de entendermos, fundamentarmos e apresentarmos uma forma diferenciada de trabalho em EA, a qual compartilhamos com a OCA – Laboratório de Educação e Política Ambiental e com teóricos e companheiros que partilham a mesma visão de mundo.

Para Demo, (2002, p.14):

“A identidade cultural comunitária é um tema relevante da dimensão qualitativa. Sem identidade cultural não há propriamente comunidade, porque seria tão-somente um bando de gente. A razão histórica e concreta da coesão do grupo é o baú do qual se retira a fé em suas potencialidades, o horizonte do qual provém a envolvimento solidária, o fruto da comprovação da capacidade histórica de sobreviver e de criar. É, de certo modo a parteira da participação, porque dá à luz a força aglutinadora de um grupo humano que decide se auto-determinar, superando sua condição de massa de manobra.

A identidade cultural transparece em certas manifestações (língua comum, festas, sistema de vizinhança, expressões artísticas, jogos, etc.), mas é essência uma obra imaterial. Nem por isso menos forte. Não se coloca aí a questão da extensão, mas de intensidade. Em razão de sua intensidade, uma comunidade participativa mais ou menos (grifos do autor), sobrevive a crises internas e externas, planeja junto seu futuro e constrói a própria estrada”.

### 2.6.2 Análise de Processos Grupais de Acordo com as Atas.

As atividades resultantes da participação do grupo quanto à comunicação estão esquematizadas na Tabela 1. Portanto, procuramos apresentar as informações, bem como uma reflexão sobre algumas anotações e/ou material (Anexo 9) escrito pelos próprios jovens. E é assim que podemos nos remeter ao processo vivido pelo grupo de jovens, através da análise do material construído a partir das atas confeccionadas nos encontros, além de memórias e algumas anotações de diário de campo, que não eram

feitas sistematicamente, mas acreditando ser de extrema importância sua colaboração, mesmo que somente em alguns momentos.

Tabela 1 – Síntese das atas referentes a cada tópico do G 1 COMUNICAÇÃO, ressaltando as percepções e opiniões dos jovens em relação aos encontros

Atividades Significativa	Que desperta interatividade	Temas – mais explorados?	Temas – como se iniciam?	Temas – sobre o que?	Comunicação aberta <sup>19</sup>	Comunicação fechada <sup>20</sup>
* Durante a dinâmica; * nas discussões sobre filmes; * escrevendo músicas; * nas discussão de regras para o grupo; * nas atividades de campo; * nas leituras e discussões; * contando histórias do bairro.	<u>Discussões sobre:</u> *representação do bairro - colagem e desenhos; *emprego; melhorias sociais no bairro; * leitura e discussão; *discussão sobre filmes; *músicas; *dinâmicas; *passeios e discussão sobre o passeio; *dramatização; regras para o grupo; *atividades de campo.	<u>Durante as atividades:</u> * meio ambiente; * trilhas; receber certificados; *ecologia; *agenda 21; *temas de concentração de renda; *temas que causam indignação; *música – compor para o grupo; *dinâmica para conhecer a personalidade do grupo; *pensar regras p/ grupo; *discussões sobre atitudes de vida; *história do bairro; *atividade em campo.	<u>Com:</u> * falas da coordenação, explicações; * <b>S5</b> propõe e cria regras.	*Já foi falado nos que mais ocorrem. 3ª coluna.	<u>Em:</u> *atividade de desenho e colagem; *filmes; *música; passeios e suas *discussões; *discussões para montar regras do grupo.	<u>Em:</u> *1ºs encontros totalmente fechados; *questionários; *nas avaliações que eram feitas à cada encontro. em geral eram fechadas.

<sup>19</sup> Entendendo-se comunicação aberta como sujeitos que ao se comunicarem estão abertos a contribuições de outras pessoas.

<sup>20</sup> Entendendo-se comunicação fechada como sujeitos que ao se comunicarem não abrem espaço para que outros tragam suas contribuições.

**Pergunta 1- Há mudança na minha percepção de mundo a partir da contribuição do outro?**

Ressaltamos abaixo os principais depoimentos sobre a pergunta reflexiva, a partir da análise das atas:

Sim, nas discussões e nas dinâmicas (entendendo dinâmica como jogos, brincadeiras e atividades compartilhadas em discussões) e também em filmes;

Se sentem incomodados em perceber o descaso de algumas pessoas em relação ao próprio bairro;

Em algumas avaliações, por volta do 8º encontro, os jovens começaram a relaxar e se abrir mais, dando opiniões próprias; não fechando o diálogo, mostrando suas próprias formas de olhar e entender os acontecimentos;

O grupo construiu regras e sempre lembrava a todos quais eram os acordos. Os jovens procuravam se conhecer melhor quando contavam suas histórias de vida, de como chegaram no Jardim Oriente, como viviam antes.

Para a pergunta “o que mudou em cada um (dos jovens) desde que começou a participar do projeto?” a única resposta obtida foi dada por **S10**, que demonstrou desesperança, que não havia mudanças no rio.

As atividades resultantes da participação do grupo quanto ao fluxo de interação estão representadas na Tabela 2.



Tabela 2 – Síntese da análise das atas referentes a cada tópico do G 2 FLUXO DE INTERAÇÃO, ressaltando as percepções e opiniões dos jovens em relação aos encontros

Por iniciativa de quem?	Como segue?	O que inicia?	De que maneira?
*1º, 2º, 3º e 4º encontros coordenação; *no 6º encontro o <b>S1</b> e <b>S8</b> sugerem compor uma música do grupo; *nos passeios coordenação e jovens; *regras <b>S5</b> ; *grupo sempre pede atividades de campo.	<u>Nas seqüências dos encontros:</u> * <b>S5</b> ; *todos; * <b>S5, S6</b> e <b>S10</b> ; * <b>S6</b> ; * <b>S3</b> . *O grupo organizou e buscou auxílio para a realização da feira ambiental; * <b>S1</b> e <b>S8</b> iniciaram a letra da música e pediram ajuda ao grupo p/ continuar; construção de regras do grupo pelo grupo; *há uma variação em cada dia, às vezes um fala mais, às vezes outro.	<u>Nas seqüências dos encontros:</u> *Explicações sobre o projeto (coordenação); * <b>S10</b> opiniões pós filmes; * <b>S6</b> sempre fala do descaso das pessoas; * <b>S8</b> quando se trata de música ou desenho; *poucas vezes eles deram idéias para o planejamento, em especial <b>S5</b> ; *sempre pedem atividades de campo.	<u>Através de:</u> *falas; *conversas; *dinâmicas; *discussão de filmes; percepção através de entrevistas com a comunidade; *relembra a importância de unir aprendizado aos passeios e atividades; *escrevem versos de música juntos.

As atividades resultantes da participação do grupo quanto a liderança e compartilhamento estão representados na Tabela 3.

Tabela 3 – Síntese da análise das atas referentes a cada tópico do G 3 LIDERANÇA E COMPARTILHAMENTO, ressaltando as percepções e opiniões dos jovens em relação aos encontros

Líder – 1 ou mais?	Há democratização de lideranças?	Há iniciativas compartilhadas?
<u>Início dos encontros:</u> * <b>S5</b> ; *no 3º encontro <b>S5, S10</b> e <b>S6</b> ; * <b>S6</b> ; *todos gostam e pedem atividades de campo.	*Sim, entre alguns dos jovens, pois a maioria são bastante calados e tímidos.	<u>Nos momentos:</u> *Inicialmente não, apesar da abertura para que aconteça. *Como? *Sempre passando as perguntas ou respostas para os jovens darem continuidade. *sim, nas dinâmicas; *pouca, um passa para o outro, mas os mesmos têm mais responsabilidade e iniciativa; *na discussão sobre a criação de regras para participar e receber bolsas no grupo e pelo grupo.

## Pergunta 2 - O que os jovens manifestam sobre um grupo social?

Ressaltamos abaixo os principais depoimentos dados com a pergunta reflexiva a partir da análise das atas.

Mostram o desejo de olhar onde moram e promover mudanças, em especial que sejam criadas para creches, praças, centro comunitário, campos, que haja policiamento, calçada cimentada, horta, árvores, flores, rio limpo e uma indústria.

Apresentam preocupação com a situação das pessoas no mundo, mas falam de uma conscientização mais superficial. Percebem e ficam incomodados com o descaso da própria comunidade e da falta de interesse pelos assuntos do bairro.

**S3** acha importante conhecermos a personalidade do grupo, e que isso pode ser feito através de dinâmicas.

Foram propostas regras para o grupo a partir da sugestão de um dos meninos.

As atividades resultantes da participação do grupo sobre ambiente e cotidiano estão representados na Tabela 4.

Tabela 4 – Síntese da análise das atas referentes a cada tópico do G 4 AMBIENTE E COTIDIANO, ressaltando as percepções e opiniões dos jovens em relação aos encontros:

O que é ambiente?	O que falam sobre o cotidiano deles?
*natureza; *o local em que vivem e querem melhorar; *personalidade do grupo; *percebem e se sensibilizam sempre com a poluição, sujeira do lugar, do ribeirão em geral, houve críticas à ESALQ por poluí-lo. O relacionamento do grupo que é muito importante para eles, propõem regras para melhorar a convivência e a transparência entre todos.	*No início quase nada. *Há um grande desejo dos jovens em ver mudanças no bairro, praças, centro comunitário, vinda de indústria - visando emprego, policiamento etc. *Três participantes contam que freqüentam o orçamento participativo (sem trazer anotações dos detalhes). *O descaso da própria comunidade pelos assuntos que podem melhorar suas vidas no próprio bairro. *Falam do cotidiano do grupo quando propõem as regras para melhorar as relações em especial no que se refere a dinheiro/ bolsa. *Quando fala-se de atitudes e valores do ser humano, suscitava uma discussão sobre cada um, sobre suas vidas e conseqüentemente da história do bairro, das dificuldades que enfrentam, e do que já conquistaram.

As informações expostas nas Tabelas 1, 2, 3 e 4, demonstram que os jovens tiveram um envolvimento significativo com os encontros proporcionados pela intervenção educacional deste trabalho, pois é através desse envolvimento que ocorre a aprendizagem, o desenvolvimento humano e o crescimento pessoal e do grupo.

Para Reboredo (1995, p.38),

“existem diferentes possibilidades de relação no grupo, constituindo momentos que surgem por decisão dos membros do grupo. Estes momentos ocorrem e se desenvolvem, chegando aos seguintes, somente se cada integrante e o grupo assumem e decidem alcançá-los. Cada momento consiste num conjunto de relações que dão sentido de criação ao grupo e, portanto não são produtos de implicações formais, mas de uma ordem imposta pela práxis humana.”

Sendo assim, ao conceituar o grupo organizado, é ressaltado o estabelecimento da “organização interna e o reencontro com a organização do poder interno. O grupo prioriza a questão do poder, tomando consciência de sua unidade prática, com a perspectiva do objetivo conscientemente perseguido” (REBOREDO, 1995, p.44).

É importante que o educador se perceba e trabalhe ou desenvolva formas de entrar em contato com o seu próprio eu, e a partir daí o contato com o outro. No processo grupal, “a fusão é o momento em que o grupo tem consciência da tarefa comum e que cada um depende do outro” (REBOREDO, 1995, p.42).

O grupo pode ter e teve uma certa estabilidade nos papéis como nos temas que foram trabalhados nesta intervenção. Por isso é que realizávamos práticas reflexivas para a manutenção do grupo e a relação de seus membros, que era uma comunidade que atua sobre si própria. Portanto, na organização, segundo Reboredo (1995, p.47),

“há definição de funções que permitem a mobilidade grupal. Com a institucionalização, há a tendência de perder esta mobilidade. Assim, os membros do grupo vivem a tensão constante de conviver com uma estrutura que pode levá-los à burocratização, mas necessária para a sua práxis. Mesmo vivendo esta contradição, os membros do grupo compreendem o grupo como sujeito, ou seja, para cada um dos membros o grupo tem o significado de ser a razão de sua individualidade e de sua objetivação possível como ação comum”.

Para tanto, através dos estudos de Lane (1984, p.35), entendemos que a representação social se constrói no processo de comunicação, no qual o indivíduo pode comprovar, através de suas ações, o valor, as vantagens e as desvantagens dos que se comunicam com ele, por meio de objetivos e de uma seleção de seus

comportamentos; portanto, coordenando-os em função da procura de personalizar-se. “Desta forma, a representação social se estrutura tanto pelos objetivos da ação do sujeito social como pelos dados que concordam ou que se opõem a eles”.

Por outro lado, as práticas, as percepções, os conhecimentos se transformam quando são falados e discutidos entre os indivíduos que compõem um grupo; então, a representação de si mesmo só ocorre através da linguagem interiorizada, das recordações e dos projetos.

“O indivíduo sujeito da história é constituído de suas relações sociais e é, ao mesmo tempo, passivo e ativo (determinado e determinante). Ser mais ou menos atuante como sujeito da história depende do grau de autonomia e de iniciativa que ele alcança. Assim, ele é história na medida em que se insere e se define no conjunto de suas relações sociais, desempenhando atividades transformadoras destas relações; o que implica, necessariamente, atividade prática e inteligência, tão inseparáveis quanto, no nível da sociedade, são inseparáveis a infra e a superestrutura, e cuja unidade é estabelecida por um processo cujo agente exclusivo é a atividade humana em suas diferentes formas” (LANE, 1984, p.40).

### 2.6.3 Encontros do Grupo ‘Água é Vida’

O grupo ‘Água é Vida’ realizou ao final dos encontros uma avaliação geral do projeto no final das atividades. Alguns desses registros, as impressões dos jovens sobre as experiências registradas, seguem abaixo:

**S2** “Bom, gostamos”; **S4** “Bom que trouxe coisas novas”; **S1** “Gostaria de sair mais no campo, Mais dinâmicas”; **S8** “gostou do jogo de inversão de papéis.”

Quanto à dinâmica de jogos de papéis, vale ressaltar algumas opiniões dos jovens durante a dinâmica citada:

**S5** “Conhecimento, Oportunidade, Buscar o saber”; **S7** “Novas amizades”; **S6** “Saber o poder da união, aprender a trabalhar em grupo.”

E algumas dificuldades sentidas por eles:

**S1** – “o deslocamento (vem de outro bairro)”; **S10** – “fiz muita bagunça nos encontros”; “Local barulhento; Freqüência”; **S9** “Lugar não apropriado; Não traziam lápis e caderno fornecido pelo projeto no início dos encontros.”

Desejos do grupo:

“Dar continuidade ao grupo”; “Ter um lugar próprio”; “Que esse grupo vire uma ONG” (sonho expressado por **S10**).

Assim como proposto por Tassara e Ardans (2005, p.208), dessa forma, foi possível aplicar uma intervenção comprometida com o diálogo na busca da coerência do pensar, conduzida de forma contínua, se constituindo num processo socializador e portanto, educacional.

### **2.6.3.1 Agenda 21 do Grupo de Jovens**

Obter os resultados e a forma como conduzimos a atividade de Agenda 21 Local foi difícil para nós coordenadoras. Não tivemos maturidade o suficiente para uma discussão mais detalhada e aprofundada com o assistente social, para que ambos pudéssemos cumprir os objetivos sem atravessar ou prejudicar os nossos respectivos trabalhos. A Agenda 21 do Jardim Oriente não foi construída de fato por escrito, e os problemas da região não foram discutidos pela comunidade, em relação ao bairro e as possíveis soluções que a comunidade espera.

A construção de uma Agenda 21 de forma participativa é um processo educativo que, como bem coloca Brandão (1999, p.33), tende a uma reconstituição que seja articulada, “coerente e rigorosa da realidade. É a condição indispensável para que o descontentamento, o mal-estar e o sofrimento, sentidos por cada oprimido possam transformar-se em ação coletiva e organizada de questionamento da realidade social”.

### **2.6.3.2 Aplicação de Questionário no Bairro**

No início, essa foi uma tarefa difícil para os jovens; porém, com o tempo, essa tarefa acabou se tornando agradável. Seguem alguns depoimentos dos jovens após a realização desses trabalhos:

**S6** “Gostei de saber o que as pessoas pensam”; **S9** A experiência de aplicar um questionário”; “Conscientizar as pessoas”; **S2** “Depois desse trabalho, muita coisa mudou, por exemplo, a visão das pessoas em relação ao Pisca e ao nosso grupo”; **S3** “Gostava da dramatização aqui no grupo; Gostei de lidar com as pessoas.”

E sobre as dificuldades que enfrentaram: **S8** “Tive dificuldade no entendimento do questionário”; “Foi difícil pra mim”; **S7** “O pessoal era muito arrogante em relação ao rio, Não gostam do rio (comunidade)”.

Os jovens que gostaram das atividades desenvolveram mais interesse e empatia no decorrer dos encontros; outros demonstraram empatia ao lidar com a comunidade. Já para outros, houve dificuldade pela timidez ou simplesmente por não gostarem desse tipo de trabalho, que exigia um contato direto com a comunidade.

“Dentro desta perspectiva pedagógica, que parte da situação vivida pelos educandos como um problema que os desafia, é evidente que a definição do conteúdo programático da ação educativa não pode ser feita apenas pelo educador. Esta definição implica um trabalho conjunto de pesquisa e discussão no qual participam educador e educandos mediatizados sempre pela realidade a ser conhecida e transformada” (BRANDÃO, 1999, p.19).

### 2.6.3.3 Participação em Eventos do Projeto Pisca<sup>21</sup>

As participações do grupo nesses eventos eram sempre motivantes. Todos voltavam com novas idéias, tendo a real noção de tudo o que estava acontecendo em toda a bacia do Pisca e, especialmente, podiam perceber e tomar consciência da representatividade do grupo, pois o Jardim Oriente é o primeiro trecho urbano desse ribeirão e é uma das áreas foco do Projeto Pisca.

---

21 “A Semana do Pisca é um evento realizado anualmente na ESALQ visando chamar a atenção de sua comunidade e da comunidade da região para a sub-bacia do ribeirão Piracicamirim, que abrange parte dos municípios de Piracicaba, Rio das Pedras e Saltinho, em um total de 133 km<sup>2</sup>. Além disso, este evento promove um intercâmbio concreto entre academia e sociedade, levando a universidade para dentro da comunidade e trazendo a comunidade para dentro da universidade, com o objetivo de discutir seus problemas e realidades, e desta forma, cumprindo com o papel social da universidade” (FOLDER PROJETO PISCA, 2004).

Portanto, de acordo com Brandão (1999, p.19), “a finalidade de qualquer ação educativa deve ser a produção de novos conhecimentos que aumentem a consciência e a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos com quem trabalhamos.”

Na avaliação que fizemos da Semana do Pisca de 2003, registramos as seguintes colocações:

**S6** *“Gostei, adorei a oficina de pão; me indignei com a poluição do rio na visita à cachoeira, principalmente por que é o próprio Campus que polui”.* **S1** *“Nunca tinha ido lá na cachoeira e por isso adorei, mas acho que ela vai ficar bem mais bonita limpa”.* **S7** *“Gostei de tudo”.* **S5** *“Achei uma ótima alternativa de lazer unido com aprendizado e por isso também adorei.”*

Na finalização do projeto Fehidro no ano de 2003, foram anotadas as seguintes falas no quadro branco: não foram identificados os autores: *“foi ótimo”.* *“Adorei expor o trabalho e ter certificado”.* *“Adoramos conhecer a cachoeira do Pisca”.* Quanto às dificuldades: *“Muita dificuldade para ir à ESALQ”, “Pequena parte do grupo foi”.* *“Queremos participar da próxima Semana do Pisca; Queremos apresentar cartaz e cantar.”*

Quando o grupo expõe seus sonhos, desejos e também suas angústias, ele caminha para um desenvolvimento coletivo e individual. Nesse sentido, Paulo Freire diz que a realidade deve ser interpretada e sempre reinventada. Assim, a educação passa a ser um ato dinâmico e constante de um conhecimento que objetiva a descoberta, a análise e a transformação da realidade vivida.

A Semana do Pisca pôde proporcionar aos jovens uma forma de visualização e vivência da prática das atividades e temas que eram discutidos nos nossos encontros semanais. Com isso, os jovens expuseram em suas falas o que gostaram, suas críticas e frustrações, sobre a importância de receber um certificado, do reconhecimento, enfim, da percepção do conhecimento, da descoberta da realidade, das diferenças e confluências de teoria e prática.

Segundo Reboredo (1995, p.34), a forma com que o homem desvela o mundo, coloca a práxis como:

“Dimensão fundamental para o conhecimento da realidade e materialização do compromisso político de transformá-lo. Ao discutir o lugar da práxis na teoria sobre grupos, Sartre exclama: ‘A práxis é a expressão concreta, o atuar da dialética; a práxis, ao exercer-se sobre a materialidade, condiciona as relações humanas e, por sua vez, a relação com as coisas que aparecem através do grupo humano. A práxis é uma dupla mediação que leva a interiorizar o exterior (as coisas) e exteriorizar o interior (relações humanas). Observa-se, então, como a práxis é dialética e como a dupla mediação possibilita as relações entre os homens”.

#### **2.6.3.4 Arborização Urbana – Jardim Oriente**

Quando o projeto estava sendo finalizado fizemos um quadro para visualização, avaliação e proposições de novas ações. Alguns jovens se prontificaram a passar em todas as ruas do bairro para verificar quantas árvores haviam morrido e assim, nos alertariam sobre a reposição dessas mudas.

Como se pode ver, a questão da arborização foi uma das ações realizadas no bairro, e contou com o envolvimento do grupo desde os primeiros encontros quando falávamos sobre a importância da árvore em nosso meio ambiente, nas nossas vidas. Foi um processo eficaz, pois os jovens se identificaram com o tema e apesar da timidez inicial, gostaram muito de realizá-la e expressaram a felicidade que sentiram em ter feito parte dessa benfeitoria no bairro onde moram.

Apesar dos jovens terem dito no último encontro que gostariam de rever as casas, verificar quantas árvores haviam morrido e que gostariam de replantá-las, isso não foi feito. Quando o grupo se desfez, logo foram procurar emprego e acabaram se distanciando desse processo.

#### **2.6.3.5 Conhecendo a Produção de um Mapa**

O grupo não teve muita empatia pela produção de mapas pelo fato de não terem contato prévio com o equipamento. Todo o grupo disse que, “*gostaria de aprender mais coisas no computador*”, porém, não foi possível ao projeto realizar esse desejo, pois não era essa a proposta. E, além de auxílio financeiro, necessitávamos também de mais tempo para o desenvolvimento de outras demandas, não menos importantes, que



iam surgindo durante o projeto. O grupo não disponibilizava de outros horários, alguns porque trabalhavam; outros estudavam, um deles morava em outro bairro bem distante.

Seguem alguns registros do grupo a respeito das atividades desse dia:

**S2** “*Difícil, diferente de ver*”; **S10** “*Gostei mas muito corrido*”; **J** “*Muito superficial; Quero conhecer mais como é feito o trabalho todo*”; **S7** “*Achei difícil mexer no mouse; Difícil visualizar onde fica o quê.*”

### 2.6.3.6 Feira Ambiental

Conforme dito anteriormente, a Feira Ambiental foi realizada no Jardim Oriente pelo grupo ‘Água é Vida’. Na avaliação que fizemos sobre a Feira Ambiental registramos alguns depoimentos: **S10** “*Não tinham idéia de como seria*”; **S9** “*Vieram muitas crianças*”; **S10** “*Tiveram outros eventos no bairro*”; **S5** “*Faltou ter mais jovens e adultos. Mostrou a importância do grupo no bairro; A voz do bairro*”; **S6** “*Experiências para fazer um evento. Pudemos perceber o que é montar as barracas; Trazer pessoas; Cuidar das crianças; Cantar na hora.*”<sup>22</sup>

Observamos por esses depoimentos que os jovens tiveram que lidar com situações totalmente novas para eles, das quais não tinham muito domínio, apesar do esforço para que tudo saísse bem. Tiveram que lidar com certa frustração em relação ao número de pessoas que compareceram à Feira; ao fato de a maioria dos visitantes serem crianças, não ocorrendo adesão dos próprios jovens do bairro. Outro fato é a percepção do que era ser responsável por um evento dentro do próprio bairro, pois apesar de o grupo ter gostado de mostrar a sua importância, houve tensão e preocupação para que tudo saísse bem.

“A prática de pensar a prática é a melhor maneira de aprender a pensar justamente e corretamente, e, por sua vez, é também o modo mais adequado de melhorar a própria prática” (GUTIÉRREZ, 1988, p.106).

Os jovens puderam perceber e se responsabilizar pelos acontecimentos, sejam eles momentos bons ou momentos ruins. Segundo Chauí, (1995, p.71) “na ação e na

---

<sup>22</sup> Reproduzidos conforme o original.

liberdade, os humanos se descobrem como concordantes e, sobretudo, que sua força para existir e agir aumenta quando existem e agem em comum”.

A idéia da Feira também tinha o objetivo de dar início à Agenda 21 local, como será explicitado a seguir. Portanto, não foi dada a continuidade, pois pouco tempo depois estávamos terminando o Projeto Fehidro. O término deste projeto quer dizer, que não fizemos mais encontros com o grupo de jovens e que necessitávamos nos recolher para produzir o relatório final para o próprio Fehidro, além de estarmos juntamente iniciando a confecção de uma nova proposta para o mesmo financiador. Este não foi aprovado, segundo o comitê de seleção do Fehidro, por falta de documentação, pois falávamos em plantio de árvores no ribeirão Piracicamirim e isso exige uma documento de aprovação do DEPRN (Departamento de Proteção dos Recursos Naturais).

#### **2.6.3.7 Oficina de Pin-Hole**

No Anexo 10 estão algumas fotos do grupo desenvolvendo a oficina da Feira.

Quando foi citada a oficina de pin-hole na avaliação de um dos encontros do grupo, os jovens se entusiasmaram para falar o que sentiram ao fazê-la: **S7** “*Novidade*”; **S1** “*Não imaginava como era a revelação*”; **S6** “*Surpreendente; Extraordinário*”.

Vivenciaram toda essa empolgação pelo fato de, segundo os próprios jovens, não terem imaginado como era o processo de revelação de uma fotografia.

Morais (2004, p.165), em sua dissertação, usa uma frase de Anamélia Buoro, que fala sobre a expressão por meio da arte, que as pessoas podem manifestar seus desejos, sentimentos, expor sua personalidade. “Livre de julgamentos, seu subconsciente encontra espaço para se conhecer, relacionar, crescer dentro de um contexto que o antecede e norteia sua conduta.”

Ao vermos o entusiasmo dos jovens participando da fotografia e principalmente do processo de revelação, pudemos perceber que as questões ambientais eram discutidas de maneira mais emocionante, com formas mais divertidas e conseqüentemente mais gostosas de aprender algo novo. A fotografia artesanal é uma delas, que promove grande prazer em realizar essa atividade.

### 2.6.3.8 Passeio pela Bacia do Pisca

Esta atividade teve início a partir da 1ª Feira Ambiental, onde foi realizado um convite para a comunidade, houve muitos inscritos, no entanto, no dia do passeio a maioria não compareceu. A atividade foi realizada de acordo com o cronograma., com o próprio grupo, o assistente social “Totó”, a presidente do bairro Maria Francisca Dias Machado e sua parceira de trabalho a Berenice Aparecida Morato Pedreira, além de Valéria Freixedas (coordenadora do Projeto Pisca) e a equipe do Projeto Fehidro. Seguem algumas fotos do passeio (Anexo 11).

No início, o grupo estava bastante decepcionado pelo fato de as pessoas do bairro não comparecerem para o evento, tendo sido frustrante para os jovens. No entanto, em pouco tempo, depois de uma conversa com os integrantes do ônibus, o passeio foi bastante descontraído e agradável. Eles ficaram entusiasmados com as visitas a todos os locais por onde passa o ribeirão Pisca, inclusive no próprio bairro deles<sup>23</sup>.

Seguem alguns comentários do grupo, sobre o que acharam do passeio pela bacia do Pisca: **S4** “Legal, ótimo”; **S8** “Gostei de ver um bambuzal”; **S2** “Não gostamos de ver tanto lixo no ribeirão”; **S3** “Interessante saber onde começa e por onde vai o Pisca”; **S8** “O Ônibus foi muito vazio; Faltou a participação da comunidade”; **S4** “Muitas pessoas falaram que iriam e não foram”; **S5** “Levar mais pessoas para conhecer o Pisca.”

Este trabalho de pesquisa, envolvendo visitas à área foco e com a participação do público-alvo, o grupo de jovens, se baseou também no,

“ chão que situa e torna possível o sujeito ecológico que é, sem dúvida, a constituição do *ambiental* como campo de relações sociais que, toma parte entre as tentativas de ressignificar os agenciamentos da experiência individual e coletiva” (CARVALHO, 2004, p.71).

---

<sup>23</sup> Onde alguns até se banham, mesmo sabendo dos riscos que podem ser causados a eles pela poluição.

### **2.6.3.9 Saídas de Campo para Diagnóstico e Planejamento Ambiental**

O grupo adorava fazer essas saídas de campo e propunham que o lanche virasse piquenique. Com isso, podíamos ver como era o dia-a-dia do entorno e os próprios jovens ficavam mais à vontade, brincavam uns com os outros, corriam, se mostravam de forma mais tranqüila. Estar em um ambiente diferente do que de costume e principalmente em um ambiente natural, provoca nas pessoas uma espécie de espontaneidade na sua forma de agir, de falar, de se expressar.

Algumas das meninas do grupo expressaram ter um pouco de medo em relação a bichos, como aranhas e cobras. Porém, foi conversado entre o grupo e se alguém não quisesse entrar na mata ou chegar perto do ribeirão, ficaria totalmente à vontade para tal. No entanto, houve uma discussão sobre a forma que poderíamos evitar riscos, tomando cuidado e tendo muita atenção em vários aspectos. Com o decorrer da discussão o grupo, sem exceção, entrou na mata.

Ocorreram vários passeios no campus da ESALQ, como já citado. E os jovens mostravam-se surpresos como sentir o cheiro de um pau d'álho, ver a cachoeira dentro da faculdade, da qual nunca tinham ouvido falar. O que mais impressionou o grupo foi a falta de cuidado do próprio campus com o ribeirão.

As saídas de campo eram os momentos mais esperados pelo grupo, mas nem sempre eram possíveis, uma vez que envolviam a condição financeira tanto do grupo, quanto do projeto. Mesmo assim, foi possível realizar várias saídas.

Segundo Gutiérrez (1988, p.69) “uma sociedade livre, aberta e soberana, na qual o homem goze da participação política e possa realizar-se plenamente, constitui a utopia que está na base de toda experiência em educação”.

Quando o jovem tem a oportunidade de presenciar e além disso, criticar o que vê, concordar ou discordar, expor suas idéias, seus sentimentos - como acontecia nos encontros e nas saídas de campo -, cria-se a possibilidade de uma participação criativa e reflexiva como meio eficaz de se chegar à compreensão e valorização das ações coletivas. Segundo Gutiérrez, (1988, p.106), “educadores e educandos procuram encontrar sua razão existencial e seu compromisso como sujeitos da história, a qual têm obrigação de transformar mediante sua ação criadora”.

### 2.6.3.10 Atividade – Por onde vai o barco?

#### Complementando a análise dos encontros:

Os relatos colhidos na atividade “Por onde vai o barco”, abaixo descritos, seguem as fontes, com alterações da linguagem usual falada para a escrita. Somente alguns dos jovens estavam presentes nesse dia e realizaram a dinâmica. Foram eles:

**S9 - 1:** “O barco está indo para um lugar que ele nunca conheceu antes. É um lugar cheio de peixes, muita água, árvores, animais, etc... Este barco com certeza vai adorar este lugar, porque ele cansou de ficar neste rio poluído, onde as árvores são secas, onde não tem peixes, não tem animais”. **2:** “Gostaria que ele fosse pra este lugar cheio de peixes, árvores, animais, insetos. Só que eu não gostaria que ele esquecesse do rio poluído. Eu gostaria que ele ajudasse as pessoas a limpar o rio poluído e transformá-lo em um rio cheio de peixes, árvores, animais”. **3:** “Eu queria fazer a minha parte, que é limpar o rio”.

**Breve Análise:** a partir dos elementos mostrados, discutidos e realizados, a jovem expôs seus pensamentos através de uma brincadeira de sinônimos, e falava sobre o que ouvia nas atividades realizadas nos encontros, e também dos seus desejos. Porém, as suas palavras foram selecionadas como forma de agradar as pessoas de que gosta, através da demonstração de se falar/escrever o que era discutido nos encontros. Essa jovem se envolvia bastante nas atividades, mostrava muita responsabilidade nos seus afazeres e preocupação em aprender novas formas de ver o mundo e dividir o que sabia.

**S4 - 1:** “Eu posso afirmar com toda a certeza que esse barco pode e vai em busca dos seus sonhos, dos seus objetivos. Sim, mas para isso a gente tem que ter muita paciência, perseverança, muita fé em Deus e principalmente muito amor no que está fazendo. Só assim, pensando dessa maneira, se dedicando cada vez mais ao nosso trabalho, é que iremos conseguir atingir os nossos objetivos”. **2:** “Quando esse barco chegar ao seu destino, você vai olhar para trás e vai ver as tempestades que você enfrentou, a fúria do mar contra você, tentando te impedir, mas tem uma palavra que diz

assim: depois da tempestade, vem a bonança”. 3: “Eu gostaria de estar podendo passar às outras pessoas um pouco do que eu aprendi, sobre a consciência de poder mudar as idéias daquelas pessoas que não dão a mínima a natureza”.

**Breve Análise:** esse jovem expressava exatamente o que faz e pensa da vida (conforme entrevista que está transcrita mais ao final desse capítulo). É perseverante, respeita e percebe os limites dos outros, é bastante religioso. Busca realizar os seus objetivos, o que no grupo tem muita expressão, pois acaba mostrando aos outros companheiros essa forma de ver o mundo e de lidar com a vida. Expressa muito bem suas dificuldades em atingir objetivos, mas também a crença de que está no caminho certo e que terá ganhos pela sua persistência. E ele consegue ensinar o que aprende à sua maneira que é o que interessa ao nosso trabalho: editar, aprender algo e transformá-lo, melhorá-lo.

**S8 - 1:** “Este barco está indo em direção à paz, levando todos do planeta terra, desde animais, insetos, etc. O barco parece pequeno, mas a vontade de chegar até a paz, fez que coubesse todos dentro do barco”. 3: “Levar comigo toda a esperança e ir dizendo para as pessoas, como é bom ter a paz em nossos corações”.

Observação: ele não respondeu à questão 2.

**Breve Análise:** ele mostra bem o seu lado artista, de sonhar, se expressa poeticamente. Também fala das dificuldades“, “...*parece pequeno, mas a vontade... faz caber...*” Pensa em ter a esperança consigo sempre, mas não revela muito mais detalhes de seus pensamentos/sentimentos. Ele é assim fechado, querendo se abrir e mostrar aos outros o que pensa, o que deseja, mas ainda tem dificuldade para exprimir tais sentimentos.

**S7 - 1:** “O barco está indo pra um país muito longe, que se chama China, mas eu gostaria que fosse pra Nova York. Porque eu tenho um sonho de conhecer uma pessoa que eu gosto muito, eu sou fã dela, que se chama Britny Speers. Eu tenho um monte de fotos dela e o meu barco, eu quero que siga o caminho certo, eu faria qualquer coisa para o meu sonho virar realidade. Eu quero ser igual a ela, uma cantora muito famosa, com uma voz muito especial, que pudesse alcançar ela e ser uma cantora muito feliz.

Poder mostrar para todos que eu sei fazer alguma coisa especial, eu gosto de cantar é o meu sonho”. 2: “O meu barco está indo para um paraíso, eu estou nesse paraíso, parece o céu, eu vejo o céu no meu sonho quando eu durmo. Bem, eu imagino eu no céu e um paraíso cheio de fantasia, mágica, as pessoas felizes, todos sorrindo lá nesse paraíso, eu estou muito feliz com as pessoas que eu amo, eu me sinto muito bem com elas. Estão sempre do meu lado. Esse é o meu paraíso, cheio de pessoas sem doenças, com muita saúde, todos felizes sem tristeza, todos unidos sem brigas, um apoiando o outro, esse é o caminho do barco do paraíso”. 3: “Eu gostaria de fazer muitas coisas, que nem eu gosto de cantar, eu faria um palco dentro do barco, um show muito lindo e especial para mim e para as pessoas que pudesse apreciar meu trabalho e faze-las felizes. Eu também queria poder abrir um lar para as crianças de rua. Esse barco ia ser meu paraíso, cheio de alegria, todos felizes, um ajudando o outro, eu ia ficar muito feliz com tudo isso que eu iria fazer para essas crianças, poder dar o que elas não tem nas ruas, carinho, amor, compaixão e podê-las ajudar no que precisassem. Eu levaria para uma ilha cheia de felicidades, tinha uma cachoeira cheia de vida. As árvores cheias de frutos, nesse lugar ninguém iria passar fome. E o que eu gostaria de fazer dentro do barco, um barco muito lindo, cheio de amor pra dar a quem não tem um barco feliz e repleto de compaixão”.

**Breve Análise:** ela mostra a sua juventude, os seus sonhos e desejos, mesmo que de forma tão sonhadora. Fala do que gostaria de ter na sua vida real, de se sentir mais compreendida, mais acolhida pela família. Gostaria de cantar, ter uma bela voz; gostaria de ajudar as pessoas a verem um mundo mais colorido, com mais amor, mesmo que em uma “*ilha cheia de felicidade*”, uma espécie de ilha da fantasia, onde tudo pode ser mais fácil, mais tranquilo, mais colorido, diferente do seu mundo real. Um mundo de uma adolescente de periferia, que não tem a casa que deseja, que não tem seus sonhos/desejos entendidos pela família. Então, ela se expressa desejando realizar seu sonho, como se fosse uma ilha da fantasia. Assim, tudo fica mais leve e consegue lidar com suas frustrações. E pode continuar sonhando.

**S10** – Sua participação foi breve nesse dia. 1. “O barco está indo pra um lugar onde todos nós iremos plantar bastante flores, árvores e frutos. E também este barco irá para

um lugar tão lindo, onde não haverá guerra e nem violência, com certeza este barco vai gostar muito de ir para este lugar, como todos nós vamos gostar”. 2. “Eu gostaria de ir pra um lugar bem longe daqui, um lugar bem tranquilo a onde ninguém poderá me atrapalhar. Neste lugar eu gostaria que tivesse animal, árvore, pássaros e etc”. 3. “Eu gostaria de navegar dentro deste barco, junto com as ondas e ouvir os pássaros cantando”.

**Breve Análise:** ele é um jovem bastante sedutor, imagina o que as pessoas querem ouvir. Mas acaba sendo vago em suas colocações, não se envolvendo em todas as atividades; sempre tem algo a fazer no mesmo horário dos encontros do grupo “Água é Vida”. Ao mesmo tempo em que se mostra um jovem politizado, sabendo de toda a história do bairro, pois participou dela, é bastante crítico e fundamenta suas críticas. Porém, em outros momentos, precisa sair dessa realidade dura e acaba se envolvendo em outras atividades ao mesmo tempo.

#### 2.6.4 Os Encontros

Através do processo vivenciado no grupo é possível perceber que o rumo tomado pelo projeto foi totalmente vivido no exercício da práxis, e que sempre havia uma discussão sobre cada proposta/idéia que surgia.

Em algumas ocasiões, tivemos convidados para falar de assuntos que estavam sendo discutidos ou que nós da coordenação não dominávamos. Em outros momentos, fazíamos os encontros na beira do ribeirão para realizar alguma pesquisa, ou pelo simples fato de nos encontrarmos próximos de um local privilegiado, do ribeirão Piracicamirim, próximo a um remanescente de mata ciliar.

Pudemos também vivenciar momentos de extrema tensão, em especial a 1ª Feira Ambiental, a qual o grupo planejou e executou praticamente tudo sozinho. Podia-se perceber claramente o nervosismo dos jovens em querer que tudo saísse exatamente como cada um havia idealizado em seus pensamentos. Mas essa Feira permitiu que o grupo vivenciasse momentos de tristezas e alegrias, ou seja, com o resultado positivo de suas expectativas ou frustrações quando algo dava errado.



“O desejo realizado aumenta nossa força para existir e pensar. Chama-se alegria, definida por Espinosa como o sentimento que temos de que nossa capacidade de existir aumenta, chamando-se amor quando atribuímos esse aumento a uma causa externa (o objeto do desejo). O desejo frustrado diminui nossa força para existir e pensar. Chama-se tristeza, definida por Espinosa como o sentimento que temos de que nossa capacidade para existir diminui, chamando-se ódio, se considerarmos essa diminuição existencial um efeito proveniente de uma causa externa (o objeto do desejo). Todos os demais apetites e afetos são derivados ou variantes dos três originários: desejo, alegria e tristeza.” (CHAUÍ, 1995, p. 64)

No entanto, são com esses momentos alegres e tristes que desenvolvem-se nossos potenciais, que nos envolvemos com a situação, seja para comemorar uma vitória, seja para tentar reverter um quadro que não está como queremos. Mas é assim que nos envolvemos e que temos a oportunidade de nos conhecer, de conhecer o outro, de descobrir quais são as nossas dificuldades, nossos dons. Enfim, crescer através do trabalho, do próprio envolvimento com o que se está fazendo, dos momentos tristes e dos felizes também.

E assim, pudemos compartilhar, grupo e coordenação, os resultados obtidos através dos encontros, e que nos possibilitou rever o caminho a que nos submetemos, além de avaliar o que era necessário para a melhoria da qualidade de nossos trabalhos e pesquisas desenvolvidos em EA. Além disso, a convivência da equipe de EA e o grupo por momentos felizes e tristes transformou a vida de todos.

Cada jovem pôde conhecer e compartilhar seus conhecimentos e além disso, provocar seu auto-conhecimento, ou talvez simplesmente possibilitou algumas novas atitudes em suas vidas. A seguir poderemos vislumbrar um pouco mais sobre cada jovem, e desenvolver algumas idéias sobre este trabalho de pesquisa.

### **2.6.5 Entrevistas Semi-Estruturadas**

Foi feita uma análise das respostas às perguntas da entrevista semi-estruturada (Anexo 8), ressaltando dentro de cada tópico os pontos que mais despertaram a percepção e/ou opinião dos jovens dentro do grupo, em relação aos encontros.

A Tabela 5 apresenta uma síntese das respostas dos jovens, ressaltando os pontos de maior interação entre eles, às perguntas do primeiro grupo, referentes à comunicação.

Tabela 5 - Síntese das perguntas das entrevistas semi-estruturadas referentes a cada tópico do G 1 COMUNICAÇÃO, ressaltando as percepções e opiniões dos jovens em relação aos encontros (continua)

Mudanças Significativas	O que desperta interatividade	Temas – o que se fala mais?	Temas – como se inicia?	Temas – sobre o que?	Comunicação aberta	Comunicação fechada
<p><b>S10</b> – presta mais atenção nas plantas, na natureza. Percebe o que ainda falta no bairro e lembra o que foi realizado pelo grupo;</p> <p><b>S5</b> – é líder desde o início, usa palavras mais aprimoradas, mostra o que pensa e sente;</p> <p><b>S3</b> – Perdeu a timidez e tem mais facilidade de se comunicar;</p> <p><b>S1</b> – no início muito tímido, se tornou líder da banda da igreja. Usa muitas palavras que falávamos e lembra da espécie melaleuca;</p> <p><b>S4</b> – se mostra mais socialmente consciente, crítico sobre a percepção do meio ambiente;</p> <p><b>S7</b> – nas falas e confissões sobre ela mesma;</p>	<p><b>S9</b> – dinâmicas, atividades de campo;</p> <p><b>S5</b> - dinâmicas, atividades de campo e meio ambiente;</p> <p><b>S3</b> – dinâmicas;</p> <p><b>S1</b> - dinâmicas, atividades de campo e música;</p> <p><b>S4</b> – campo;</p> <p><b>S7</b> – dinâmica, música e dança;</p> <p><b>S2</b> – dinâmicas;</p> <p><b>S10</b> – dinâmicas;</p> <p><b>S8</b> – atividades de campo;</p> <p><b>S6</b> – dinâmicas.</p>	<p><b>S9</b> - Somente responde às perguntas rapidamente;</p> <p><b>S5</b> – fala muito sobre auto-estima, de desenvolvê-la no ser humano;</p> <p><b>S3</b> – do seu próprio crescimento, para se relacionar melhor;</p> <p><b>S1</b> – das mudanças que percebe depois dos encontros, em si e no ambiente;</p> <p><b>S4</b> – violência e união das pessoas para melhorar isso;</p> <p><b>S7</b> – fala de si própria, de suas tristezas e dificuldades;</p> <p><b>S2</b> – de como percebe o meio ambiente hoje e fala sobre si própria;</p>	<p>Sempre com as perguntas.</p>	<p>Entrevista sobre o que mudou na visão ou ações dos jovens 6 meses depois do final dos encontros.</p>	<p><b>S5</b> <b>S3</b> <b>S1</b> <b>S4</b> <b>S6</b></p>	<p><b>S9</b> <b>S5</b> <b>S3</b> <b>S1</b> <b>S4</b> <b>S7</b> <b>S2</b> <b>S10</b> <b>S8</b> <b>S6</b></p>

Mudanças Significativas	O que desperta interatividade	Temas – o que se fala mais?	Temas – como se inicia?	Temas – sobre o que?	Comunicação aberta	(conclusão)
						Comunicação fechada
<p><b>S2</b> – do seu aprendizado, do que gosta hoje e faz muitas críticas “sociais”;</p> <p><b>S10</b> – das suas mudanças e de como leva isso adiante hoje em dia;</p> <p><b>S8</b> – fala de vários acontecimentos do grupo, do que gostou e do que não gostou;</p> <p><b>S6</b> – fala do histórico do bairro, do grupo e do que mudou do bairro e nele.</p>		<p><b>S10</b> – preocupação com os amigos e em ser feliz ali mesmo;</p> <p><b>S8</b> – lixo, poluição das águas e da falta que essa fará e da violência no bairro;</p> <p><b>S6</b> – histórico do bairro, do grupo e as mudanças que vê hoje</p>				

### **Pergunta 1 - Há mudança na minha percepção de mundo a partir da contribuição do outro?**

Ressaltamos abaixo os principais depoimentos quando respondem à pergunta reflexiva, a partir das respostas obtidas nas entrevistas semi-estruturadas:

**S1** – muito, se tornou um líder do seu grupo de músicos, busca realizar seus sonhos e percebe as mudanças dos outros, de si e do bairro e fala dessas mudanças;

**S2** – sim, é mais atenciosa com a vida, mais crítica e gosta das plantas, pois antes dos encontros não gostava;

**S3** – muito, em especial a timidez inicial, que deu lugar a uma pessoa mais comunicativa, consciente e prestativa. Quer continuar crescendo;

**S4** – sim, é mais crítico quanto aos acontecimentos da vida e do bairro;

**S5** – muitas mudanças no vocabulário, nas formas de lidar com o outro, nos próprios sonhos e atualmente faz teatro;

**S6** – mudou, é mais cauteloso, mais calmo e consegue perceber e fala das mudanças do bairro e dele mesmo, da busca para realizar seus sonhos.

**S7** – mudou. Segundo ela, principalmente quando nos encontrávamos. Melhorou o comportamento na escola, mas agora está bagunceira de novo...

**S8** – sim, é mais crítico e atencioso ao ambiente em que vive, observa como cada pessoa age nele;

**S9** – com as dinâmicas revela que sim, e com as atividades de campo acredita que presta mais atenção ao meio natural;

**S10** – mudou sua atenção em relação aos problemas, do bairro e das pessoas.

A Tabela 6 apresenta uma síntese dos depoimentos dos jovens, ressaltando os pontos de maior interação entre eles, quanto às perguntas do segundo grupo, referentes à FLUXO DE INTERAÇÃO.

Tabela 6 - Síntese das perguntas das entrevistas semi-estruturadas referentes a cada tópico do G 2 FLUXO DE INTERAÇÃO, ressaltando as percepções e opiniões dos jovens em relação aos encontros

Por iniciativa de quem?	Como segue?	O que inicia?	De que maneira?
Minha, entrevista que realizei.	<p><b>S9</b> – ela responde rapidamente;</p> <p><b>S5</b> – respostas bem colocadas, pensa bem antes de falar;</p> <p><b>S3</b> – ótimas respostas, ótima entrevista;</p> <p><b>S1</b> – ótima entrevista, é bastante sincero e após desligar gravador, fala mais de si;</p> <p><b>S4</b> – bem, coloca bem seu ponto de vista;</p> <p><b>S7</b> – respostas curtas e diretas, sem muitos comentários, porém muito sincera sobre si;</p> <p><b>S2</b> – responde e fala muito sobre si e do quanto mudou em relação ao meio ambiente;</p> <p><b>S10</b> – responde e expõe suas críticas e sonhos;</p> <p><b>S8</b> – é sincero, fala o que pensa, é mais crítico que antes;</p> <p><b>S6</b> – fala muito sobre o que aprendeu e de como tem sido a partir daí.</p>	Eu, com explicações da entrevista e perguntas.	Entrevistando com gravador e com permissão de cada um. Entrevistas individuais.

A Tabela 7 apresenta uma síntese dos depoimentos dos jovens, ressaltando os pontos de maior interação entre eles, quanto às perguntas do terceiro grupo, referentes à LIDERANÇA E COMPARTILHAMENTO.

Tabela 7 - Síntese das perguntas das entrevistas semi-estruturadas referentes a cada tópico do G 3 LIDERANÇA E COMPARTILHAMENTO, ressaltando as percepções e opiniões dos jovens em relação aos encontros

Líder – 1 ou mais?	Há democratização de lideranças?	Há iniciativas compartilhadas?
<p><b>S9</b> – tímida, mas às vezes se manifesta para realizar algumas tarefas ou para chamar a atenção do grupo;</p> <p><b>S5</b> – líder sempre;</p> <p><b>S3</b> – mais para o final dos encontros despertou como mais uma liderança dentro do grupo;</p> <p><b>S1</b> – muito tímido no início, mais no final se tornou outro líder;</p> <p><b>S4</b> – quieto, mais atento e consciente socialmente;</p> <p><b>S7</b> – muito tímida e calada;</p> <p><b>S2</b> – sim, em especial quando precisava tomar alguma atitude e fazer, tarefas...;</p> <p><b>S10</b> – sim, mas não sempre;</p> <p><b>S8</b> – não, só com desenhos que ele trazia, aí falava um pouco mais;</p> <p><b>S6</b> – às vezes sim, era rebelde, falava sempre que se sentia incomodado.</p>	<p><b>S5</b> – sim, passava as perguntas aos colegas ou pedia algo para encorajá-los;</p> <p><b>S3</b> – bastante, sempre incentivando os outros;</p> <p><b>S1</b> – sim, no grupo e na vida;</p> <p><b>S4</b> – sim, mais perceptivo em relação ao outro;</p> <p><b>S2</b> – sim, convidava os outros para participar do grupo ou o próprio grupo de uma atividade;</p> <p><b>S6</b> – sim.</p>	<p><b>S9</b> – sim, sempre chamava alguém para trabalhar junto;</p> <p><b>S5</b> – sim;</p> <p><b>S3</b> – sim;</p> <p><b>S1</b> – sim, ensinando outros a tocar instrumentos musicais e no grupo também chamava a atenção dos outros para participarem;</p> <p><b>S4</b> – poucas, mais em relação à sua forma de olhar o mundo, mais crítico;</p> <p><b>S7</b> – sim, porém suas participações ocorriam mais quando era solicitada;</p> <p><b>S2</b> – sim, convidava os outros para participar do grupo ou o próprio grupo de uma atividade;</p> <p><b>S10</b> – sim;</p> <p><b>S8</b> – sim, sempre fazia as tarefas com os outros;</p> <p><b>S6</b> – sim.</p>

### Pergunta 2 - O que manifestam sobre um grupo social?

Ressaltamos abaixo os principais depoimentos sobre a pergunta reflexiva, a partir das respostas obtidas nas entrevistas semi-estruturadas:

**S1** – tímido no início, depois vê o seu próprio crescimento e busca incentivar os outros, por exemplo, ensinando-os a tocar instrumentos...;

**S2** – percepções consciente das atitudes inconscientes dos outros, sua própria conscientização;

**S3** – o seu próprio crescimento, era tímido e falou muito do seu desenvolvimento pessoal, na entrevista;

**S4** – fala muito sobre a união das pessoas para reverter situações ruins, a vida, a violência;

**S5** – muito, tem uma visão ampla do social e mostra o que aprende no ambiente também. Fala do bairro, faz críticas ou elogios e em especial do ser humano e dele enquanto tal;

**S6** – percebe a si mesmo e conseqüentemente o outro, o bairro. Fala da importância do grupo em sua vida.

**S7** – fala da união das pessoas para poder mudar situações ruins e do quanto gosta de estar com os amigos. Falou que o grupo era um refúgio para ela, gostava de estar lá, apesar de ser calada;

**S8** – se despertou para a percepção do outro, das atitudes do outro e conseqüentemente de si, é mais crítico e sincero;

**S9** – pouco, mas dá indícios da percepção do que falta no bairro e do que foi conquistado;

**S10** – contava as histórias do bairro, de como tudo aconteceu. Prontificava-se a ajudar e fazia muitas críticas construtivas.

A Tabela 8 apresenta uma síntese dos depoimentos dos jovens, ressaltando os pontos de maior interação entre eles, quanto as perguntas do quarto grupo, referentes à AMBIENTE E COTIDIANO.

Tabela 8 - Síntese das perguntas das entrevistas semi-estruturadas referentes a cada tópico do G 4 AMBIENTE E COTIDIANO, ressaltando as percepções e opiniões dos jovens em relação aos encontros:

O que é ambiente?	O que falam sobre o cotidiano deles?
<p><b>S9</b> – se limita ao verde e percebe as mudanças das pessoas;</p> <p><b>S5</b> – visão ampliada do ser e do meio ambiente, onde vive e convive;</p> <p><b>S3</b> – idem <b>S5</b>;</p> <p><b>S1</b> – a percepção do meio aumentou e busca compartilhar o que sabe;</p> <p><b>S4</b> – tem percepção do meio ambiente mas não aprofundado, mas relembra os encontros;</p> <p><b>S7</b> – percebe o que gosta e o que não gosta em dia;</p> <p><b>S2</b> – plantas, água, lixo, meio em que vive;</p> <p><b>S10</b> – árvores, ribeirão, o meio social;</p> <p><b>S8</b> – lembra do que aprendeu em especial sobre a água;</p> <p><b>S6</b> – fala de ambientalismo (palavra), maio ambiente em especial do meio social.</p>	<p><b>S9</b> – das suas preocupações com a filha e que gosta mais do meio ambiente hoje em dia;</p> <p><b>S5</b> – se coloca o tempo todo como exemplo de suas vivências e do que acha que deve ser feito;</p> <p><b>S3</b> – muito sobre o que usa em seu trabalho, do que aprendeu no grupo e de seus desejos;</p> <p><b>S1</b> – sobre seu crescimento, sobre como tem vivido depois dos encontros;</p> <p><b>S4</b> – fala muito, sobre o seu medo da violência, da sua revolta, faz críticas e acha que o bairro precisa se unir mais para mudar isso;</p> <p><b>S7</b> – muito, de suas tristezas, dificuldades, rebeldias. Do que gostava e do que não gostava no grupo;</p> <p><b>S2</b> – bastante sobre suas dificuldades e de suas mudanças para melhor, da família;</p> <p><b>S10</b> – falou do que tem feito, de como era e como é agora e das suas preocupações;</p> <p><b>S8</b> – dos seus sonhos, do que tem feito e das suas preocupações com o bairro;</p> <p><b>S6</b> – da realização do sonho de voltar a tocar guitarra. Do bairro, do grupo e de si.</p>

### 2.6.6 Análise de Processos Grupais de Acordo com as Entrevistas

Após essa resumida apresentação dos resultados das entrevistas semi-estruturadas, seguiremos para a discussão dos mesmos.

Podemos dizer que no aspecto de formação e fortalecimento do grupo de jovens, na intervenção educacional através dos encontros, pudemos notar como se deu a participação, a emancipação e a apropriação dos processos de educação ambiental. O envolvimento, as opiniões emitidas, as críticas e os depoimentos dos jovens podem ser resumidos assim:

**“S4** *“O projeto trouxe melhoria no bairro”, “a importância da natureza na vida da gente, excelente, abrangeu todo o bairro. Foi importante o plantio e limpeza do ribeirão e zelar pelo bairro.”* **S3** *“Adorei o plantio de árvores e dar pro povo plantar. Quando estamos envolvidos tem que levar a sério aprender a respeitar a opinião do outro, ouvir o outro.”* **S9** *“O ruim são as pessoas que não nos ouviram.” “bom o projeto voltar pra conscientizar mais o bairro, mudou muito a minha vida, aprendi coisas novas.”*



Os jovens do grupo 'Água é Vida' eram unidos, dialogavam e acompanhavam o trabalho e o que lhes era proposto. Pode-se perceber pelas entrevistas, o impacto que o grupo teve na vida de cada um dos jovens. A formação e o fortalecimento desse grupo de jovens foi um processo que aconteceu durante a intervenção e que apesar de não estarem mais juntos atualmente cada um levou consigo os aprendizados, o desenvolvimento emocional, intelectual; o que cada um pôde apreender.

No início do processo dos encontros, os jovens tinham algumas dificuldades de expressar seus pensamentos e desejos, mas eventualmente acabaram se acostumando a falar e com isso se conheceram melhor, tanto para trabalhar dentro do próprio grupo, quanto para se desenvolver em outras atividades do próprio dia-a-dia.

“É nessa fronteira continuamente redesenhada entre as esferas pública e privada, compreendida como faixa de permanente negociação inter e intra-subjetiva, que reside uma das vias significativas de aprendizado e experiência política dos jovens. Aí se constitui o campo tenso das possibilidades de engajamento e de atribuição de sentidos para a ação política dos sujeitos contemporâneos de um modo geral e dos jovens em particular.” (CARVALHO, 2004b, p.55)

Os depoimentos dos jovens sobre o que mais gostavam de fazer nos encontros que eram as saídas de campo, revelavam o quanto era prazeroso estar em contato com a natureza. Alguns jovens confessaram que passaram a perceber e gostar mais da natureza, sendo que antes não atentavam para isso. Também testemunharam sobre como viam o bairro com o trabalho de arborização que o grupo realizou com a prefeitura; isso trouxe uma visão mais concreta do que fazíamos e falávamos nos encontros do grupo.

**S2** *“Melhorou muito, as pessoas estão melhores, mudou bastante o bairro, teve muito benefício.”* **S7** *“Faz falta no bairro um local pra se encontrar.”* **S3** *“Em especial do grupo, mais consciência, sabemos melhor o que estamos fazendo.”* **S4** *“Mudou um pouco sim um pouco não.”* *“ Teve pouca mudança positiva e muita negativa”* *“Acho que poucas pessoas se conscientizaram com o que nós fizemos.”*

Alguns jovens declararam que aconteceram boas mudanças nas atitudes da comunidade em relação ao meio ambiente. Percebe-se que não falam de uma mudança com palavras muito expressivas; no entanto, a mudança começa de forma cautelosa. O que vemos em todo o contexto de vivência que tivemos nesse grupo, é que ocorreram mudanças significativas em cada participante.

Houve também algumas respostas negativas, para alguns não ocorreram mudanças, o que não deixa de ser verdade. É ambíguo, mas real, quando algumas das metas desses jovens não foram totalmente alcançadas, trazendo um gosto de frustração. Um exemplo para este caso é a questão do não cumprimento da promessa de construção da praça, como um ponto de encontro para eles, um ponto de encontro ligado à natureza, um espaço aberto, onde todos pudessem vê-los, onde eles pudessem ver a tudo. É também importante notarmos através das entrevistas que a maioria dos jovens sentiram e perceberam as mudanças do ambiente em que vivem e convivem.

“Diferentemente das gerações anteriores, que trazem em suas histórias de vida experiências de participação política baseadas nos ideais revolucionários socialistas, entre outros. O campo da ação política hoje se apresenta pelo confronto ideológico da sociedade de classes. Traz as marcas da redefinição das fronteiras entre as esferas pública e privada, da valorização da cultura, das identidades e do meio ambiente como novos espaços de expressão política.” (CARVALHO (A), 2004, p.55)

Desta forma, esses jovens demonstraram, que por meio de um espaço de expressão política e pessoal do grupo no ambiente do bairro, tiveram considerável mudança de atitude em relação à história de vida deles.

**S6** *“Melhorar ainda mais o bairro”, “ver esse bairro cheio de árvores, ver o bairro feliz, arborizado, mais consciente não só na parte ambiental, mais social”.* **S9** *“Pessoas mais humildes e mais unidas”.* **S2** *“Ter a praça, área de lazer e árvores”.* *“melhorar o futuro, as pessoas mais unidas tudo melhora”.* **S8** *“Bairro mais agradável, sem violência, sem amigos envolvidos com drogas, meninas que ficam grávidas, caras que não tem cabeça fazendo filho nas meninas”.* **S4** *“Um jardim de paz e flores. Poder cuidar da minha filha”.* **S6** *Ser guitarrista, sentir bem no que eu faço, elevando a auto-estima”.* **S3** *“Fazer uma faculdade”, “estar bem com as pessoas do meu lado”, “terminar estudos, dedicar ao meu trabalho, ser um vencedor, ter sempre amor no coração e*

saúde”. **S1** “O meu grupo crescer de música e tocar as pessoas com essa música, alcançar os meus objetivos”. **S10** “Ser feliz aqui no meu bairro”, “terem mais respeito pelo trabalhador”. **S8** “Fazer curso de desenho, faculdade de educação artística.” **S7** “Melhorei meu comportamento na escola.” “Unidos podemos mudar tudo.”

Podemos perceber que as visões e percepções sobre a vivência que tiveram no grupo e o que apreenderam para suas vidas estabelecem conexões entre os aprendizados e crescimento do sujeito e o bem comum.

São sonhos que se repetem, o desejo de melhorias sociais, sonhos pessoais, sonhos poéticos, musicados, ou pintados. São muitas as cores que esses jovens apresentaram nessa intervenção educacional. A maioria deles está realmente buscando conquistar essas realizações. O desenvolvimento e crescimento do indivíduo trazem para o coletivo um sujeito mais maduro, mais envolvido no contexto de vida social.

De acordo com Velásquez (2000, p.15):

“Há um movimento de busca por esta identidade, ou seja, pela representação e construção do eu como sujeito único e igual a si mesmo, além do uso desta como referência de liberdade, felicidade e cidadania, nas relações interpessoais, intergrupais. Desta maneira, a identidade por ser definida como um processo em constante construção, como um sistema aberto, que recebe informações e que se modifica, ao longo do tempo e do espaço. Trata-se, portanto, de um sistema vivo.”

O fato é que através dos encontros do grupo ‘Água é Vida’ houve a oportunidade de formação de um sujeito ecológico. A mobilização da sensibilidade de cada jovem sobre o que foi vivenciado no grupo remete a atitudes em prol do meio ambiente, que também começa dentro de nós e vai se ampliando para outras esferas da vida, como minha relação com o outro; mais outro e mais outro; minha relação com o meio natural e com as políticas públicas.

“A existência de um sujeito ecológico põe em evidência não apenas um modo individual de ser, mas, sobretudo, a possibilidade de um mundo transformado, compatível com esse ideal. Fomenta esperanças de viver melhor, de felicidade, de justiça e bem estar. Assim, além de servir de fonte de identificação para os ativistas e ecologistas, mobiliza sensibilidades que podem ser experienciadas por muitos segmentos da nossa sociedade.” (CARVALHO, 2004b, p.69)

E esses jovens puderam experienciar e experimentar uma nova forma de ver o mundo e de lidar com ele. E cada um à sua maneira tem levado o que aprendeu às

peessoas mais próximas. A maior transformação foi na vida pessoal, pois estão saindo para trabalhar, estudar, seguir um ideal. Nem todos fazem o que querem, mas buscam fazer o que podem com responsabilidade social e com dedicação. Seguem alguns dos testemunhos dados nas entrevistas.

**S2** *“Tem coisas sendo feitas no bairro só que “eles” escolhem as pessoas que querem para ajudar.”* **S4** *“Ninguém tá olhando, não tá vendo, falta polícia eles não toma providência.”* *“Se todos se reunisse, conversasse, batesse um papo e tal, podia até conseguir mais melhoria para o bairro.”* **S10** *“Eu faço melhoria pro bairro quando, que nem hoje eu tenho um grupo de rap, levo o nome do bairro, num tem o apoio de ninguém, mas me sinto normal fazendo isso.”*

O que podemos perceber é que o indivíduo assimila o que aprende e isso é fundamental, pois cria a sua forma de ver o mundo; dá o seu tom à música que quer ouvir, que quer que o mundo ouça.

O grupo, na sua maioria, está trabalhando atualmente, estão em idade para começar a vida profissional, não esquecendo que estamos tratando de jovens de periferia. Alguns se casaram, precisam sustentar a nova família, outros ajudam os pais com seu trabalho, esses, pelo comportamento que tiveram, demonstram capacidade de realizar alguns sonhos como estudar para cursar uma faculdade, fazer teatro, aprender e ensinar música. Enfim, cada um tem utilizado o que vivenciou à sua forma e de acordo com sua necessidade e possibilidade.

Para entendermos melhor esse contexto vemos em Guimarães (2004, p.135) que,

“A educação em uma perspectiva crítica, se propõe a formar dinamizadores de ambientes educativos, que, ao compreenderem a complexidade dos processos (movimentos) sociais, motivados pela reflexão crítica, mobilizem (mobilização = ação em movimento – práxis), com sinergia, processos de intervenção sobre as dinâmicas constituídas e constituintes da realidade socio-ambiental. Portanto, reciprocamente, esses movimentos são ambientes educativos e ambientes educativos são movimentos e os dinamizadores (educadores ambientais) os alimentam.”

Para tanto, procuramos identificar impactos na apreensão de repertórios que levem à mudança de atitudes e comportamentos. Por meio dos testemunhos dados nas

entrevistas, quando cada jovem teve a oportunidade de falar, criticar, avaliar e expor seus pensamentos, pudemos perceber o desenvolvimento de cada jovem através das atitudes tomadas dentro do próprio grupo, além dos testemunhos sobre a mudança que cada um percebeu em si mesmo e conseqüentemente em suas vidas, em suas formas de viver e encarar o mundo no decorrer do projeto. Seguem alguns testemunhos desses jovens recolhidos na última entrevista, seis meses após o termino dos encontros.

**S8** *“Falta praça, lazer, deve ter oficina cultura, artesanato, capoeira, mas algum lugar pra você estar no dia-a-dia.”* **S3** *“Tem problema no ribeirão, falha na mata, precisa plantar mais árvores, tem muito barranco, erosão, esgoto jogado no ribeirão, precisa preservar tem animais que vivem lá.”* **S9** *“O postinho é fraco e o atendimento ruim.”* **S4** *“Tem que mudar por um meio mais bruto, autoridade.”* **S8** *“Falta liderança puxar o povo pra dentro da roda, devia ter um grupo fixo, temos vários grupos que passam de casa em casa, isso daria pra englobar uma coisa fixa. Poderia montar até uma casa, onde as pessoas poderiam se encontrar e trocar idéias e levar pra fora as idéias, sair, espalhar.”* **S2** *“Precisa mudar mais as atitudes das pessoas.”*

A identificação do impacto na apreensão de repertórios desses jovens é evidente por toda a entrevista, na forma como se comunicaram com a equipe de pesquisadores procurando usar palavras que ouviam nos encontros. É isso que pode ser percebido no dia-a-dia deles, quando ocorrem encontros eventualmente e conversamos, ou quando recebemos notícias de cada um do grupo.

Os jovens aprenderam sobre a questão de um ajudar ao outro dentro do grupo, que existem formas diferentes, mais maleáveis de se ensinar e aprender; ou seja, de trocar experiências. Além de expressarem suas idéias sobre o que podia ser feito para melhorar o bairro, ou a vida das pessoas dali.

“O discurso é uma prática política, pois ele se constrói a partir de um referencial de um outro discurso. Este jogo de discursos, denominado como domínio da intertextualidade, sinaliza para que se considere todo e qualquer discurso como parte de um diálogo, ou seja, que se refere a um interlocutor/discurso em potencial. Por isso, o discurso é uma prática política, pois trata-se da reafirmação de um posicionamento perante a outro(s) discurso(s)” (OLIVEIRA, 1997, p.72).

Portanto, podemos notar no desenvolvimento desse processo de pesquisa, seja nos depoimentos ou nas entrevistas, que os jovens tiveram um bom envolvimento no grupo 'Água é Vida', de tal forma que carregam consigo o discurso que era desenvolvido entre nós, além de mostrarem que existem outras formas de lidar com a vida, com as pessoas, com o planeta.

Deste modo, Flahault (1984, p.85), conforme citado por Lane, fala de:

“como a ação de falar implica relações de posições e a língua se representa como resultado e como matéria-prima do processo discursivo. A relação da linguagem com o real necessariamente sofre a mediação das posições sociais de grupo e/ou classe social e, portanto, um discurso está sempre em confronto com um mundo já repleto de significações sempre já ordenado, sempre já socialmente arrumado; um mundo que é o efeito de uma produção social dos sentidos, que reproduz inevitavelmente a produção material, e pela inserção de cada indivíduo, corpo e alma, neste universo. Neste sentido, este universo traz em si toda a ideologia de uma sociedade que se reproduzirá na linguagem e nos discursos situados”.

Compreender representações sociais implica conhecer não só um discurso mais amplo, mas também a situação que define o indivíduo que as produz.

Concluindo, para conhecermos as representações sociais de um indivíduo é necessário, através dos atos de discursos explícitos e implícitos, definirmos o lugar que ele ocupa em relação aos outros, “e através do discurso, como seu espaço se constituiu nesta relação, enquanto realidade subjetiva que se insere no real, socialmente representado e reproduzido em termos de todo mundo (LANE, 1984, p.38).

Assim, Lane (1984, p.41) encerra dizendo que o homem como um ser ativo e inteligente se insere historicamente em um grupo social através da aquisição da linguagem, condição básica para a comunicação e o desenvolvimento de suas relações sociais e, conseqüentemente, de sua própria individualidade.

### **2.6.7 Por onde andam os jovens desta pesquisa intervenção?**

Fizemos uma pesquisa, um levantamento para descobrir o que cada jovem está fazendo atualmente, pois o grupo não tem se encontrado mais, após o término da intervenção até o último contato, no início de setembro de 2004.

**S2:** conseguiu vaga na creche para seus filhos, como tanto queria. Está trabalhando em um supermercado, havia se separado, mas voltou a viver com o marido e continua no Jardim Oriente, mas devido a todos os afazeres diários não tem participado de nenhum grupo de jovens;

**S7:** irmã da **S2**, continua estudando, disse sentir muita falta dos encontros no grupo de jovem. Tem participado de jogos na escola, que acontecem nos finais de semana, mas fica em outro bairro. Se sente muito só e sem perspectivas;

**S9:** se separou do marido e está vivendo com a família de sua mãe e sua filha em outro bairro, e que iria procurar emprego, pois o seu maior desejo é cuidar bem da filha;

**S4:** construiu alguns cômodos em cima da casa da sua família e mora com sua namorada e a filha dela, com quem disse ter um bom relacionamento, a menina gosta muito dele. Está trabalhando como vigia noturno e teve a moto que trabalha roubada por duas vezes, sendo que em uma delas teve uma arma apontada para a sua cabeça. Anda bastante assustado e revoltado com a falta de segurança e com a violência atual. Também sofreu um roubo na sua casa. Acredita que precisa mudar tudo, a começar pela polícia, que acredita estar envolvida com os bandidos e não está prestando serviço à comunidade como deveria. No entanto, continua trabalhando no mesmo emprego, pois precisa sustentar a nova família. Não participa de mais nenhuma atividade no bairro, durante o dia precisa dormir para o trabalho de vigia noturno;

O seu irmão, **S8**, também foi viver juntou com a namorada e moram com os pais dele. Está trabalhando e tem feito poucos desenhos, atividade que continua a fazer. Não tem participado de nenhum trabalho, ou grupo do bairro. Mas sempre que pode se junta com o irmão para tocar, outra paixão sua;

**S10:** também não se envolveu com mais nenhum grupo no bairro, pois tem vivido de bicos para ajudar nas contas de casa. Continua estudando e formou um grupo de Rap, que segundo ele, é a forma que encontrou de levar o nome do bairro a outros lugares, contando o que tem de bom e agradecendo às pessoas dali por toda a ajuda na melhoria da qualidade de vida que tem tido.

**S3:** está trabalhando em uma empresa de Tupi, sub-distrito de Piracicaba, como motorista de um caminhão. Apesar de acordar muito cedo, gosta muito do que faz e o

seu chefe confia muito nele e gosta do seu trabalho. Ele continua estudando à noite e tem sonhado muito com a faculdade que ainda pretende fazer. Devido aos compromissos não participa de nenhum grupo do bairro, e mora em outro lugar. Mas fez questão de contar que usa as dinâmicas que aprendeu no grupo 'Água é Vida', com seus colegas no trabalho;

**S5:** está muito envolvido com o teatro. Por não ter conseguido entrar no cursinho gratuito da ESALQ, desistiu de prestar vestibular nessa faculdade e vai tentar prestar Unimep, desde que consiga bolsa. Não tem participado de nada no bairro, pois sempre está fora dele, seja para trabalhar, estudar ou se divertir.

**S6:** continua trabalhando em um hipermercado, estuda e está namorando, costuma freqüentar a igreja da namorada e quer voltar a tocar guitarra. Também não participa de mais nenhum grupo no bairro.

E por fim, **S1**, que é o único participante do grupo 'Água é Vida' de outro bairro, do Parque São Jorge. Esse jovem tem uma história muito interessante, pois contou que depois do grupo 'Água é Vida' começou a liderar grupos, a falar mais o que pensava. Aprendeu a falar nos encontros do grupo, e por ser bastante tímido, a experiência o ajudou a mudar, começou a falar em casa sobre meio ambiente, também fala no grupo da igreja, que hoje ele lidera. Com isso, foi possível perceber que ele tem potencial e começou a conseguir exercitá-lo na vida pessoal.

S1, sobre o grupo 'Água é Vida', disse que sentia e sente que algumas pessoas se expunham na avaliação do dia somente para que o encontro terminasse logo, porque pensavam que tinham que falar para poder ir embora, mas não diziam o que realmente pensavam e sentiam.

Antes do projeto 'Água é Vida', ele sempre se mantinha calado, tinha vergonha de falar, de se expressar. Na época a banda da igreja tinha somente três pessoas, ele tinha que cantar, mesmo não sendo cantor. Mas hoje tem um grande grupo, com cantores e com a equipe de músicos quase toda completa, só faltando um tecladista.

Como isso aconteceu? Esse jovem percebeu que quando desejava algo, se concentrava para conseguir. Assim, foi trabalhando como servente de pedreiro e acabou comprando os instrumentos, além de contar com alguma ajuda da igreja. Também percebeu que tem facilidade para aprender a tocar instrumentos. E quando



percebe a facilidade de alguém para tocar um instrumento específico, ele ensina e vai aprendendo outro, e assim consecutivamente. Dessa forma, hoje está com um grupo animado, com bom entrosamento, tocando bastante, ensaiam e se divertem muito, mesmo não tendo retorno financeiro está se esforçando.

Após essa entrevista S1 me procurou pedindo ajuda pra fazer um cartaz no computador, para divulgar o seu novo trabalho: fretar ônibus para estudantes ou interessados que necessitem de um transporte. Fizemos o cartaz e espalhamos pelo Campus da ESALQ.

Esses são os caminhos encontrados por cada jovem, e assim eles continuam suas buscas de realizações pessoais e sociais, dentro de suas possibilidades, desejos, tristezas e alegrias.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Todos os efeitos recíprocos e nenhum elemento age sobre outro sem que ele próprio seja modificado.”  
Carl Gustav Jung

Este trabalho vem apoiar a afirmação de Jung, pois, no seu decorrer, ficou explícito o fato que em nossa vivência e convivência com o outro, modificamos ao mesmo tempo em que fomos modificados.

A presente pesquisa em EA e a forma como foi desenvolvida, permeando a complexidade teórica, a psicologia e a subjetividade, pois se tratou de uma análise qualitativa e não quantitativa, nos remeteu a momentos felizes e tristes. Esses momentos não significaram somente conseguir alcançar um objetivo, mas trouxe em seu cerne a conquista de um aprendizado minucioso, detalhado e compartilhado entre quem propõe um projeto e seu público-alvo que, agora não é mais um público que fica do outro lado como platéia, mas que sobe ao palco e compartilha as vivências dos momentos de boas colheitas e sucesso. Essa colheita se trata de uma forma de viver bem e melhor, com mais ética. Trata-se da formação de um indivíduo mais crítico em relação ao que se apresenta à sua frente, podendo assim escolher o que mais lhe convém.

Entendemos que o desenvolvimento de ações educativas relacionadas à questão ambiental, fundadas nos princípios de participação, reflexão e respeito ao meio em que se vive e convive, contribuem para a potência de ação e mudança de atitude em grupos de jovens.

O objetivo geral desta pesquisa, portanto, foi o de analisar e estimular processos grupais que potencializassem ações individuais e/ou coletivas para uma educação ambiental emancipatória, realizando um estudo de caso sobre um grupo de jovens. Dessa forma, buscou-se incitar no grupo e em cada indivíduo a curiosidade e a vontade de saber ou fazer algo em prol da melhoria da qualidade de vida, pois, é na luta, no combate e no resultado do combate e conseqüentemente no risco e no acaso que emerge o conhecimento.

Ao questionar o trabalho de educação ambiental, a forma de desenvolvê-lo, quais as mudanças advindas na vida das pessoas envolvidas, assim como na forma

com que essas pessoas interagem com a sociedade em que vivem, conseguiu-se uma maior interação e dinamismo do próprio trabalho, tornando sua implantação viável. Esse “feedback” constante entre grupo e trabalho, e entre trabalho e grupo, acarretou uma transformação dinâmica, permitindo uma adaptação constante do método na busca do objetivo citado.

A liberdade trabalhada com o grupo associada às discussões, com os interesses dos próprios jovens que viviam a realidade do bairro e conseqüentemente com importâncias e necessidades próprias, fez com que o nosso trabalho caminhasse paralelamente ao projeto FEHIDRO, com interpolações entre os dois. Os jovens do grupo ‘Água é Vida’ eram unidos, dialogavam, acompanhavam e modificavam conosco as atividades planejadas inicialmente.

No princípio do processo dos encontros, os jovens tiveram dificuldades em expressar seus pensamentos e desejos, mas acabaram acostumando a se pronunciar e a questionar as ações e proposições, com isso passaram também a se conhecer melhor. Esse questionamento se constituiu num campo de possibilidades de engajamento e de pertencimento para uma ação política.

Foi possível notar, pelas entrevistas, como se estabeleceu a forma com que os jovens identificaram os impactos deste projeto na apreensão de repertórios que resultaram nas formas de comportamentos relacionados à contribuição de cada um, na construção da sociedade em que convivem.

Através dessas entrevistas, demonstraram que por meio de um espaço de expressão política e pessoal do grupo no ambiente do bairro, tiveram considerável mudança de atitude em relação a sua história de vida: alguns jovens têm buscado desenvolver suas ações na coletividade, seja no grupo de trabalho, no grupo de músicos, na escola, na família e etc., fortalecendo-se no plano individual, apoderando-se do seu próprio destino e procurando conquistar seus sonhos e o desenvolvimento de suas potencialidades, cada um à sua forma, no seu dia-a-dia.

O que vemos em todo o contexto de vivência que tivemos nesse grupo, é que ocorreram mudanças significativas em cada participante. Foi possível perceber as novas formas de lidar e ver o mundo, através dos relatos de suas ações e exposição do que pensam e também de suas críticas. Notou-se que esses jovens estão despertando

para suas próprias potencialidades escondidas ou abafadas pela sua condição de vida. Esses jovens estão buscando fazer a própria vida diferente, procurando suas oportunidades e se conhecendo melhor, mais seguros para continuar perseguindo seus ideais.

Outro ponto de fundamental importância para o processo grupal e para a superação de contradições existentes, foi a necessidade de o grupo analisar-se enquanto tal. A busca da auto-avaliação nesse processo da pesquisa ocorreu nas análises feitas pelo próprio grupo, criando espaço de discussão, ação, avaliação, auto-avaliação e recriação dos desejos dos participantes. Esta análise nos permitiu constatar que o grupo social foi condição de conscientização do indivíduo e das mediações institucionais no desenvolvimento de uma cultura de relações sociais.

Além disso, o espaço constituído através da *práxis* pelo grupo, possibilitou o desenvolvimento de ações educativas relacionadas à questão ambiental – fundadas nos princípios de participação, reflexão e respeito ao meio em que se vive e convive – contribuindo, dentro das limitações aqui colocadas e discutidas, para a potência de ação e mudança de atitude no grupo de jovens em foco, ou seja, através dos encontros do grupo ‘Água é Vida’, houve a oportunidade de formação de um “sujeito ecológico”.

Esses jovens puderam experienciar e experimentar uma nova forma de ver o mundo e de lidar com ele. E cada um à sua maneira tem levado o que aprendeu às pessoas mais próximas. A maior transformação foi na vida pessoal, pois estão saindo para trabalhar, estudar, seguir um ideal, carregando consigo o discurso que era desenvolvido no grupo, mostrando que existem outras formas de lidar com a vida, com as pessoas, com o planeta. Nem todos fazem o que querem, mas buscam fazer o que podem com responsabilidade social e com dedicação.

Através do processo aqui relatado, tornou-se possível perceber o crescimento, desenvolvimento e aperfeiçoamento desse grupo de jovens, que serviu de apoio e base para este estudo.

“É um menino magro, de muito peso não é. Mas tem peso de homem, de obra de ventre de mulher. (...) tem a marca de homem, marca de humana oficina. (...) as mãos que multiplicam nas suas já se adivinha. (...) É tão belo como um sim numa sala negativa. (...) Belo porque é uma porta abrindo-se em mais saídas.”

“E não há melhor resposta que o espetáculo da vida: vê-la desfiar o seu fio (que também se chama vida), ver a fábrica paciente que ela mesma se fabrica, vê-la surgir como há pouco em nova flor explodida.”

(trechos do poema ‘Morte e vida Severina’, de João Cabral de Melo Neto).

## REFERÊNCIAS

AGENDA 21 – **O Caso Do Brasil**: perguntas e respostas. Brasília: MMA. 1998. 40 p.

AGENDA 21 LOCAL – **Experiências da Alemanha, do Nordeste e Norte do Brasil**. HERMANNNS, K. MACEDO, M. (Org.) – Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2003. 99 p.

ALMEIDA, R.J. (Coord.); Orsolon, A. **Planejamento ambiental** - caminho para participação popular e gestão ambiental para nosso futuro comum. Uma necessidade, um desafio - Rio de Janeiro: Thex Ed.: Biblioteca Estácio de Sá, 1993. 176 p.

ANDERY, A.A. Psicologia na comunidade. In: (Org.) LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.). **Psicologia social** – O homem em movimento. São Paulo : Editora Brasiliense, 1984. cap. 4, p. 203-220.

AVANZI, M.R. WUNDER, A. COSTA-PINTO, A.B. OLIVEIRA, C.L. SPEGLICH, E. NONATO, R.C. OLIVEIRA, V.G. Reflexões Metodológicas sobre Construção Coletiva de Conhecimento e Educação Ambiental. In: MATA, S. (Org.). **Educação Ambiental**: Projetivas do século. Rio de Janeiro: MZ Editora, 2001. 187 p.

BECKER, H.S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. Tradução: Marco Estevão, Renato Aguiar; revisão técnica: Márcia Arieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 178 p.

BRANCO, M.T.C. **Os jovens sem terra**: identidades em movimentos. 1999. 201 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, São Paulo, 1999.

BRANDÃO, C.R. **A pergunta a várias mãos**: a experiência da partilha através da pesquisa na educação. – São Paulo : Cortez, 2003. 318 p. (Série saber com o outro) v.1.

\_\_\_\_\_**Pesquisa participante.**/ Carlos Rodrigues Brandão (Org.). – São Paulo : Brasiliense, 1999. 211 p.

BUORO, A. **O olhar em construção:** Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 2000. 160 p.

CARVALHO, I.C. **Ambientalismo e Juventude:** o sujeito ecológico e o horizonte da ação política contemporânea. In: VANNUCHI, R. N. (Org.). **Juventude e Sociedade:** trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo : Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004a. cap. 3, p. 53-74.

\_\_\_\_\_**Educação ambiental:** a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004b. 256 p.

CHAUÍ, M.S. **Espinosa** : uma filosofia da liberdade. – São Paulo : Moderna, 1995. 112 p. (Coleção logos).

CIAMPA, A.C. **A estória do Severino e A história da Severina** – Um ensaio de psicologia social. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987. 242 p.

COSTA, L.R.F. Estratégia de planejamento. **Ciência e Cultura.** Rio de Janeiro. v.38, p.136-137, 1986.

COSTA-PINTO, A.B. **Em busca da potência de ação: educação ambiental e participação na agricultura caiçara no interior da Área de Proteção Ambiental de Ilha Comprida, SP.** 2003. 209 p. – Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

DEMO, P. **Avaliação Qualitativa.** 7.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. 109 p. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

DÍAZ B.J.E. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982. 67 p. (Coleção primeiros passos).

EDUCAÇÃO Ambiental - Propostas e experiências. São Paulo: CECAE / CEAM : Ed. Novo tempo, SMA, USP. 1989. 145 p.

FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 11 ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1977. 506 p.

FOULCAUT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. In: MORAIS, R.C.M.M.J. (Trad.), NOVAES, L.P.A. (Supervisão de texto) – Rio de Janeiro : Nau Ed., 2000. 158 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165 p. (Coleção Leitura).

GADOTTI, M. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000. 132 p. (Série Brasil Cidadão).

GEILFUS, F. **80 herramientas para el desarrollo participativo: diagnóstico, planificación, monitorio, evaluación**, 1997. 208p. IICA - GTZ, San Salvador, El Salvador.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. Campinas, SP: Papyrus, 2000. 174 p. (Coleção Papyrus Educação). 2000. 174 p.

\_\_\_\_\_ **Educação Ambiental: no consenso um debate?** Campinas, SP: Papyrus, 2000. 94 p. (Coleção Papyrus Educação).

GUTIÉRREZ, F. **Educação como práxis política**. NEGRINO, A. (Trad.) – São Paulo : Summus, 1988. 125 p.



GUTIÉRREZ, F; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 1999. 128 p.

JACOB, L. **A formação do Agrônomo-Educador: um estudo de caso na ESALQ-USP**. – 2004. 202 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nacional de Brasília. Brasília, 2004.

Jornal do Jardim Oriente. **Vítimas da opressão**. Editado pela Organização Comunitária do Loteamento Jardim Oriente. Piracicaba – SP: 1999. nº 1. p. 1 – 4.

Jornal do Jardim Oriente. **Voz do Povo**. Editado pela Associação dos Moradores do Jardim Oriente. Piracicaba – SP. Mar. 2000. nº 3. p. 1 – 4.

KEHL, M.R.A Juventude como sintoma da cultura. NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo : Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. cap. 5, p. 89-114.

LANE, S.T.M. **Psicologia Social – O Homem em Movimento**. 9. ed. In: CODO, W. (Org.) São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984. 220 p.

LANGENBACH, M. **A rede ecológica - um guia de educação ambiental**. Rio de Janeiro: PUC, Programa de vídeos ecológicos, 1997. 198 p.

LIMA, S.M.F. **Ongs o que são e por onde trilham?** O estudo de caso de uma Ong Ambientalista. 2002. 87 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Campinas, Campinas, 2002.

LOUREIRO, C.F.B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo, Cortez, 2004. 202 p.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social** - teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 64 p.

MORAIS, F.M.R. **Educação e Fotografia: contribuições à percepção de problemas ambientais**. 2004. 309 p. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004.

MUNHOZ, M.C.G. Principais tendências e modelos de Educação Ambiental no sistema escolar. **Revista Iberoamericana de Educação**, v.11, maio/ago. 36 p., 1996.

OLIVEIRA, C. **Diagnóstico participativo para elaboração da Agenda 21 comunitária do município de Boa Vista do Ramos - AM**. Botucatu: UNESP. 2000, 135 p.

OLIVEIRA, D. **Imprensa sindical, globalização neoliberal e mundo do trabalho, 1997**. 127 p. Tese (Doutorado Programa de Comunicação) - Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

OLSON, M. **A lógica da ação coletiva**. São Paulo: Edusp. 1999. 201 p.

PEREIRA, W.C.C. **Dinâmica de grupos populares**. Ed Vozes – Petrópolis: 10. ed. 1995. 159 p.

**PROJETO PISCA** – Conservação e educação na sub-bacia do Ribeirão Piracicamirim. Piracicaba: ESALQ/USP, 2004. 1 v.

QUINTAS, J.S. (Org). **Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente** / Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Brasília: Ed. IBAMA, 2000. 162 p. (Coleção meio ambiente. Série educação ambiental).

RAYMUNDO, M.H.A. **Educação ambiental na Serra do Itapety, Mogi das Cruzes – SP, construindo uma Agenda 21 local.** 2002. 169 p. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2002.

Revista de Psicologia CRP SP. Transformação Social - a psicologia construindo uma sociedade mais justa e solidária: **A emancipação de assentados da CESP. Ilha Solteira**, São Paulo, v.9, n. 1, p. 63, 2001.

RIBEIRO, R.J. **Política e Juventude:** o que fica de energia. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade:** trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo : Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. cap. 1, p. 19-33.

ROSA, A.V. **Abordando as relações agricultura e meio ambiente no ensino formal, através da educação ambiental: considerações a partir de um caso.** 2001. 260 p. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2001.

SANTOS, B.S. **A crítica da razão indolente** – Contra o desperdício da experiência - Para um novo sendo comum: a ciência o direito e a política na transição paradigmática. 3. ed. São Paulo : Cortez, 2001. 598 p.

SANTOS, B.S. (Org.). **Democratizando a democracia.** São Paulo, Ed. Cortez. n. 1, 2003. 548 p.

SANTOS, C.C. **Formação de educadores ambientais e potência de ação: um estudo de caso.** 2002. 164 p. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2002.

SAWAIA, B. **Ambientalismo e participação na contemporaneidade.** In: SPOSATI, A. SORRENTINO, M. (Coord.). São Paulo : EDUC/FAPESP, 2001. cap. 5, p.115-134.

SECAMILLI, E.N.F.S. **Uso e ocupação do solo**. Piracicaba: Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, 2003. 35 p.

SORRENTINO, M. Crise ambiental e educação – In: QUINTAS, J S. **Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente**. Brasília: Ed IBAMA, 2000.161 p.

SORRENTINO, M. COSTA-PINTO A.B. **Potência de ação como força motriz da participação**: uma proposta de educação ambiental no Vale do Ribeira, SP. In: MATA, S.F. (Org.). Rio de Janeiro: MZ Editora, 2001. 122 p.

TASSARA, E.T.O. **Avaliação de projetos sociais**: uma alternativa política de inclusão?. (texto baseado em palestra apresentada no curso promovido pelo Laboratório - Social) São Paulo – SP. 2002. 28 p.

TASSARA, E.T.O. **Conhecimento científico e intervenção social**. (texto elaborado para disciplina, ministrada na USP) São Paulo, SP. 2003. 8 p.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa** - 8. ed. - São Paulo : Cortez, 1998. 98 p.

VELASQUEZ, C.S.C. **Da formação de grupos à ação coletiva: uma análise em grupos de jovens do assentamento rural da Fazenda Ipanema – Iperó – SP**. 2002. 153 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2002.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Ed. Letras Contemporâneas, 1989. 194 p.

BRÜGGER, P. **Educação ou adestramento?** Florianópolis: Ed. Letras Contemporâneas, 1999. 202 p.

CHARDIN, T. **Vida e pensamentos**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2001. 136 p.

OLSON, M. **A lógica da ação coletiva**. São Paulo: Edusp, 1999. 201 p.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso** : princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas, SP : Pontes, 2005. 100p.

SARTRE, J.-P. **Crítica de la razón dialéctica**. Buenos Aires: Losada, 1970. v. 1 e 2.

WUNDER, A. **“Encontros de águas” na Barra do Ribeira: imagens entre experiências e identidades na escola**. 215 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2002.

**ANEXOS**

## Anexo 1 Resumo do Projeto FEHIDRO.

**RESUMO DO PROJETO FEHIDRO**

**Diagnóstico Ambiental da Cobertura Vegetal e Focos de Degradação do Ribeirão Piracicamirim Aliado à Educação Ambiental através de Elaboração Participativa de Agenda 21 no Loteamento Jardim Oriente**

**Introdução**

Inicialmente foi realizada uma intervenção no local : plantio simbólico de 50 mudas na área ciliar do ribeirão. Constatamos um descaso da população em geral , um mês após o plantio, já não restava nenhuma planta. Percebemos a necessidade de fazer um trabalho envolvendo a população através de Educação Ambiental para que o plantio seja realizado com participação da comunidade e se desenvolva uma maior valorização do ribeirão e seu entorno.

**Objetivos principais:**

- Realizar um diagnóstico da cobertura vegetal e focos de degradação nas margens do ribeirão Piracicamirim e seus formadores: ribeirão Campestre e córrego Saltinho
- Elaborar de forma participativa uma Agenda 21 local, como projeto piloto para conscientização e ação por parte da comunidade;
- Elaborar um projeto de recomposição das margens do ribeirão Piracicamirim e entrar com um pedido de autorização junto aos órgãos competentes.

**Objetivos Específicos Da Caracterização Botânica**

- Obter a descrição qualitativa, quantitativa e representação cartográfica da cobertura vegetal nas margens dos cursos d'água que integram a bacia do ribeirão Piracicamirim.
- Mapear os remanescentes florestais situados às margens dos cursos d'água que integram a bacia do ribeirão Piracicamirim e classificá-los ao tipo de formação florestal e grau de perturbação.
- Conhecer a composição florística e estrutura fitossociológica dos remanescentes florestais situados nas áreas de preservação permanente da bacia do Piracicamirim.
- Identificar focos de degradação nas margens dos cursos d'água que compõe o ribeirão Piracicamirim.
- Eleger remanescentes prioritários para conservação e áreas prioritárias para restauração

### **Objetivos Gerais da Elaboração Participativa da Agenda 21**

- Subsidiar o desenvolvimento de métodos e técnicas voltados à participação popular na recuperação, conservação e melhoria do meio ambiente e qualidade de vida;
- Contribuir para a formação de uma comunidade consciente das necessidades de conservação do ambiente e que descubra suas próprias formas de atuar para garantir a melhoria da qualidade de vida.
- Incentivar formas cooperativas, autônomas e planejadas de atuação;
- Elaborar uma Agenda 21 do Jardim Oriente;
- Favorecer o desenvolvimento de habilidades sociais pró-ativas nos participantes, através de vivências e jogos;
- Estimular e facilitar o envolvimento dos moradores da área, especialmente da escola local, nas atividades de diagnóstico da vegetação da região.

Diagnóstico fitossociológico, envolvendo os jovens da comunidade.  
Coordenado por : Luiz Vicente B. Buffo e

Educação Ambiental e elaboração de Agenda 21 do loteamento.  
Coordenada por: Flávia Rossi de Moraes e Isis Akemi Morimoto e Ana Paula Coati  
Estagiária: Milene Navarro  
Trabalhos já desenvolvidos:

Simone Guimarães : capacitação para professores da escola Thales Castanho de Andrade e análise qualidade da água e construção de maquete do ribeirão e entorno com os alunos da escola citada.

Flávia: Apoio ao Jornal comunitário do bairro, realizando oficinas de jornalismo, juntamente com uma equipe da Unimep e a elaborando projeto para angariar fundos para a continuação da existência do jornal .



***INSTITUIÇÃO PROPONENTE***

Laboratório de Política e Educação Ambiental – OCA, do Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – ESALQ da Universidade de São Paulo – USP.

***RESPONSÁVEL PELO PROJETO***

Prof. Dr. Marcos Sorrentino (Laboratório de Política e Educação Ambiental do Departamento de Ciências Florestais –LCF / ESALQ / USP)

DURAÇÃO Seis meses

CUSTO TOTAL R\$ 44.250,00

VALORES DOS RECURSOS SOLICITADOS R\$ 34.212,00

CONTRAPARTIDA DO PROPONENTE R\$ 10.038,00

***SUPERVISÃO***

A supervisão do projeto será feita pelo Prof. Dr. Marcos Sorrentino coordenador do Laboratório de Política e Educação Ambiental (OCA) do Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo.

O monitoramento e avaliação do andamento dos trabalhos será através de relatórios das etapas de forma escrita e em reuniões que servirão para adequar o método proposto a realidade deste estudo. Os consultores deverão ter a capacidade de atuação, pesquisa e análise da situação ao mesmo tempo, propondo formas de ampliar este estudo de caso para outros bairros de Piracicaba.

***DESCRIÇÃO GERAL***

O presente projeto pretende realizar um estudo das margens do ribeirão Piracicamirim, visando sua posterior recuperação e utilizando a Educação Ambiental junto aos moradores como instrumento de sensibilização e conscientização dos problemas ambientais, elaborando de forma participativa com a comunidade, uma Agenda 21 no loteamento Jardim Oriente.

## Anexo 2 Jornais do Jardim Oriente

# JORNAL JARDIM ORIENTE

## Editorial

Enfim estamos colocando nas ruas de Piracicaba um grande sonho que sempre tivemos: o jornal do bairro Jardim Oriente

Há muito tempo temos sentido a falta de um meio de divulgação das atividades de nossa Associação de Moradores, das necessidades do nosso bairro e principalmente para publicar denúncias de descumprimento de compromissos assumidos ou da falta de interesse ou desleixo da administração no atendimento dos nossos pedidos.

Esses são os principais objetivos desse jornal, além de servir como material de divulgação das atividades de outras Associações que ainda não possuem jornal próprio ou que não tenham pensado na importância desta ferramenta de informação.

Neste primeiro exemplar trazemos um pouco da história do Jardim Oriente, começando por sua formação que aconteceu sob os olhos da Guarda Civil Municipal que "supervisionou" a retirada dos moradores da área que habitavam para levá-los, abaixo de chuva e repressão policial, até o local onde é atualmente o Jardim Oriente, a organização comunitária, as injustiças sofridas por nossa gente, nossas lutas e vitórias.

Leiam, reflitam e participem da elaboração das próximas edições com sugestões, denúncias e divulgação de atividades.

"Um passo à frente e já não estamos mais no mesmo lugar!"

Maria Francisca Dias Machado  
Presidente da Associação de Moradores  
Jardim Oriente

## Vítimas da Opressão

Enquanto os moradores do centro e dos bairros mais nobres da cidade apóiam a administração municipal e seus programas de habitação, a população das áreas de assentamento sofre as reais e desumanas ações de despejo promovidas com a ajuda da força Guarda Civil Municipal e sem o apoio de

### Trabalhos e oportunidades

Os trabalhos e o empenho da população através da Associação de Moradores Jardim Oriente e entidades vem dando bons frutos.

Através de programas são oferecidos cursos que ajudam no aumento da renda dos moradores do Oriente.

Página 3

### E agora, José?

Página 4

nenhum dos vereadores eleitos através do voto dessa população.

Essa também foi a realidade dos moradores do Jardim Oriente, que hoje convivem com o descaso, a falta de saneamento e os alagamentos frequentes.

Página 2

### A União fez a força!

A união dos moradores e a mobilização bem articulada fez maioria histórica de participação de delegados no orçamento participativo, demonstrando o interesse e a vontade dos moradores em trazer melhorias.

Página 3

### Enquanto isso...

Página 4

Liderança, esse espaço também é seu. DENUNCIE! Tel: 3411-8963



Página 2

# Vítimas da Opressão



Dia da retirada dos moradores, abaixo de chuva e observados pela Guarda Civil. No canto inferior direito, o detalhe da viatura da GC.

Além da péssima qualidade do material utilizado na construção das casas causando rachaduras e risco de desabamento, ainda existem os alagamentos que são frequentes.

Os preços das casas, que seriam acessíveis, tornaram-se impagáveis com os juros altos, e hoje grande parte dos moradores está sendo citada pela EMDHAP que quer promover a reintegração de posse.



Os alagamentos são frequentes e as casas, abaixo do nível da rua, enchem de água. O prejuízo é crônico.

Ainda levamos em conta que a maioria dos moradores possuíam casas de alvenaria na área de onde foram retirados antes de serem condenados a residir no atual Jardim Oriente, casas melhor construídas, mais seguras, já pagas, o seu verdadeiro lar, levantados com o suor do seu trabalho e superando todas as dificuldades de conseguir recursos para a compra do material. Essas casas também foram covardemente derrubadas naquela manhã chuvosa. Isso é justo?

Assim surgiu o Bairro Jardim Oriente: abaixo de repressão policial, os moradores foram "convidados" a providenciar suas mudanças e dirigirem-se para o local onde a prefeitura havia construído novas casas através da EMDHAP.

Só se esqueceram de dizer que as casas ainda não estavam terminadas, algumas ainda sem telhado, outras já com rachaduras nas paredes, mas o pagamento seria adequado à situação financeira de cada morador..



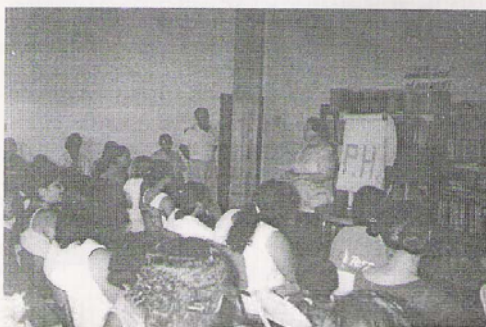
Ao fundo, o detalhe das casas de alvenaria que muitos moradores, com esforço, conseguiram construir. Todas foram derrubadas.



Página 3

## Trabalhos e Oportunidades

Muitos trabalhos desenvolvidos pela Associação de Moradores têm dado bons resultados, como as reuniões da pastoral da criança com atividades como palestras, acompanhamento do crescimento das crianças, Núcleo de Assistência à Mulher e ministrando cursos, como costura, artes plásticas, bijuteria, que ajudam no aumento da renda familiar ou na prática desportiva, como a capoeira, tirando crianças das ruas.



Palestra na pastoral



Pesagem na pastoral da criança

As atividades são constantes e abertas à toda a população, inclusive de outros bairros.

A organização, a vontade e o empenho dos moradores e de todos aqueles que pertencem à Associação é, sem dúvida, o ponto alto da comunidade do Jardim Oriente.

Esta organização e a mobilização forte dos moradores se reflete também na hora das reivindicações ao governo municipal.

## A Força da União



O sucesso da mobilização deu consciência da importância da articulação em conjunto, fazendo com que a população valorizasse a Associação de Moradores, levando mais de 400 pessoas para a eleição da nova diretoria.

A união dos moradores do Jardim Oriente foi atestada na reunião do orçamento participativo de setembro de 2001 quando foi levado número recorde de delegados e representantes.

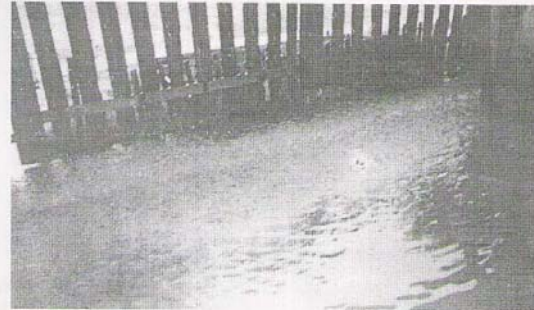


# Enquanto Isso...



Onde estavam os vereadores eleitos pelo voto popular e que têm por obrigação fiscalizar e defender a população das injustiças e violações dos direitos humanos?

Enquanto os moradores sofriam com a opressão e a injustiça de serem deslocados à força para moradias ainda não terminadas que não lhes tiram o "rótulo" de favelados, sem água, luz ou asfalto e sofrendo com os frequentes alagamentos...



# E agora, José?

## EMDHAP ESCLARECE AOS MUTUARIOS DO JARDIM ORIENTE

- EMDHAP NÃO É UM PROBLEMA PARA ESPERAR. É UM PROBLEMA QUE SE RESOLVE NA PRÁTICA, PORQUE, EM CASO DE NECESSIDADE, TEMOS A COLABORAÇÃO DE TODOS OS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO, QUE SÃO MUITO ORGANIZADOS E CAPAZES DE ENFRENTAR QUALQUER SITUAÇÃO.
- A ATITUDE DA EMDHAP SEMPRE TEM SIDO COM RESPEITO E CORTEZANIA COM OS MUTUARIOS DO JARDIM ORIENTE. ENTÃO, SE VOCÊ TEM ALGUM PROBLEMA, POR FAVOR, NÃO SE DESESPERE. VAMOS TRABALHAR JUNTAMENTE PARA ENCONTRAR A MELHOR SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA.
- A EMDHAP NÃO TEM O OBJETIVO DE SE ENRIQUECER. O SEU OBJETIVO É TRABALHAR PARA O BEM DE TODOS OS MUTUARIOS DO JARDIM ORIENTE. SE VOCÊ TEM ALGUM PROBLEMA, POR FAVOR, NÃO SE DESESPERE. VAMOS TRABALHAR JUNTAMENTE PARA ENCONTRAR A MELHOR SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA.
- A EMDHAP NÃO TEM O OBJETIVO DE SE ENRIQUECER. O SEU OBJETIVO É TRABALHAR PARA O BEM DE TODOS OS MUTUARIOS DO JARDIM ORIENTE. SE VOCÊ TEM ALGUM PROBLEMA, POR FAVOR, NÃO SE DESESPERE. VAMOS TRABALHAR JUNTAMENTE PARA ENCONTRAR A MELHOR SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA.
- A EMDHAP NÃO TEM O OBJETIVO DE SE ENRIQUECER. O SEU OBJETIVO É TRABALHAR PARA O BEM DE TODOS OS MUTUARIOS DO JARDIM ORIENTE. SE VOCÊ TEM ALGUM PROBLEMA, POR FAVOR, NÃO SE DESESPERE. VAMOS TRABALHAR JUNTAMENTE PARA ENCONTRAR A MELHOR SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA.
- A EMDHAP NÃO TEM O OBJETIVO DE SE ENRIQUECER. O SEU OBJETIVO É TRABALHAR PARA O BEM DE TODOS OS MUTUARIOS DO JARDIM ORIENTE. SE VOCÊ TEM ALGUM PROBLEMA, POR FAVOR, NÃO SE DESESPERE. VAMOS TRABALHAR JUNTAMENTE PARA ENCONTRAR A MELHOR SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA.
- A EMDHAP NÃO TEM O OBJETIVO DE SE ENRIQUECER. O SEU OBJETIVO É TRABALHAR PARA O BEM DE TODOS OS MUTUARIOS DO JARDIM ORIENTE. SE VOCÊ TEM ALGUM PROBLEMA, POR FAVOR, NÃO SE DESESPERE. VAMOS TRABALHAR JUNTAMENTE PARA ENCONTRAR A MELHOR SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA.
- A EMDHAP NÃO TEM O OBJETIVO DE SE ENRIQUECER. O SEU OBJETIVO É TRABALHAR PARA O BEM DE TODOS OS MUTUARIOS DO JARDIM ORIENTE. SE VOCÊ TEM ALGUM PROBLEMA, POR FAVOR, NÃO SE DESESPERE. VAMOS TRABALHAR JUNTAMENTE PARA ENCONTRAR A MELHOR SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA.
- A EMDHAP NÃO TEM O OBJETIVO DE SE ENRIQUECER. O SEU OBJETIVO É TRABALHAR PARA O BEM DE TODOS OS MUTUARIOS DO JARDIM ORIENTE. SE VOCÊ TEM ALGUM PROBLEMA, POR FAVOR, NÃO SE DESESPERE. VAMOS TRABALHAR JUNTAMENTE PARA ENCONTRAR A MELHOR SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA.
- A EMDHAP NÃO TEM O OBJETIVO DE SE ENRIQUECER. O SEU OBJETIVO É TRABALHAR PARA O BEM DE TODOS OS MUTUARIOS DO JARDIM ORIENTE. SE VOCÊ TEM ALGUM PROBLEMA, POR FAVOR, NÃO SE DESESPERE. VAMOS TRABALHAR JUNTAMENTE PARA ENCONTRAR A MELHOR SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA.
- A EMDHAP NÃO TEM O OBJETIVO DE SE ENRIQUECER. O SEU OBJETIVO É TRABALHAR PARA O BEM DE TODOS OS MUTUARIOS DO JARDIM ORIENTE. SE VOCÊ TEM ALGUM PROBLEMA, POR FAVOR, NÃO SE DESESPERE. VAMOS TRABALHAR JUNTAMENTE PARA ENCONTRAR A MELHOR SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA.



Ao contrário do que sugere a EMDHAP em documento que circulou no bairro, a Associação não é má liderança, comprovado pelas vitórias e pela capacidade de mobilização.

Queremos somente o que é justo. Nosso Centro Comunitário de R\$25 mil está inacabado e sem previsão para terminar e nossas casas não têm condições de serem habitadas, além das pesadas parcelas e dos juros altos.

Como se pode permitir a construção de casas tão irregulares num loteamento oficial? Que tal regularizarmos as construções antes de serem cobradas as parcelas?

Vamos continuar sendo ignorados ou a prefeitura irá assumir suas responsabilidades?

E agora, José?

RESUMO EXECUTIVO  
EMDHAP - EMPRESA MÚLTIPLO DE DESENVOLVIMENTO HABITACIONAL  
"A SUA CASA É O SEU MAIOR BEM"



# VOZ DO POVO

Jornal da Associação dos Moradores do Bairro Jardim Oriente - AMJO  
Piracicaba - Março - Ano I - Nº 3

## JARDIM ORIENTE CONQUISTA SEU ESPAÇO

Participação do bairro na marcha das mulheres foi marcante



**Praça José Bonifácio** - A marcha Global das mulheres contra a pobreza e a violência sexista é uma manifestação de combate ao preconceito contra a mulher.

Mulheres de todas as idades e classes se uniram no dia 13 de março para uma manifestação na praça central de Piracicaba. A barraca permaneceu durante o dia inteiro colhendo assinaturas e informando a população a respeito dos motivos da marcha. Munidas de um equipamento de som, várias mulheres discursaram contra a violência sexista, lembrando que nenhuma mulher deve se submeter à qualquer tipo de opressão, seja por



parte do marido, dos filhos, etc. Alguns bairros foram convidados a participarem da marcha tendo, assim, oportunidade de mostrarem os trabalhos sociais desenvolvidos nos mesmos.



O Jardim Oriente foi representado por três painéis onde foram organizadas fotografias referentes aos trabalhos desenvolvidos

no bairro. O jornal Voz do Povo também foi contemplado com um cartaz onde se podia ler um pouco sobre a sua história. Muitos passantes paravam e se interessavam pelos painéis perguntando sobre os bairros em questão.

No horário do almoço, a praça foi invadida por uma multidão de cores e alegorias: era o espetáculo TAMBÔ, grupo formado por mulheres do bairro Eldorado, de São Paulo, que apresentaram um pouco de sua característica dança, que mais tarde foi apresentada no teatro da Unimep em comemoração do dia internacional da Mulher.

### “União Trina”

Integração e Desenvolvimento  
Água Branca, Oriente e Serra Verde

No dia 9 de março aconteceu no bairro Serra Verde a reunião envolvendo lideranças representando o Jardim Oriente, Serra Verde e Água Branca. Muitas questões foram discutidas e chegou-se a conclusão de que um trabalho conjunto é perfeitamente possível. Muitas das reivindicações dos bairros são comuns e lutando juntos a possibilidade de se obter melhorias junto aos órgãos públicos aumenta. As reuniões estão ocorrendo todas as sextas-feiras, na Sorveteria Água Verde e o convite se estende a todos os interessados dos três bairros e demais bairros vizinhos.



Representantes dos três bairros se reuniram para discutir a luta conjunta



APROVEITE NOSSOS PREÇOS!

## SUPER VAREJÃO MORENO

FRUTAS . VERDURAS . LEGUMES

Latarias em Geral

Rua 1, nº 235 - Jardim Oriente

Horário de funcionamento  
8:00 às 20:00



## EDITORIAL

Chegamos ao número 3 do "Jornal Voz do Povo". Este número é um pouco diferente dos outros dois anteriores. Continuamos cobrindo todos os acontecimentos de maior relevância para o bairro mas sem esquecer que não podemos ignorar o que acontece no mundo lá fora. Dessa maneira, tentamos colocar matérias que também sejam úteis para os leitores no seu cotidiano.

Desde de dezembro do ano passado estamos tentando reunir uma equipe de jovens do bairro para se responsabilizar pela elaboração do jornal. Um jornal de bairro só pode ser produzido quando um grupo de pessoas interessadas aceita o desafio de materializá-lo. Graças à colaboração das jovens Denise de França, Juliana Pires, Karina de Campos Ferraz e Francisca Diniz que, juntas, formam a equipe de redação do jornal, contando com a coordenação de Nadiléia da Conceição e Berenice Moratto, o número 3 do "Voz do Povo" foi praticamente construído por moradores do bairro. Isto já pode ser considerado uma vitória. O resultado está aqui para que todos possam ler e usufruir. Boa leitura.

## AGENDA

### Abril:

**Dia 4- REUNIÃO NO GABINETE DO PREFEITO** para falar sobre creche, posto de saúde, asfalto, término da construção do Centro Comunitário, linha de ônibus, equipamentos esportivos e alteração no valor das mensalidades das casas da Endhap.

**Dia 7- CURSO DE BIJOUTERIA.**

Será no Salão Paroquial, às 14:30hs, para maiores de 16 anos.

**Toda terça e quinta às 17:30hs a LBV e a Igreja Presbiteriana** distribuirão sopa para todos em lugares alternados do bairro. Informe-se.

## O que é uma Cooperativa?

Cooperativa é uma organização constituída por membros de determinado grupo econômico ou social, que objetiva desempenhar, em benefício comum, determinada atividade. As premissas do cooperativismo são: identidade de propósitos e interesses; ação conjunta, voluntária e objetiva para ordenação de contribuição e serviços; obtenção de resultado útil e comum a todos.

Hoje, as cooperativas atuam com sucesso no campo da prestação de serviços, segmento de mercado que mais gera postos de trabalho e que se destaca na economia mundial a partir da década de 60. Como já foi dito no Brasil as Cooperativas de Trabalho e Cooperativas de Prestação de Serviços foram reconhecidas juridicamente, como válidas, no final do ano de 94.

No bairro Jardim Oriente a reunião inicial da "cooperativa de catadores" aconteceu no dia 14 de março. Muitas pessoas do bairro compareceram mas a intenção do presidente da cooperativa, Valdinei, é trazer mais moradores para se familiarizarem com o

cooperativismo. A cooperativa trabalha com a possibilidade de gerar empregos imediatos para as pessoas interessadas. O trabalhador da cooperativa funcionaria como um

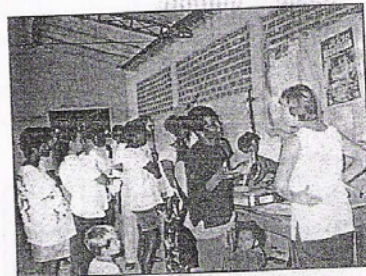


catador/conscientizador do lixo urbano, visitando as casas e explicando a importância de separar o lixo que todos nós produzimos. Plásticos, latas de alumínio, papelão, tudo isso é separado e depois vendido à empresas interessadas. O telefone do escritório da Cooperativa é 432-1159 e o seu endereço no centro de Piracicaba, Rua Santa Cruz, 1281.

## O QUE É SISVAN?

Sisvan é um órgão que trabalha para combater a fome e a desnutrição através da pesagem de crianças, distribuição de leite, avaliação contínua dos fatores que influenciam no sistema nutricional da população. No Jardim Oriente, o Sisvan atende cerca de 100 crianças entre seis meses e dois anos.

A pesagem é feita nos postos de saúde próximos e o leite em pó é distribuído no bairro por peruas próprias. Mensalmente, as famílias beneficiadas devem participar de palestras educativas ministradas pelo pessoal especializado do Sisvan onde se discute a melhor alimentação para o bebê recém nascido entre outros fatores.



Reuniões do Sisvan acontecem no Salão Paroquial

### Expediente Voz do Povo

Coordenação Geral: Prof. Francisco Romero  
Publicidade, redação e editoração eletrônica:  
José Luiz M. Sampaio e Gustavo Marcondes  
Jornalista responsável: Vinicius Moraes  
Tiragem: 500 exemplares  
Fotolito e Impressão: A Tribuna Piracicabana



### Planejamento familiar, higiene e cuidados com o bebê

temas abordados pelo Curso de Gestantes

A Instituição Espírita Imael é responsável pelo projeto desenvolvido no bairro relativo à orientação de gestantes. Esta entidade trouxe para o Jardim Oriente uma programação elaborada cuidadosamente para educar e informar a mulher que esta prestes a ter um bebê ou que pariu a pouco tempo. As metas principais trabalhadas pela Instituição são: o Planejamento Familiar, a Higiene, Doenças Sexualmente Transmissíveis (Gonorréia, AIDS, etc.), cuidados especiais para o período de gestação, cuidados com o bebê sempre visando conscientizar as gestantes sobre a enorme responsabilidade que é ter um filho. Amenizando essas carências maternas cria-se um vínculo de amor e afeto entre mãe e filho. A Instituição Espírita Imael tem a intenção de continuar com esse curso no bairro e, desde já, planeja a realização de outros tipos de projetos no Jardim Oriente. A coordenação é feita pela Diretora Roseli Mandini Calil, pela professora Alice Coelho Oliveira e Vera Lúcia P. Russian e voluntários. O Jardim Oriente agradece a entidade pela preocupação e dedicação para com nossas futuras mães e bebês.

O que? Curso para gestantes  
Quando? Quintas-feiras às 14:30hs  
Duração: 9 semanas

**COOPERE COM O SEU  
BAIRRO!**

**ANUNCIE NO JORNAL  
VOZ DO POVO!**

**PEÇA INFORMAÇÕES NA AMJO  
OU COM O SEU REPRESENTANTE DE  
RUA.**



### Crianças recebem apoio escolar

NAM - Núcleo de Apoio Multi-Familiar tem pedagogas e psicólogas trabalhando no bairro

O grupo de apoio ao desenvolvimento familiar desenvolve outro projeto voltado para o benefício das crianças do bairro. O trabalho é feito com várias famílias para a discussão de problemas familiares e possíveis soluções. Para as crianças, um trabalho de pedagogia acontece quatro dias da semana, principalmente, visando o reforço escolar. Quarenta e cinco famílias do Jardim Oriente já estão usufruindo dos benefícios que o curso oferece e ainda há espaço para outras que tenham interesse em participar. Enquanto houver recursos do Estado o projeto continuará tendo como sede o Jardim Oriente. Alguns participantes dos cursos dizem que a população deveria aproveitar melhor o trabalho desenvolvido pelo núcleo comparecendo mais às reuniões. Você que é pai e mãe e gostaria de participar das reuniões, deve procurar as coordenadoras Cíntia (Pedagoga), Leila (Psicóloga), Célia (Serviço Social) e Ana Cristina (Assistente Social) na Rua 6, "Paróquia dos Santos Reis".

O que?  
NAM, Núcleo de Apoio Multi-Familiar  
Quando? Terças e Quintas, a cada 15 dias  
Onde? Rua 6, "Paróquia dos Santos Reis"

### Pastoral da Criança também atua no Bairro

A Pastoral da Criança desenvolve um trabalho de fundamental importância no bairro Jardim Oriente. A coordenadora, Roseli Maria Domingues Márcio, conta que o projeto faz, atualmente, o controle de 490 crianças de 0 à 6 anos, desnutridas ou não, para que estas possam crescer de maneira saudável. O trabalho se estende até a orientação para as gestantes e mães em relação à amamentação, vacina anti-tetânica e outros assuntos de interesse.

Uma multi-mistura, enriquecida com as vitaminas mais importantes para as mães e para os bebês, é distribuída em todas as reuniões, visando balancear a alimentação de todos os participantes. Rose afirma que se as mães conseguirem seguir o controle proposto, participando de todas as reuniões, as crianças conseguem sair da desnutrição. O projeto também conta com o auxílio de um médico-pediatra, Dr. Oscar Vieira, e de um Oftalmologista, Dr. Arrigo, os quais, oferecem tratamento para os casos mais graves. Rose faz um apelo às mães para que abracem esta causa com ela, colocando a saúde da criança sempre em primeiro lugar. A cooperação da mãe começa quando ela se faz presente no dia do controle.

O que? Pastoral da Criança  
Quando? Nas terças e quarta feiras do mês, das 13:00 às 17:00 hs  
Onde? Salão Paroquial

**SUPERMERCADO POLIBOM**  
Qualidade e preços baixos!

Entregamos à domicílio

Rua 02, 311 - Serra Verde (Oriente)  
Fone: 426-1074



## JORNAL VOZ DO POVO

março

Fique por dentro Fique por dentro Fique por dentro Fique por dentro Fique por dentro Fique por dentro

### Saiba o que está acontecendo na Igreja do bairro...

**Catecismo** - A equipe de redação do Jornal "Voz do Povo" foi até a Igreja do Bairro Jardim Oriente e conversou com vários de seus coordenadores colhendo um importante material para que todos que vivem no bairro fiquem por dentro do que acontece ao seu redor. Todas as integrantes da equipe de redação estão de parabéns pelo excelente trabalho desenvolvido na coleta de informações, de vital importância para a continuidade do Jornal "Voz do Povo".

O primeiro entrevistado foi o **Coordenador Geral da Catequese, Paulo Cesar de Camargo.**

**Voz do Povo - Qual é o seu trabalho na Igreja?**

**Camargo** - Eu sou coordenador Geral da Catequese e a Adriana é Vice-coordenadora. Procuramos levar a evangelização para as crianças, para os adolescentes e os adultos promovendo e incentivando a participação nas celebrações e procurando ajudar a comunidade.

**Voz do Povo - Quantas crianças e adolescentes participam do Catecismo?**

**Camargo** - São 77 crianças que estão participando do Catecismo no momento.

O que? Catecismo

Quando? Todos os sábados, das 8h30 às 16h30

### Grupo de pagode da Igreja

O grupo de pagode da Igreja Unidos em Cristo é formado por 10 integrantes: Alex, Aguinaldo, Léia, Michele, Ariane, Ricardo, Renam, Thaís, Patrícia e Denise. A idéia foi iniciativa dos próprios jovens componentes que procuravam uma maneira criativa de passar a palavra de Cristo.

Missas: Sábados 19h00 às 20h00

Reuniões: todas as terças com o Padre Dantas

### Grupo de Jovens Jodac

A equipe de redação também esteve conversando com os coordenadores **Fábio Paula de Souza** e **Eliana Ramos de Almeida** responsáveis pela organização do Grupo de Jovens Jodac.

**Voz do Povo - Qual é a função do grupo?**

**Coordenadores** - A função do grupo Jodac é levar os jovens a conhecer a importância da palavra de Deus e o amor do pai.

**Voz do Povo - Desde quando o grupo atua no bairro?**

**Coordenadores** - Estamos no bairro a aproximadamente um ano e três meses.

**Voz do Povo - Quantos adolescente formam o grupo Jodac?**

**Coordenadores** - Aproximadamente 34 jovens.

O que? Grupo de Jovens Jodac

Quando? Aos domingos, das 19h00 às 21h00 hs

### SUPLETIVOS

Supletivo de 3ª à 4ª série

Dia: Segunda à Sexta

Horário: 18h50 às 21h30

Idade: mínimo de 14 anos

Professor: Dulce

Tempo de duração do

Supletivo?

Cada série dura 100

dias.

Número de pessoas que

estão no Supletivo?

17 alunos frequentam as

aulas.

Supletivo de 1ª à 2ª série

Dia: Segunda à Sexta

Horário: 18h50 até 21h35

Professor: Solange Silva

Tempo de duração?

100 dias letivos

Número de pessoas que estão

no Supletivo?

No geral, 35 alunos

## Anexo 3 – Atas das Reuniões do Grupo de Jovens

### 1) Ata do Décimo encontro com os Jovens do Jardim Oriente

Data: 05 de Dezembro de 2002

**Presentes:** S1, S8, S3, S2, S\_<sup>24</sup>, S5, S10, S\_, Ana, Milene e Flávia.

**Relato:**

S6 teve que sair porque tinha marcado uma entrevista para emprego então, perguntamos para ele logo no começo como foi fazer o questionário, sua resposta foi de que não teve nenhuma dificuldade.

Iniciamos a reunião com um relaxamento. Distribuímos pranchetas e lápis que ficarão com eles para fazerem os questionários e anotações durante os encontros.

Em seguida resolvemos a questão do calendário, ficou certo que faremos encontros ainda nos dias 12 e 19 de Dezembro e depois retornaremos dia 09 ou 16 de Janeiro e, prometemos já começar pelas aulas que os engenheiros do levantamento florístico irão dar e também a oficina de fotografia da Flávia.

A Ana iniciou a dinâmica das velas, deu uma vela para cada um e enquanto acendíamos as velas uns dos outros ela ia lendo um texto sobre trabalho em grupo. Ela pediu para que prestássemos atenção no que isso significa em relação a nós mesmos e ao grupo porque ao acendermos a vela um do outro simbolicamente estamos acendendo a chama das pessoas, isso significa que devemos sempre estar atentos para animar quem não está empolgado com o trabalho do grupo e ajuda-lo nas suas dificuldades. Flavia pediu para comentarem o que acharam da dinâmica: S10 achou bom pois é uma boa maneira de incentivarmos as pessoas a fazerem o que fazemos. Milene disse que o trabalho em grupo é um ótimo aprendizado porque é diferente do que as pessoas fazem, não é uma pessoa fazendo algo que trará benefícios para ela, mas sim todos fazendo algo que será bom para todos.

Então pedimos que o grupo fizesse um desenho em conjunto, sem tema definido apenas para eles perceberem como é o trabalho em grupo.

Após o desenho começamos a discussão sobre o questionário, dos que fizeram ninguém achou dificuldades. S5 perdeu o dele e não fez, o restante que não veio semana passada recebeu um novo questionário e o trará feito na semana que vem.

Ana perguntou o que eles gostariam de fazer, de aprender e as respostas foram:

- S1: fazer mais experiências como aquelas que fizemos com a água.
- Todos: Aprender a cuidar do meio ambiente, água plantas e animais.
- S8: Poderíamos colocar placas de conscientização sobre meio ambiente próximas do rio.

Ultimo informe: semana que vem traremos os questionários, o texto de apoio e os compromissos que firmamos no outro encontro.

Avaliação: - Cobraram a camiseta que não trouxemos ainda. S1 gostou de tudo mas mais do desenho. S8 também gostou de tudo e mais do desenho porque ele trabalha com a criatividade o que é bom para todos. S3 gostou de tudo, e disse também que gostaria de fazer mais atividades como a de encerramento da semana passada. S\_ gostou de tudo mas não sabe pintar. S10 disse que parou de vir pois tinha que trabalhar mas agora vai voltar com certeza. S\_ gostaria de mais brincadeiras e filmes. S2 achou bom, mas não fez muita coisa. S5 gostou mais do desenho e gostou da idéia de filmes e brincadeiras. Flávia gostou que hoje tem mais gente, pediu desculpas para o atraso e espera que todos voltem. Ana gostou bastante e achou bom que as meninas vieram mesmo que atrasadas, ela acha que o grupo é forte e que conseguiremos fazer bastante coisa boa, mas achou que hoje o grupo estava um pouco mais disperso. E a Milene gostou de tudo principalmente de termos fechado o grupo de 10 pessoas.

### 2) Ata Décimo Primeiro encontro com os Jovens do Jardim Oriente

Data: 12-12 2002

**Presentes:** S2, S\_, S1, S8, S3, S\_, S10, S6, S5, Flávia, Ana, Milene, Farelo (um técnico do LERF) e um novo integrante, S\_.

**Relato:**

Primeiramente nos apresentamos. Em seguida Farelo falou do levantamento que vai fazer com o Vicente na bacia toda e ofereceu que se algum dos jovens quiser participar será bem vindo, mas eles irão participar de qualquer forma pelo menos quando fizermos o levantamento da parte do Jardim Oriente.

---

<sup>24</sup> Todos os S\_ encontrados nos anexos das atas, são referentes a jovens que participaram poucas vezes dos encontros.

Em seguida fizemos um relaxamento. Todos andaram com todos os lados do pé para massageá-lo.

Sobre os questionários:

S10 fez a entrevista com um ex-morador da colônia taquaral que disse que o rio ficou poluído depois das casas. Flávia perguntou se eles acham que isso é verdade. Houve divergências.

S5 falou do seu questionário.

S2 entrevistou sua cunhada.

S\_ e S1 também disseram que não tiveram dificuldades.

Após esse relatos escrevemos a música do Jardim Oriente na lousa e todos a copiaram e cantaram. A Flavia sugeriu aumentarmos música com mais sobre rio, água, etc, pensamos juntos e fizemos uma nova estrofe.

Cantamos a música novamente e depois cantaram a música do Jovem Cidadão.

Distribuimos a Cartilha da Agenda 21.

Começamos a leitura.

S6 leu "o que é agenda 21"

Explicamos um pouco como executar a Agenda, com o muro das lamentações, a árvore da esperança e a respeito de como devemos começar do local que vivemos para depois expandir.

Explicamos que o meio ambiente começa em nós mesmos, na nossa rua, nossa casa, na busca do equilíbrio, em nós e a nossa volta.

Retomamos o assunto do respeito e dos pactos, então falamos das relações com as pessoas, e eles acabaram contando um pouco da história do bairro, sobre como houve mão grande, que só forneceram material de terceira qualidade, que tem que pagar muito alto pela energia, que iam entregar com asfalto, cada um teve que construir sua casa ou pagar um pedreiro. Prometeram pouco mas não cumpriram nada.

Para a próxima reunião ficou combinado de cada um trazer alguma coisa para falar da história do bairro.

Agora passamos a discutir sobre o grupo e as bolsas:

S5 acha que devemos pagar integral para quem já está aqui faz tempo.

Mesmo que entre mais gente combinamos que não vamos mais dividir a bolsa.

Ana disse que estão assumindo um compromisso e eles tem que ter consciência disso porque mais pra frente vai aumentar o tempo de serviços e quem assumiu tem que se dedicar.

O grupo tem regras e eles mesmos fizeram as regras, portanto as decisões vão ser feitas por eles, inclusive sobre as bolsas, é tudo um exercício de grupo Ficou decidido fechar o grupo em 11 bolsas.

#### AVALIAÇÃO:

S\_ quer continuar, gostou de conhecer o grupo.

S1 gostou de termos definido em quantas pessoas ficou e gostou da música.

S8 gostou da idéia de gravar a música e gostou da camiseta.

S2 gostou, disse que está aprendendo um pouco mais e quer aprender cada vez mais.

S5 achou essa a aula mais construtiva de todas.

S\_ gostou de ter aprendido sobre agenda 21.

S\_ gostou de ter resolvido sobre as bolsas.

S3 gostou da dinâmica e de ter entrado mais uma pessoa, "estávamos engatinhando e agora vamos começar a caminhar".

S6 gostou mais dessa reunião e gostou da camiseta.

Ana gosta muito daqui, acha bom continuarmos a fazer música, aprimorarmos mais a leitura e trazermos mais coisas para o dia a dia.

Milene gostou do que está aprendendo.

Farelo gostou e acha que tem que tocar pra frente, "não pode ir para casa e parar".

Flávia gostou de todos terem se expressado e deu boas vindas ao S\_, achou bom a camiseta pois com eles a usando vão apresentar o projeto para a comunidade e vamos conseguir envolver o bairro.

Anexo 4 Resultados do “Muro das Lamentações”, da “Árvore da Esperança” e os compromissos firmados no grupo.

### **”ÁRVORE DA ESPERANÇA” - DO GRUPO DE JOVENS**

“Bom, minha esperança é que todas as pessoas deve ter caráter, fidelidade e conhecimento ao meio ambiente pra que ele mude cada vez mais pra melhor. Pra que todos que moram no bairro que tenha uma vida saudável e o asfalto que vai ajudar a todos no bairro.”

“Eu sonho e tenho muita esperança de ver o nosso bairro todo estruturado todo asfaltado, mas o principal é construir uma grande área verde. Mais que cada um principalmente os moradores do bairro cuidem dessa área verde como se fosse seu próprio filho. Porque nós estamos vendo como é difícil realizar esse sonho, mais se cada um fizer a sua parte iremos conseguir, a união faz a força.”

“Um mundo melhor, sem desigualdade, um mundo unido. Essa são nossas chance de mudar nossas crises. Um governo que possa fazer algo para nós. E melhorar nossas chances de vida.”

“A esperança que nunca morrerá: Tenho esperança que um dia todos serão tratados igualmente perante a sociedade sem fome sem morte com saúde e alegria. Esperança que essa realidade de hoje transforme numa realidade diferente no futuro para que isso aconteça não devemos perder a esperança e lutar pelos nossos direitos.”

“Eu quero para o meu bairro e para meu povo muita esperança, paz harmonia nunca desistir de seus objetivos por que se Deus quiser vamos conseguir um povo unido, vencedor batalhador, nunca pense negativo e sim positivo.”

“Minha esperança é que o meu bairro se torne futuramente um dos lugares que tenha o maior índice de sobrevivência do país. Espero também que com o tempo as pessoas vão perdendo essa ignorância que leva o mundo ao caos.”

“No bairro deveria formar outros grupos como este, eu sei que seria difícil pois seria voluntário, mas se todos parassem pra pensar um pouco perceberiam que iria melhorar um bocado, por que somos nós que moramos aqui.”

### **“MURO DAS LAMENTAÇÕES” - DO GRUPO DE JOVENS**

“Grupo: Não dão risadas, são muito parados, precisam de mais dinâmica.

Bairro: As pessoas que fazem o bairro, pessoas más, bairro mal” (S6).

“Do grupo: Bom na minha opinião as pessoas desse grupo deve colaborar mais com as normas do curso.

Do bairro: As coisas ruins que tem no bairro é a orientação da população a desigualdade o carisma um pelo outro, farmácia, um posto de saúde pra ajudar todo que necessita dia a dia de todos os medicamentos etc” (S4).

“No grupo: Ter mais respeito quando estiver pessoas falando. Explicando alguma coisa. No bairro precisa-se de uma área verde para o lazer. Um posto policial, uma farmácia e atendimento médico adequado” (S1).

“O que eu acho ruim no grupo: No grupo o que eu acho ruim é eu gosto do grupo mas tem uma coisa que eu não gosto, tem vez que tem muito falatório, mas é legal e tem que acordar muito cedo.” (S7)

“Nosso bairro precisa melhorar mais no posto de saúde. Acho que deve construir um pronto socorro. Para podermos cuidar melhor da nossa saúde.

Acho que nós do grupo precisamos ter nossa própria sala, para refletir melhor nosso trabalho.” (S9)

“No bairro: Desunião, árvores, sujeira, tem porcos, lixo, drogas.

No grupo tudo bem.” (S2)

“No bairro: No bairro seria bom se tivesse uma farmácia, um centro comunitário e também um parquinho para as crianças brincarem. E seria ainda melhor se acabasse a violência que tem nesse bairro, e sim no mundo inteiro.” (S8)

“Quanto ao bairro: Eu lamento não ter uma área de lazer, de não ter uma praça e de não ter muitas árvores, principalmente frutíferas.

Eu lamento por não termos recurso para fazermos as coisas por nós mesmos.” (S\_)

“No grupo: Só um dia de reunião mais ação.

No bairro: A cabeça das pessoas, a violência.” (S5)

“No grupo precisamos de mais entusiasmo e interesse pelo que fazemos. E união entre o grupo.” (S3)

“No bairro Jardim Oriente: falta infra-estrutura no bairro. Não há segurança. Muita briga, muita droga.”

“No bairro falta árvores, união, limpeza, posto policial, posto de saúde melhor.”

“O que eu acho ruim no bairro: A falta de orientação e os moradores tem que ser mais unidos e tem que trabalhar mais e falar menos.”

“No bairro precisamos de muitas árvores para mudar o ambiente em que vivemos. E mais trabalho em grupo.” (S\_)

### **Compromissos Firmados no Grupo de Jovens, Após Dinâmica Da “Árvore Da Esperança” e do “Muro das Lamentações”.**

#### **AGENDA 21 GRUPO ‘ÁGUA É VIDA’**

Devemos ter/ fazer:

Limpar o que está sujo (dar exemplo);

Ter autocrítica;

Trocar idéias para chegar a consensos;

Sentir-se parte do grupo;

Cumprir tarefas.

Não devemos ter/ fazer:

Não sujar o ambiente (não dar mau exemplo);

Não ter medo de errar;

Não brigar;

Não discutir com violência;

Não atrasar mais que 10 minutos;

Não falar sem justificativa.



Anexo 5 Fotos da 1ª Feira Ambiental do Jardim Oriente



## Anexo 6 - Música composta pelos jovens do grupo 'Água é Vida'

## MÚSICA

"Projeto Água é Vida"

O tempo tem a natureza  
Temos o sol e a chuva  
Vamos preservar  
Na terra pomos<sup>25</sup> a semente  
Vimos aves, flores, frutos no lugar

## REFRÃO

Projeto Água é Vida  
Vamos todos preservar  
O que Deus nos deu agora  
Vida e força pra olhar

A água é um elemento  
Que nos gera força pra sobreviver  
Ser humano, fauna e flora  
Chegou a hora vamos aprender

Pare um pouco pra pensar  
Sem a natureza  
Como vamos viver  
Sem as árvores sem os frutos  
E sem água pra você beber

---

<sup>25</sup> Pedimos ao leitor, licença poética.

## Anexo 7 - Transcrições das Entrevistas

### ENTREVISTA S5

O que você achou do trabalho do projeto Água é Vida?

Resp.- Ah o projeto Água é Vida trouxe vários benefícios ambientais pro bairro, mudou a cabeça de alguns jovens, quem fez o curso mesmo tem uma certa consciência ambiental hoje, pode ter certeza, mudou vários hábitos. Meus hábitos pelo menos mudou bastante. Sabe quando você tá desligado e você joga um papel no chão, hoje é super diferente, se eu vou jogar alguma coisa no chão, aí nossa! Não tô sendo conveniente, eu já guardo no bolso, espero chegar em casa pra jogar. O pessoal até fala, ai você vive com o bolso cheio de papel de bala e não joga no chão.

E eu acho que mudou sim, quem fez o curso e se empenhou bastante no curso, mudou bastante a cabeça sim, ambiental de preservação de tá interagindo com o meio ambiente, mudou bastante mesmo.

E do bairro, você que mora aqui, eu conversei esses dias com o Marquinhos, mas ele não mora aqui, ele tá mais afastado, por causa de não estar no grupo, acaba tendo esse afastamento. Eu queria saber se você consegue visualizar alguma mudança do bairro em geral? Não pelo nosso trabalho só, mas a gente deu um estarte inicial, nós começamos a falar nesse assunto, teve o lance da arborização, falar do Pisca, aquela feirinha que nós fizemos...

Resp.- Assim, na parte de urbanização do bairro, de tá asphaltando, é uma coisa que mudou bastante o bairro e acho que veio bastante benefício pro bairro na parte de tá pensando na árvore que tá na frente da sua casa, você saber cuidar dela, saber o nome da árvore, o fruto que ela deu. Acho que foi bastante benéfico pro bairro sim. Teve até uma campanha de arborização, não sei se muitos tomaram conta, porque muitos não quiseram, mas a gente tenta passar uma consciência pro pessoal, mas é duro você tentar e em um dia, mas eu acho que mudou bastante o bairro, eu sinto que o bairro mais arborizado, apesar de não tá tão arborizado como a gente gostaria que tivesse. Mesmo a coisa aqui da praça tá meio parado, seria legal rolar o projeto agora, sabe ficar o bairro mais fresco.

Pesquisadora – E o lance que falta, que rolava tanto no nosso grupo, quanto no grupo que tá agora, sempre reclamava da falta de ter um espaço de lazer e a praça era o nosso desejo disso. E ainda por não ter a praça, o bairro não tem uma área de lazer?

S5 – é não tem muito, agora é que tem ali, o centro comunitário que deve tá rolando, faz tempo que eu não participo das atividades aqui do bairro, fico ocupado, acaba envolvido com outras coisas né? Assim, na parte de lazer o pessoal deve ter no final de semana, deve ter oficina cultura, artesanato, capoeira, mas algum lugar pra você estar no dia-a-dia, um espaço não tem. Eu acho que deve ter projeto... mas um local específico mesmo não tem, o pessoal sente muita falta disso mesmo.

Apesar de você estar ficando mais fora do bairro, você tem uma relação legal com o pessoal do bairro?

Resp.- Tenho, o pessoal conhece eu pelos grupos do jovem cidadão, água é vida. Tem uma relação sim, conheço o pessoal, as vezes eu fico por aqui, faz tempo que eu não desço lá em baixo, conversar, saber das coisas, mas...

Você acha que ainda tem coisa pra ser realizado na parte ambiental?

Resp.- Como a gente tá falando do bairro ter melhorado bastante, se for ver de uns tempos pra cá, agora, eu acho que tem bastante. A consciência mesmo mudou mas pouco, é uma coisa assim, alguns jovens que se empenharam nisso conseguiram, mas acho que falta bastante. Até mesmo montar um espaço, lá em baixo mesmo que tem o córrego, num sei que pé que tá pra despoluir, mas acho que falta bastante sim, isso com o tempo ou melhora ou para.

O que você achou da forma como a gente fez o curso/encontro, da forma como a gente agia, como a gente apresentava as coisas ou discutia, o que você acha disso?

Resp.- ah, eu acho que foi bem abrangesse todos os assuntos, bem interativo também, a gente fazia alguns trabalhos em campo, que era o que eu mais gostava. E acho que foi bem legal, você's passaram coisas pra gente, que a gente não sabia, eu sempre gostei dessa parte de meio ambiente, de mexer com planta, com terra, então eu já tava meio assim, mas eu não sabia muita coisa mesmo, a consciência ambiental de tá um papel no chão você pega, a consciência você sabe, mas sabe aquele costume que você tem desde pequenininho, mas eu acho que foi bem abrangente, foi bem colocado tudo o que você's queriam passar pra gente, acho que o pessoal pegou legal mesmo, acho que foi bem benéfico, eu falo por mim e pelos outros também.

Você tem algum sonho em relação ao bairro?



Resp.- tenho, o sonho é ver o bairro feliz mesmo, por mais que você acha que esteja feliz, pra você as vezes, que não vê muitas coisas, você acha que tá tudo bem, mas o sonho é ver o bairro bem arborizado, mais feliz, as pessoas mais conscientizada, não só na parte ambiental, na parte social mesmo. Se tando bem com um se tá bem com o outro. É cada dia ver um bairro melhor.

O que você vê, por ex., tem vários grupos que acontecem aqui dentro do Jardim Oriente, eu quero saber como que você vê isso, porque na verdade é uma coisa rara, não é todo lugar, as coisas estão chegando nos lugares, mas aqui tem muita coisa organizada, tá bem adiantado. O Jardim Oriente tem uma riqueza nisso né? Você vai conversar com o Totó, tem várias reuniões, reunião de tudo...

Resp.- É então, graças até ao Totó, à presidente do bairro que tão sempre preocupados com isso, preocupados pra que venha essas pessoas que estão interessadas em passar alguma coisa pra quem não tem o conhecimento. Eu acho legal sim, ter vários grupos cada um na sua parte, do seu modo, mas assim, passando aquilo que é importante, que é a consciência, você tá bem com você mesmo, tá passando aquela parte sentimental, auto-estima, eu acho muito legal, bem benéfico, o Jardim Oriente tá bem adiantado, tem até bairro que faz tempo que tem, que existe e que tá atrasado e o Oriente por ser novo, faz pouco tempo que tem, ter tudo isso já, acho que é um bairro que tá bem adiantado.

Pesquisadora – eu lembrei disso, porque você falou de um bairro feliz, uma coisa que é demorada, você tomar consciência real, você mudar algumas coisas, algumas formas de agir, mesmo que seja do pequeno do papel até uma coisa maior...

S5 – mesmo porque não é só o Jardim Oriente, é o mundo. Então, você começando do Jardim Oriente e englobando tudo, ou cada um pegando a sua ali pra juntar e expandir. Então, não só o Oriente, é mundial.

E pra você, um sonho?

Resp.- como assim.

Pesquisadora – teu sonho de vida, o que te move?

Resp.- o que me move, é eu me sentir bem no que eu faço, porque com certeza o que eu não tiver me sentindo bem ou eu não chego nem a fazer, ou eu paro no caminho, mas aquilo que eu tiver me sentindo bem, tiver gostando de fazer elevando a minha auto-estima. Assim, é um sonho pra mim, fazer uma faculdade, tá me sentindo bem no que eu faço, no meu caso específico na parte ambiental, que eu quero fazer ciências biológicas, então assim, eu me sinto bem com o assunto. Então é eu também comigo mesmo e com as pessoas que estiverem do meu lado, isso é muito bom, tá bem com a pessoa do teu lado com parente, com os amigos, isso é essencial. Porque você falar de um sonho de consumo é diferente de você se sentir feliz, você pode ter um sonho de consumo e não ser feliz. Então, o bom é você se sentir bem com você mesmo, espiritualmente e corporalmente, livre das coisas ruins do mundo.

Você percebe a diferença, em relação ao grupo, o trabalho que a gente fez, o pouco que a gente fez?

Resp.- acho que quem se empenhou mesmo, assim, a parte ambiental sempre prende a atenção, por você tá vivendo aquela parte ambiental. Eu acho que todo mundo do grupo entendeu bastante, alguns muito, tanto aquele que pegaram mais ou menos, aqueles que pegaram tudo, pelo menos se não tá agindo, sabe o que tá fazendo. Tem que começar agir né.

Você acha que a gente, no caso eu a Flávia, o pessoal do projeto Pisca que tava sempre acompanhando a gente, sempre dando uma assistência. A gente colaborou com a forma de atividade que a gente trouxe?

Resp.- como eu falei, você's foram a parte mais importante do curso, de tá passando o conhecimento, porque você's como estão mais tempo nessa área, entendem mais, assim, acho que foi super importante a presença de você's aqui no bairro, do próprio projeto Pisca, se preocupando com o rio, com os córregos que vão passar, acho que foi super importante a presença de você's aqui no bairro, como a auto-estima. Porque não adianta você ter uma pessoa no físico, mas não no espiritual. A energia foi muito legal, você's interagiam com o grupo então, todo mundo gostou de você's, não via ninguém reclamando a Flávia é chata, a Ana Paula não sei o que... Então isso mostra que teve uma troca legal, uma troca de experiência. Sem você's não tinha rolado essas coisas, assim, de aprender essa parte de meio ambiente...

A nossa forma de agir com o grupo, tipo a gente era mais de falar, discutir as coisas, não tinha essa coisa de impor. Você acha que isso era ruim?

Resp.- eu achava muito bom, muito legal, você's deixavam praticamente pra gente fazer é claro que você's jogavam a idéia, mas quem agia, quem tinha que fazer mesmo era a gente, pra ter mesmo essa consciência. Isso era a meta do curso né.

Pesquisadora – as vezes eu me preocupava, mas que é da nossa forma de trabalhar mesmo, que é coisa mesmo, de deixar pra você's, de qual é a idéia e a gente ficava tentando buscar isso de você's, o que você's querem, qual a idéia de você's? E com isso as vezes o pessoal demorava pra falar, não sei se isso era ruim?

Eu acho que era uma forma de você tá pensando no que você vai fazer. Quando a pessoa dá uma idéia pra você de repente, você fica pensando eu não sei sobre esse assunto, mas eu quero aprender, eu vou tentar fazer pra mim aprender.

Pesquisadora – mas eu falo assim oh, quando por ex., ao invés da gente dar uma idéia, por ex., aquela vez da feirinha ambiental, a idéia começou com o S6, a gente voltando do pisca ele falou “eu tenho um sonho de fazer uma feira de meio ambiente ainda ele falou” e aí a gente botou fogo só. Então a idéia veio totalmente de você's e uma coisa que a gente buscava nas atividades, na forma que a gente ia trabalhar com o grupo, era ver o que é que você's tinham, o que vocês queriam. E não sei se isso travava o grupo, porque “ ah não sei o que eu quero, tem tanta coisa que eu quero né?” é isso que me preocupava...

Resp.- travava um pouco mesmo, você ficar pensando o que fazer, mas acho que...

Pesquisadora – você acha que isso contribui? Ou não?

Resp.- eu acho que de certa forma sim, você tá deixando rolar, mas eu acho que sim, contribui sim, acho que foi muito importante isso de deixar rolar as coisas, não tá trazendo uma idéia específica, porque é assim. Então isso foi bem legal, cada um teve a sua autonomia, desenvolvendo o trabalho.

Pra finalizar, qual a tua avaliação dessa disso tudo?

Resp.- a minha é que foi a melhor forma possível, nota 10 pro trabalho de você's, da forma como foi colocado o assunto, isso foi importantíssimo pro bairro.

Pesquisadora – e uma avaliação pro grupo?

Resp.- eu acho que o grupo todo mundo se interagiu um com o outro, quem não conhecia o outro que morava no próprio bairro passou a conhecer, então eu acho que foi super legal, interagindo com pessoas que você não conhece, mas que tem a mesma idéia interligada, eu acho que foi nota 10 pro curso, pro trabalho, projeto, eu acho que foi muito legal sim.

Muito bom, obrigada S5.

## Anexo 8 Questões que permearam as entrevistas semi-estruturadas

Quais as opiniões que tem em relação ao trabalho desenvolvido no projeto 'Água é Vida';

Quais os principais problemas do bairro hoje. E o que pode ser feito pra mudar essas situações;

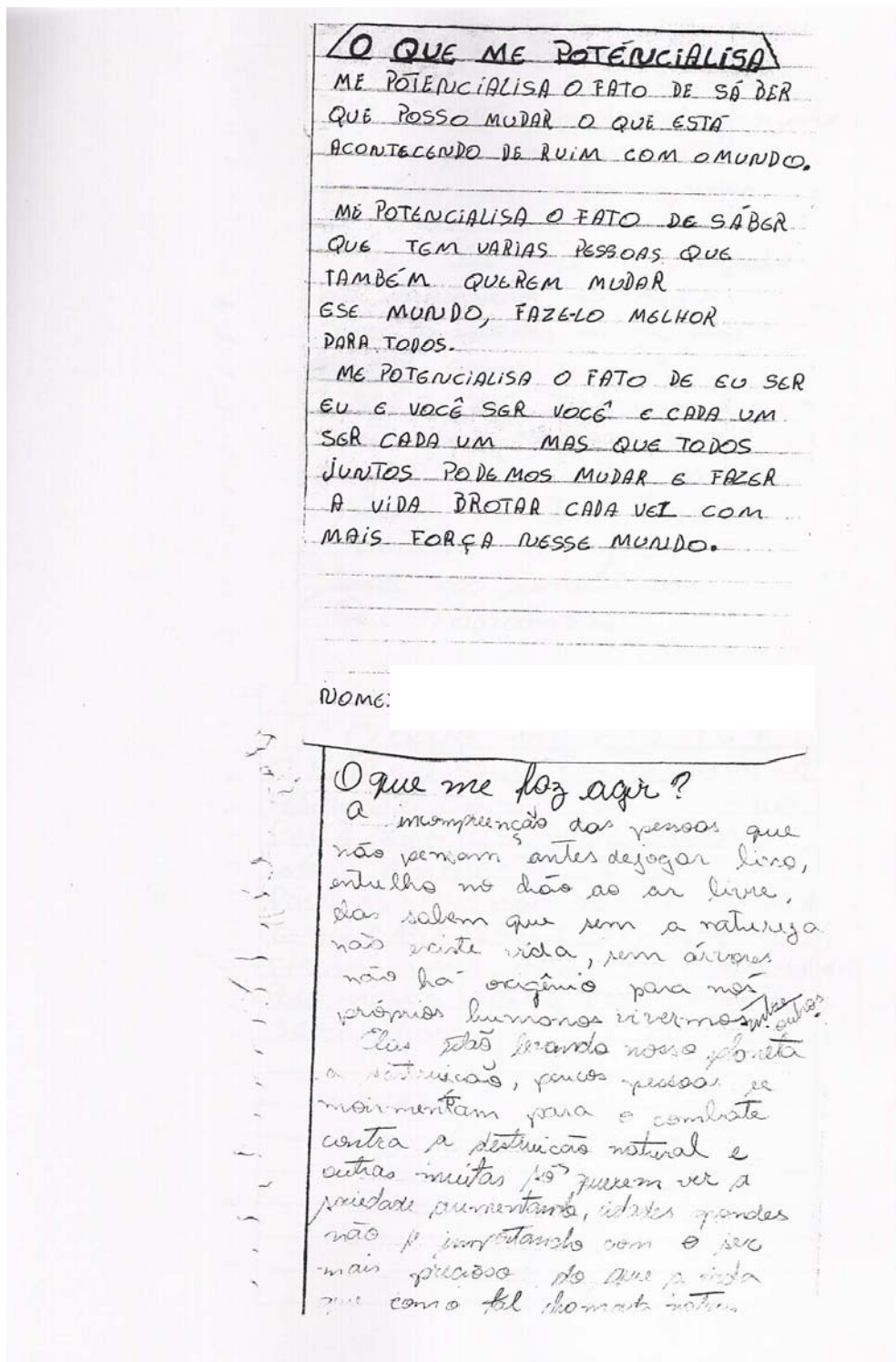
Tem feito alguma coisa para melhoria do bairro, ou participa de algum projeto ou grupo;

O que gostou e o que não gostou em nosso trabalho;

Tem sonhos em relação ao bairro. E para você;

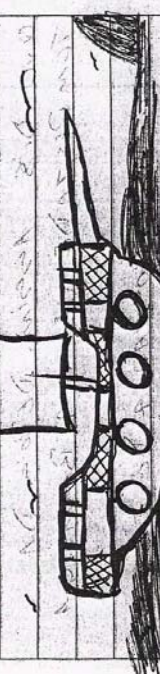
Como avalia o projeto, o que foi bom e o que foi ruim.

## Anexo 9 Materiais desenvolvidos pelos jovens durante os encontros



18/06/83

PRÁ ONDE ESTÁ O BARCO?



EU POSSO A FIRMAR COM TODA A  
 CERTEZA QUE ESSE BARCO PODE  
 E VAI IR EM BUSCA DOS SEUS  
 SONHOS DOS SEUS OBSEQUIOS  
 SIM, MAS PARA ISSO AGENTE  
 TEM QUE TER MUITA PACIÊNCIA  
 PERBEVÉ NA VIDA MUITA FÉ EM  
 DEUS E PRINCIPAL MUITO AMOR  
 NO QUE ESTÁ FAZENDO NA  
 SÓ ASSIM PENSANDO DESSA  
 MANEIRA SE DEDICANDO CADA VEZ  
 MAIS AO NOSSO TRABALHO QUE  
 IREMOS CONSEGUIR Atingir os  
 NOSSOS OBSEQUIOS, QUANDO ESSE  
 BARCO CHEGAR NO SEU DESTINO  
 VOCÊ VAI OLHAR PARA TRAZ  
 E VAI VER AS TEMPESTADES QUE  
 VOCÊ ENFRENTOU, A FURIA DO MAR

credeal

CONTA VOCÊ TENTANDO TE  
 EMPEDIR, MAS TEM UMA PALAVRA  
 QUE DIZ ASSIM DEPOIS DA  
 TEMPESTA DEVE HAVER UMA BOA  
 O QUE VOCE GOSTARIA DE ESTAR  
 FAZENDO NO BARCO?  
 EU GOSTARIA DE ESTAR PODENDO  
 PASSAR A OUTRAS PESSOAS  
 UM POUCO DO QUE EU APRENDI  
 SOBRE A CONCIÊNCIA DO DEUS  
 PODEM MUDAR A SORTE DAS  
 QUELAS PESSOAS QUE NA  
 DA A MINIMA A NATUREZA  
 SEU POUCO AMOR DO  
 O QUE VAI FAZER COM A  
 O QUE VAI FAZER COM A  
 O QUE VAI FAZER COM A  
 O QUE VAI FAZER COM A  
 O QUE VAI FAZER COM A



Anexo 10 Fotos do grupo desenvolvendo a oficina de Pin-Hole



Anexo 11 Fotos do passeio pela bacia do Pisca



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)